



PATRIMÔNIO

Arquitetura modernista sofre processo de degradação em JP

Capital possui vários prédios com traços dessa escola arquitetônica; porém, muitos estão em ruínas. **Página 7**



Foto: Roberto Guedes

Foco, disciplina e renúncia são pré-requisitos do concurseiro

O sonho da aprovação em um concurso exige disposição, sacrifício e um bem elaborado plano de estudo.

Página 16

JP celebra a diversidade com Parada no Cabo Branco

A mobilização LGBT-QIAPNB+ começa, hoje, a partir das 16h, com shows performáticos e musicais.

Página 3

Celebrando a negritude e as heranças africanas

Projeto educacional trabalha ancestralidade e identidade; o Dia da Consciência Negra, amanhã, é momento para reflexão. **Página 5 e 6**



Ilustração: Tônio

Uma história de seca, fome e canibalismo no Sertão paraibano

O flagelo provocado pela seca no ano de 1877 fez com que uma mulher chamada Domária dos Anjos praticasse canibalismo na Vila de Pombal. A vítima foi uma menina de cinco anos que havia sido abandonada pela família. A canibal depois foi condenada a uma "pena simbólica" de prisão.

Página 25

■ “Enquanto a IA oferece o potencial de deslocar alguns empregos, ela também abre avenidas para novas ocupações e pode levar à produtividade”.

João Bosco Ferraz de Oliveira

Página 17

■ “Virtudes são voluntárias [Aristóteles]; há responsabilidade pelos próprios atos ao conhecer a si mesmo e cumprir o sumo bem diante das circunstâncias da existência”.

Kleber Maux Dias

Página 10

Memórias Josinaldo Malaquias inovou na reportagem

O jornalista teve iniciativas inéditas, como escrever e fotografar no exercício da profissão em A União. Atrevido, como se autodefine, chegou a apanhar da polícia durante reportagem e se tornou professor universitário.

Páginas 14 e 15

Foto: Edson Matos



Pensar

Em meio a uma sociedade cada vez mais materialista e individualista, a solidariedade se apresenta de várias formas e continua fundamental para manter um povo unido. É um comportamento que leva os indivíduos a praticar uma função para o bem coletivo e precisa ser praticado de forma espontânea e altruísta.

Páginas 29 a 32



Editorial

A lição de Palmares

A persistência da desigualdade racial no Brasil impõe uma reflexão cotidiana à sociedade, e não apenas em datas como 20 de Novembro, dedicada à memória de Zumbi dos Palmares e à Consciência Negra, no sentido de obstinar-se na elaboração de políticas públicas de enfrentamento radical a este secular problema. Um absurdo o julgamento e condenação de pessoas pela cor da pele, como se a natureza fosse monocromática.

A luta antirracista, declarada ou anônima, de muitos cidadãos e cidadãs brasileiros, em prol de uma sociedade verdadeiramente democrática, vem, ao longo do processo histórico, emprestando melhorias à condição da população negra do país. No entanto, de uma perspectiva geral, a continuidade da desigualdade racial estrutural e sistêmica é criminosa, em virtude das penalizações que impõe a milhões de pessoas.

Um dado apenas, entre tantos, que exemplifica os transtornos sofridos por pessoas negras: o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), em seus estudos sobre a questão da extrema pobreza, constata que 73% dessa insensatez são formados por negros, e apenas 25% de brancos. Impedir que as estruturas socioeconômicas continuem reproduzindo o racismo é um dos caminhos rumo a uma sociedade mais igualitária.

O racismo deve ser extirpado das estruturas socioeconômicas, e diluído, enquanto uma espécie perigosa de “trombo”, das mentes que o cultivam, seja de modo patente, seja disfarçadamente. E um dos mais consideráveis campos de batalha contra o preconceito racial, porquanto ele ali também se enraíza profundamente, é a educação. Afirma-se, portanto, ser incompatível uma sociedade igualitária com uma educação racista.

A ancestralidade africana é uma das maiores riquezas do Brasil. Está presente na cor da pele, na arte, na cultura, na espiritualidade, enfim, é uma das pilastros indestrutíveis da estrutura social brasileira. Negar esse passado, inclusive na sua vertente mais trágica, o escravagismo, é um desatino, para dizer o mínimo. Desvario que assume caráter delituoso quando se discrimina pessoas, de variadas maneiras, pela sua afrodescendência.

Viva Zumbi dos Palmares, rei negro que desafiou impérios e provou ser possível construir um modelo de coexistência social pacífico, produtivo, solidário. Que as cores um dia sejam apenas cores, dádivas da natureza, e não estejam mais relacionadas a formas ultrajantes de julgamento da condição humana, cuja beleza está associada exatamente à diversidade. Vida é mudança. Que o racismo tenha um dia seu fim.

Artigo

O Dia da Consciência Negra

Amanhã, data oficial da “Consciência Negra”, é importante que façamos uma análise histórica da cultura afro-brasileira. O enfrentamento ao racismo, ainda presente com muita força na sociedade brasileira, provoca o debate para as questões étnico-raciais, procurando despertar a percepção da responsabilidade que cabe a todos nós quanto à luta em favor da população negra, com a definição de estratégias efetivas objetivando reverter esse cenário de intolerância e desigualdade.

Ao se prestar homenagem ao povo de origem africana trazido à força para o nosso país, principalmente nos primeiros séculos da história nacional, o movimento conhecido como “consciência negra”, fortalece a luta de resistência contra a desigualdade social a que grande parcela da nossa sociedade é submetida. Ao tempo em que se evidencia o valor da contribuição oferecida pela negritude, durante todo o período de formação cultural de nossa gente.

O termo negritude se tornou uma corrente literária e um movimento cultural. Tem sido, então, um trabalho em que se busca destacar a importância do protagonismo negro, mesmo diante do racismo estrutural que continua internalizado na sociedade brasileira, desconstruindo o papel de subalternidade a que historicamente vem sendo submetido.

A Lei Áurea, assinada pela Princesa Isabel no dia 13 de maio de 1888, abolindo a escravatura em nosso país, contudo, deixou os ex-escravos libertos entregues à própria sorte, vivendo à margem da sociedade, o que persiste até os dias atuais. Ainda que oficialmente a instituição da escravidão legalmente se extinguia, a população negra não foi contemplada com apoio ou assistência governamental para sua inserção social sem sofrer discriminações. Desde então o povo negro tem batalhado para eliminar, ou pelo menos minimizar, as disparidades sociais originadas do sistema escravocrata no Brasil.

O Dia da Consciência Negra que celebra a significativa colaboração cultural e econômica dos indivíduos escravizados para a formação da atual nação brasileira, foi oficialmente instituído pela Lei nº 12.519, de 10 de novembro de 2011, durante o governo de Dilma Roussef. A data faz referência à morte de Zumbi, líder do Quilombo dos Palmares, situado entre os estados de Alagoas e Pernambuco, destruído em 1864 por bandeirantes liderados por Domingos Jorge Velho. Zumbi morreu no

ano seguinte, 1865, depois de uma fuga e caçada feroz promovida pelo Estado. Em 9 de janeiro de 2003, início do primeiro governo Lula, foi assinada a lei nº 10.639, que incluía o estudo da História da África e dos Africanos, a luta dos negros no Brasil, a cultura negra brasileira e o negro na formação da sociedade nacional, como conteúdo programático das escolas brasileiras, resgatando a presença do povo negro nas áreas social, econômica e política pertinentes à História do Brasil.

O Dia da Consciência Negra reforça a necessidade da continuidade das lutas para que tenhamos uma sociedade mais justa, na crescente cobrança de oportunidades para a população negra no contexto socioeconômico do país e combatendo o racismo que procura apagar a importância da cultura africana na história nacional. Não podemos ignorar que as gerações de afro-brasileiros que sucederam à época de escravidão sofreram (e ainda sofrem) diversos níveis de preconceito.

Concluo essas reflexões transcrevendo o poema de um dos maiores abolicionistas da nossa história, Luiz Gama: “Em nós, até a cor é um defeito. Um imperdoável mal de nascença, o estigma de um crime. Mas nossos críticos se esquecem que essa cor, é a origem da riqueza de milhares de ladrões que nos insultam; que essa cor convencional da escravidão tão semelhante à da terra, abriga sob sua superfície escura, vulcões, onde arde o fogo sagrado da liberdade”.

“

O termo negritude se tornou uma corrente literária e um movimento cultural

Rui Leitão

Foto Legenda

Ortilo Antônio



E o passeio público?

Gonzaga Rodrigues

gonzagarodrigues33@gmail.com | Colaborador

A serra de Areia

A serra de Areia tem culpa pela minha apatia pelo mar. E não estou sozinho. Para morar à beira-mar o areense José Américo teve de plantar e cultivar uma Areia por trás de casa. Areia de mangueiras, sapotis e frutas brejeiras. Só faltou a gameleira, que era ele. Para mostrar que estava além e acima dos climas, associou às fruteiras conterrâneas uma fruta de agreste, a jabuticaba, que veio plantar aos 80 anos sabendo dos quinze para chegar à colheita. Não sei agora, depois que inventaram a Embrapa, a Emepa, capazes de colorir algodão ou monitorar o cultivo da mangaba, num esforço utópico para mudar os índices agrícolas da Paraíba.

Isso não tem quem mude, disse-me, numa de nossas andanças, o patoense Ronald Queiroz, levando em conta não somente as quinzilas do regime econômico e social como, principalmente, a aridez dos dois terços do território.

De outra vez ouvi a mesma coisa de um não especialista em economia ou em ecologia, o conselheiro Nominando Diniz, de pais e avós sertanejos, calejados nas vicissitudes da terra. Eu errava na comparação, achando que a Paraíba, por ter mais água que o Rio Grande do Norte, lograsse mais possibilidades de lavoura. Nominando corrigiu: “Engano seu, o Rio Grande do Norte tem terras melhores que as nossas”.

Custava-me acreditar, subindo a serra umbrosa do meu mundo, que não sobrasse húmus para a Paraíba inteira, ainda que em terras do Cariri e Seridó. A espiga de milho que a antiga Ancar plantara na Cajazeiras de João Rodrigues dava três das que quebrávamos entre Areia e Alagoa Nova.

Mas o “clima europeu em pleno verão tropical” não me parecia apenas discurso americista. À medida que você ia rodeando a Serra da Onça ou da Gameleira, os cortes da estrada minados de água, o arvoredo fechando o túnel úmido da sua passagem, o frio ao meio-dia. Ai, então, a sua natureza vai entranhando serra adentro, retemperando a crença e a força que motivaram as obras do espírito e as do Anel do Brejo.

Mas onde vi melhor a cidade de Areia foi da janela ao nascente do coronel José Henrique, da mesma patente popular de Zé Rufino, sendo tabelião de cor acabocada como eu. Um fervoroso militante cultural de sua terra. Fomos visitá-lo, há dez anos, eu e seu amigo José Octávio, ele tentando se restabelecer de um acidente nos

“

Mas o ‘clima europeu em pleno verão tropical’ não me parecia apenas discurso americista

Gonzaga Rodrigues

batentes de casa.

“Na nossa idade os batentes não ajudam muito,” – advertiu-me, o leito encostado à janela com as duas folhas abertas para a opulência verde que vinha na crista infestar seu espírito, Areia “suspensa sobre abismos” como a habituar seus filhos com os espaços infinitos.

Espaços que revejo agora retemperado pela autonomia de espírito que Horácio de Almeida herdou disto tudo. É como lhe sai este seu “Brejo de Areia”, uma das próximas reedições de **A União**, a mão carregada nos Miranda Henriques, Costa Pereira, Soares da Costa, Correia Lima, Guedes Pereira, Santos Leal, Costa Machado, Coelho Lisboa, os Borges, os Costa Gondim e demais troncos que entraram com Areia na hegemonia política e cultural da Paraíba de 1824, 1848, a força de sua economia e de seu espírito a animar a ousadia anticolonialista.

Nesse tempo Areia ia de Guarabira a Bananeiras ou mais longe até. Os capitais transmutados de Goiana e de Mamanguape e voltando multiplicados para Olinda e Recife. Dessa fuga veio a guerra de 1930, João Porteira obrigando a ficar na Paraíba o que se gerava na Paraíba. Assassinado a outro pretexto, ainda que a usurpação dos nossos recursos fosse denunciada num livro de 1600, assinado por Ambrósio Fernandes Brandão, senhor de engenho na várzea do Paraíba.

Mas o que pretendo agora é abrir a janela de quem se despediu de nós em 2017, mas ainda hoje inspira vida em todos. Grande José Henriques!

SECRETARIA DE ESTADO DA COMUNICAÇÃO INSTITUCIONAL EMPRESA PARAIBANA DE COMUNICAÇÃO S.A.



Naná Garcez de Castro Dória
DIRETORA PRESIDENTE

William Costa
DIRETOR DE MÍDIA IMPRESSA

Amanda Mendes Lacerda
DIRETORA ADMINISTRATIVA,
FINANCEIRA E DE PESSOAS

Rui Leitão
DIRETOR DE RÁDIO E TV

A UNIÃO
Uma publicação da EPC

Av. Chesf, 451 - CEP 58.082-010 Distrito Industrial - João Pessoa/PB

Gisa Veiga
GERENTE EXECUTIVA DE MÍDIA IMPRESSA

Renata Ferreira
GERENTE OPERACIONAL DE REPORTAGEM

PABX: (083) 3218-6500 / ASSINATURA-CIRCULAÇÃO: 3218-6518 / 99117-7042

Comercial: 3218-6544 / 3218-6526 / REDAÇÃO: 3218-6539 / 3218-6509

E-mail: circulacao@epc.pb.gov.br (Assinaturas)

ASSINATURAS: Anual R\$350,00 / Semestral R\$175,00 / Número Atrasado R\$3,00

CONTATO: redacao@epc.pb.gov.br

Fica proibida a reprodução, total ou parcial, de matérias, figuras e fotos autorais deste jornal, sem prévia e expressa autorização da direção e do autor. Exceto para impressão de cópias, com o fiel e real conteúdo, para uso e arquivo pessoal.

O U V I D O R I A : 99143-6762

PARADA LGBTQIAPNB+

João Pessoa celebra amor e cobra respeito e igualdade

Programação começa às 16h com discursos, shows performáticos e musicais

Italo Arruda
 ianolivrura@gmail.com

Com o tema “Diáspora de Todas as Cores: Antirracista, Cultura e (R)Existência”, acontece hoje, na orla de Cabo Branco, em João Pessoa, a 22ª Parada LGBTQIAPNB+ da capital. A programação terá início às 16h, com concentração em frente à loja da Empadinha Barnabé, no final da avenida Beira Rio, onde acontecerão os discursos de autoridades do movimento da diversidade e shows performáticos e musicais. A apresentação será por conta da atriz e produtora cultural Letícia Rodrigues.

De acordo com a organização da Parada, o objetivo da mobilização é convocar as autoridades governamentais e a sociedade civil a denunciarem o racismo estrutural e a LGBThomotransfobia, além de reivindicar pautas que garantam a igualdade e a promoção de políticas públicas e direitos para a comunidade.

“A gente vai para as ruas, mais do que nunca, celebrar o amor, o respeito à nossa existência e pedir para a sociedade e para as autoridades, mais proteção e garantia aos direitos humanos da nossa população. O Brasil é, pelo terceiro ano consecutivo, o país que mais mata a população LGBTQIAPNB+ no mundo. Precisamos cuidar da saúde mental da nossa população, garantindo acesso e permanência à educação,

acesso também às políticas de assistência social, de empregabilidade e de renda”, destacou o vice-presidente do Movimento do Espírito Lilás e membro da comissão organizadora da Parada LGBTQIAPNB+ de João Pessoa, Felipe Santos.

Ainda de acordo com Felipe, o evento também é uma resposta ao projeto de lei aprovado, recentemente, pela Câmara Municipal de João Pessoa, que proíbe a participação de crianças e adolescentes em paradas gays ou eventos similares promovidos pelo movimento na capital. “É um projeto de lei taxativo, que tenta responsabilizar a Parada e os organizadores, como se fosse um evento que coloca em risco a integridade física e moral de crianças e adolescentes. Esse papel não compete ao Poder Legislativo.

O evento também se propõe a fazer uma profunda reflexão sobre isso”, ressaltou Felipe.

O projeto em questão, de autoria do vereador Tarcísio Jardim, foi aprovado pela maioria dos vereadores e aguarda a sanção do prefeito Cícero Lucena. O Ministério Público da Paraíba já recomendou que o Poder Executivo vete a proposta.

Programação

A atração principal será do cantor pernambucano Ciel Santos e banda, que vai fazer o show de encerramento. Já a abertura da 22ª Parada LGBTQIAPNB+ será por conta da cantora e drag Julius Mackillary, também de Pernambuco. Antes, no entanto, haverá a entoação do Hino Nacional, marcando, oficialmente, o início da Parada da Diver-

sidade 2023.

Na sequência, DJ Griô comanda o som, com muita música e animação. Depois dessas primeiras apresentações, estão previstas falas de algumas autoridades, entre elas, a presidente do Conselho Nacional LGBTQIA+, Janaína Oliveira; o procurador do Ministério Público do Trabalho (MPT), Eduardo Varandas; além de representantes do Ministério Público da Paraíba (MPPB), da Assembleia Legislativa, da Prefeitura, e de entidades e movimentos sociais.

Também constam na programação apresentação dos dançarinos Cauã Castro e Viny Ballroom, shows das cantoras Bonyeva e Gabi Blue, e performances das drags Prince e Verinha Show, ambas de João Pessoa, e Morgana Sky, de Campina Grande.



A manifestação é um ato de denúncia contra o racismo e a LGBThomotransfobia

Foto: Freepik

UN Informe

Ricco Farias
 papiroeletronico@hotmail.com

ELEIÇÃO EM JP: JOÃO CONFIRMA SUGESTÃO DE PETISTA PARA REUNIÃO, MAS CRAVA APOIO A CÍCERO LUCENA

O secretário nacional de Economia Solidária, Gilberto Carvalho (foto), que cumpriu agenda em João Pessoa na sexta-feira, sugeriu ao governador João Azevêdo a marcação de uma reunião, em Brasília, para discutir o processo eleitoral na capital. A informação foi confirmada pelo gestor estadual, em entrevista a jornalistas – o PT vem discutindo internamente o lançamento de uma candidatura própria a prefeito e, ao menos, dois nomes se colocam como pré-candidatos: os deputados estaduais Luciano Cartaxo e Cida Ramos. Porém, o governador já deixou claro que sua opção é pela manutenção da aliança com o prefeito Cícero Lucena (PP), em que pese haver opinião divergente no PSB acerca dessa questão, que o gestor considera absolutamente normal. “Formamos um partido em que as pessoas têm autonomia pra falar, mas não tenho dúvida

de que estaremos juntos nessa caminhada e será na direção do apoio ao prefeito Cícero Lucena.



Foto: Marcelo Camargo/Agência Brasil

“QUERO MUITO LONGE DE MIM”

O governador João Azevêdo ressaltou que não haverá imposição dentro do PSB em relação às eleições na capital, mas uma estratégia de convencimento. “Aliás, passou o tempo na Paraíba dos coronéis de partido. E isso é uma coisa que quero muito longe de mim, que é a pecha de coronel de partido. Nós vamos mostrar, com argumentos, que é necessário continuar um projeto [político] tão importante”, afirmou.

“OS FILIADOS VÃO DECIDIR”

Gilberto Carvalho elogiou a postura política do governador João Azevêdo, destacando a boa relação política do gestor com o Lula III. Mas pontuou que “A tendência nossa é lançar candidatura própria em João Pessoa”. Porém, enfatizou: “Estou chegando agora, não posso falar pelos dirigentes, quem vai decidir aqui são os filiados”.

“NO MOMENTO OPORTUNO”

O prefeito Cícero Lucena tem reiterado que a aliança entre o seu partido, o PP, e o PSB está consolidada e deve ser estendida até as eleições do próximo ano. E afirmou que irá dialogar com a base do PSB, com os diretórios estadual e municipal, formalmente, “quando chegar o momento oportuno”. Mas enfatizou que esse diálogo pontual sobre 2024 já vem ocorrendo, “sem ser, necessariamente, em reuniões [específicas]”.

Ações e políticas públicas garantem direitos

O Governo do Estado, por meio da Secretaria da Mulher e da Diversidade Humana (Semdh), tem promovido uma série de ações e políticas públicas para garantir os direitos da população LGBTQIAPNB+ na Paraíba. Uma delas, é a Gerência Executiva de Direitos Sexuais e LGBT da Paraíba (GEDSLGBT), que, além de atuar na orientação e promoção de políticas públicas para a comunidade, ajuda na prevenção e no enfrentamento da violência contra este público, bem como coordena os serviços de atendimento às pessoas autodeclaradas LGBTQIAPNB+ em situação de vulnerabilidade.

Além disso, destacam-se os ambulatórios de Saúde Integral para Travestis e Transsexuais, conhecidos como Ambulatórios TT, que contam com unidades em João Pessoa e Campina Grande. De acordo com a secretária Lídia Moura, titular da Semdh, a pasta pretende ampliar este serviço para o Sertão.

“Nesse momento, nós estamos expandindo essa política para o interior. Estamos trabalhando para, ainda este ano, implantar um Centro de Referência no Sertão, há exemplo do que temos em João Pessoa e em Campina



Evento atrai milhares de pessoas simpatizantes do movimento LGBTQIAPNB+, todos os anos

Foto: Redes Sociais

Grande, e também mais um ambulatório TT, para atender a população daquela região”, revelou a secretária da Mulher e da Diversidade Humana, ao afirmar a importância da Parada LGBTQIAPNB+.

“Essa parada, que é uma simbologia, é um ato cívico pela resistência, pela reivindicação de respeito e de direitos, pela afirmação de que essa é uma população que tem direito à cidadania plena,

tem o apoio do governo, está no calendário oficial cultural do estado da Paraíba e que, portanto, nós nos somamos a ela, entregando a essa população sempre muitos serviços”, frisou Lídia Moura.

Saiba Mais

Algumas ações desenvolvidas pela SMDH em prol da população LGBTQIAPNB+

- Realização do 2º Encontro Paraibano de Pessoas Trans e Travestis - EPPTrans (16 e 17 de junho de 2023);
- Criação da Casa Estadual de Acolhida LGBTQIAPNB+ Cris Nagô (com 895 atendimentos realizados até o fechamento desta edição);
- Centro Estadual de Referência dos Direitos LGBTQIAPNB+ e Enfrentamento à LGBTfobia da Paraíba Pedro Alves de Sousa em João Pessoa (com 9.495 atendimentos realizados até novembro de 2023 e 347 novos cadastros até o fechamento desta edição).

DESPONTA COMO FAVORITO

Com a desistência de Zenildo Oliveira, vice-prefeito de Sousa, de disputar a eleição do próximo ano, agora como cabeça de chapa, outro nome já desponta como favorito para ser o candidato do grupo: o do chefe de Gabinete do prefeito Fábio Tyrone (PSB): o advogado Helder Carvalho. Zenildo disse que “neste momento, devo priorizar questões pessoais, empresárias e familiares que requerem minha atenção e dedicação exclusiva”.

NÃO FOI NO ANIVERSÁRIO

O dia 17 de novembro passou, mas a propalada filiação do prefeito de Campina Grande, Bruno Cunha Lima (PSD), ao União Brasil, na data do seu aniversário de 33 anos não ocorreu. A data em questão havia sido divulgada pelo senador Efraim Filho. Contudo, fala-se que a assinatura da ficha de filiação ocorrerá em outra data, com a presença de lideranças nacionais do partido, entre as quais ACM Neto, secretário-geral da legenda.

“FOI UM CRIME”, DIZ LINDBERGH SOBRE PRIVATIZAÇÃO DA ELETROBRAS

Os petistas querem retomar o controle da Eletrobras para a União, afirma o deputado federal paraibano Lindbergh Farias (PT-RJ) – a estatal foi privatizada na gestão de Bolsonaro (PL). “Foi um crime, um assalto a mão armada. O pior é a cláusula draconiana que impede a União de voltar a ter o controle majoritário. Temos que desarmar todo o esquema, destravar o BNDES, o que o Mercadante está tentando fazer. Isso é estratégico, mas não é fácil, porque tem o Supremo e o Congresso por outro lado”, avaliou.

Foto: Roberto Guedes

Adélia Gomes,

coordenadora da Área Técnica de Saúde da População Negra da Secretaria de Estado da Saúde

“A SES tem atuado no letramento racial junto aos gestores municipais”

Gestora elenca a importância de ações intersetoriais e com os municípios

Taty Valéria
tatyavaleria@gmail.com

No mês em que se celebra a Consciência Negra, refletir sobre o acesso à saúde dessa população é um dos temas que merece um debate mais aprofundado. Adélia Gomes, coordenadora da Área Técnica de Saúde da População Negra da Secretaria de Estado da Saúde, desde 2015 está à frente de uma coordenadoria que pensa e executa de forma intersetorial as ações nesse sentido, no âmbito estadual.

Graduada em Educação Física, com especialização em Saúde da Família, Adélia entende como funcionam os mecanismos sociais que alimentam o racismo estrutural e como essas questões estão presentes também no atendimento à saúde. Em entrevista ao Jornal **A União**, ela nos conta como funcionam a intersetorialidade dos serviços da Rede Estadual de Saúde, quais os principais desafios do setor e a importância de sua trajetória, enquanto mulher negra e militante nessa condução.

A entrevista

■ Como surgiu a Adélia Gomes militante e qual a importância dessa vivência na área da saúde da pessoa negra?

Costumo sempre refletir que a negritude me trouxe uma gama de possibilidades. Tinha 17 anos quando entrei no Movimento Negro. Estava passando na Avenida General Osório, no Centro de João Pessoa, e escutei o toque de um berrimbau. Alguma coisa ali me chamou e quando me dei conta, era um grupo de capoeira e foi através da capoeira que tive acesso ao Movimento Negro e ao Movimento de Mulheres Negras, quando se refletia muito sobre qual o lugar da mulher negra dentro da sociedade. A organização era a Bambidêlê, a primeira organização de mulheres negras da Paraíba, que está perto de completar 30 anos. Tínhamos o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre essas questões da mulher negra e preparar as mulheres negras para se inserirem nos espaços de poder e nos espaços que elas decidissem estar.

Cursava Educação Física na Universidade Federal da Paraíba e a partir dessa militância, quando fomos analisar o papel da mulher negra na sociedade, as questões que pesavam mais, de fato, era que nós mulheres negras éramos as principais vítimas de mortalidade materna, por causas preveníveis e evitáveis: hipertensão, diabetes, questões que podem ser controladas durante a gravidez, mas que, nesse universo, as mulheres não tinham tanto acesso.

Fui me qualificando, fiz minha especialização em Saúde da Família, e tive a oportunidade de trabalhar na Prefeitura de João Pessoa, no Centro de Testagem e Aconselhamento – CTA com pessoas em vulnerabilidade e quando fazíamos o recorte racial, a maioria era pessoas negras. E em 2015 tive a oportunidade de vir para a Secretaria de Estado da Saúde trabalhar na Área Técnica de Saúde da População Negra.

■ Por que a Secretaria de Saúde precisa de uma coordenadoria, ou uma área direcionada para a população negra? Por que esse recorte?

Esse recorte foi fruto da sociedade civil organizada e dos movi-

mentos sociais, que deram início às discussões para a efetivação de políticas. No cenário nacional, essa questão já vinha sendo discutida e se pensou em estratégias de implantar esse recorte. A dúvida era quem iria fazer e como. Nos espaços de controle social, como as conferências de saúde, da mulher, de igualdade racial e Direitos Humanos, já se pautava a população negra. Dentro dessa articulação, surgiu esse acordo. O Ministério da Saúde entendeu a importância, e no ano de 2009, foi instituída a Política Nacional de Saúde Integral da População Negra, integrando municípios, estados e Governo Federal para a implementação de ações. Dentro dessa lógica, é uma conquista do movimento social e é um espaço onde se pode articular as ações de visibilidade.

■ E por que esse recorte de políticas públicas voltada para pessoas negras é necessário?

Na Paraíba, de acordo com o último Censo do IBGE, 68% da população é autodeclarada negra, mas ainda não conseguimos fazer uma assistência de qualidade para essa população, por conta do racismo, que é estruturante, desde a forma que os africanos foram trazidos para o Brasil. O racismo determina a forma como nascemos, adoecemos e morremos.

O racismo estrutura as relações independente da cor da pele: quando somos criados em um lugar em que somos orientados a olhar para uma pessoa negra como sem capacidade de ocupar determinados lugares, fica no senso comum. Meu próprio lugar enquanto gestora é um lugar que precisa ser reafirmado que existe, que a função que exerce é de gestão. A palavra que uso é “disputa”. Estamos sempre disputando esse lugar. Precisamos provar duas, três vezes, mais do que qualquer outra pessoa não negra.

Uma das estratégias de tentar fazer esse enfrentamento é com a implementação da política pública. Ainda encontramos muitos desafios, especialmente, no que se refere à invisibilidade. A população negra é maioria, mas é tratada como minoria quando se fala em políti-

cas públicas no país.

■ A senhora falou no início que a política de saúde da pessoa negra funciona em conjunto com os municípios. A Secretaria de Estado da Saúde tem conseguido sensibilizar os gestores sobre a importância do cuidado e atenção à saúde das pessoas negras?

A existência dessa área técnica é um avanço porque ela não vem sozinha. O Governo do Estado possui uma Gerência de Igualdade Racial, que funciona na Secretaria da Mulher e Diversidade Humana, que gere a política no geral: população negra, povos e comunidades tradicionais, e a saúde funciona como um braço dessa política, que já vem sendo desenvolvida há mais de 10 anos.

Conseguimos perceber o interesse dos gestores realizando ações, reconhecendo suas comunidades tradicionais, a exemplo das comunidades quilombolas. Nós somos um estado riquíssimo de cultura e de etnias. Temos 46 comunidades quilombolas no estado reconhecidas pela Fundação Palmares e nós realizamos um trabalho de letramento racial junto com os municípios para que as ações se intensifiquem junto a essa população e, para além das comunidades quilombolas, exista o trabalho de sensibilização para os povos de terreiro, de religiões de matriz africana.

A tecla que mais batemos com os municípios é que não queremos um tratamento preferencial. Não queremos furar a fila. Queremos garantir que os usuários do SUS sejam tratados conforme as suas necessidades. É o que chamamos de equidade: tratar de forma desigual, os desiguais.

■ Voltando ao aspecto do racismo estrutural, existe algum trabalho direcionado para a sensibilização dos profissionais de saúde?

Dividimos as ações em: sensibilização dos gestores municipais, e esse gestor vai multiplicar essa ação para sua equipe; e dentro dos serviços estaduais, promovendo oficinas de sensibilização. Uma delas, que acho importante destacar, é sobre o preenchimento do quesito raça/cor, que ainda não é preenchido de forma adequada, e isso é fundamental para pesquisadores de saúde coletiva e de vigilância em saúde porque é partir daí que se instituem as políticas.

A Paraíba possui um decreto do ano de 2012, que orienta que os serviços preencham de forma adequada esse quesito de raça/cor e ainda não conseguimos implementar em 100% dos serviços. Uma das maiores dúvidas é: como perguntar? Porque, às vezes, o usuário não se identifica como pessoa negra, o funcionário também não visualiza aquele usuário, e às vezes visualiza, mas não consegue acolher. Então, dentro dessas oficinas, trabalhamos com a questão do letramento racial, na perspectiva de analisar no Brasil quem é negro, e quem não é. Para o IBGE, a população negra é o somatório de pretos e pardos, e muita



gente fica apavorada porque não se acha branca, mas quando falamos que fazem parte da população negra, ficam desconcertados.

São questões recorrentes, mas dá para se analisar da seguinte forma: você será barrado na porta de um banco? Será seguido ao entrar numa loja? Corre o risco de sofrer um “banculejo” da polícia? Então, dá pra saber quem é visto como negro na nossa sociedade que não eliminou o racismo. Outros pontos são bem sensíveis. Algumas pessoas acham que chamar alguém de negro é uma ofensa. Tudo passa pelo subjetivo e pela forma como aquela pessoa está inserida na sociedade. Estamos em uma sociedade em que somos enxertados a sermos racistas, por isso, esse trabalho contínuo nas bases das políticas públicas é importante e transformador.

■ A doença falciforme atinge especialmente a população negra. O que é essa doença? Por que a população negra é a mais suscetível e quais as ações da Secretaria de Estado da Saúde no tratamento dessas pessoas?

A doença falciforme é genética e tem mais de cem anos de descoberta. Se acredita que foi uma mutação no gene por conta da malária, no continente africano. A hemoglobina, que ajuda a circulação de oxigênio no sangue, não consegue fazer esse oxigênio circular. Isso causa dores, inchaço, desconforto, entre outros sintomas. É uma doença que não tem cura, mas tem tratamento e acompanhamento. Ela é mais predominante na população negra justamente porque surgiu no continente africano e com o processo de escravização, se espalhou pelo mundo.

Na Paraíba, nós temos aproximadamente 400 pessoas cadastradas no sistema. O Hemocentro da Paraíba é o centro de referência, que funciona para diagnóstico e serviços complementares, a partir de demanda espontânea, além de contar com uma rede profissional que inclui hematologista, dermatologista, nutricionista, uma equipe bem completa para o atendimento do usuário.

O Hospital Infantil Arlinda Marques coordena o serviço de triagem neonatal, e desde 2012, já identifica a doença falciforme a partir do teste do pezinho e até os seis meses, faz o acompanhamento. A medicação específica é disponibilizada pelo Ced-mex. Além da disponibilidade do exame *doppler* a cada seis meses em crianças porque elas possuem mais riscos de sofrer AVC.

■ Em outubro foi lançado pelo Ministério da Saúde, o Boletim Epistemológico de Saúde da População Negra. É possível afirmar que a saúde da população negra está ligada, além da questão ra-

cial, à vulnerabilidade social?

Chamamos de doenças adquiridas no meio social. Entra a hipertensão; a diabetes, por conta da alimentação; a desnutrição, não só em crianças, mas em adultos e idosos. A questão alimentar é um ponto importante. Refletimos não só a questão do alimento que se consome, mas do que é acessível.

No geral, essas doenças estão associadas às condições de moradia; ao acesso à educação; às violências autoprovocadas, incluindo, o suicídio, que aumentou muito especialmente entre os jovens negros; aumento do consumo de álcool e outras drogas e os adoecimentos mentais.

■ A senhora falou no início da entrevista, sobre a morte materna das mulheres negras. Existem dados e estudos que comprovam que as mulheres negras também são as principais vítimas de violência obstétrica e de gênero. Como avalia essa situação do racismo e gênero?

A questão da violência sexual e da violência doméstica estão inseridas nesse lugar de servir. A mulher negra é uma ótima companheira para casar, tem a sexualização exagerada, mas dentro de um relacionamento estável, aquela mulher não carece de cuidado, de carinho, de oportunidade. Quando constatamos que os índices de violência sexual tem as mulheres negras como maiores vítimas, geralmente é por conta dessa hipersexualização.

Sobre a violência obstétrica, pelo que acompanhamos e sentimos, e eu sinto isso na pele, esse é o lugar que foi dado à mulher negra na sociedade: um lugar de vulnerabilidade e de subalternidade, de estar sempre à serviço de alguém. Quando uma mulher negra grávida chega em um hospital para dar à luz, essa mulher é tida como “forte”, “parideira”, mais “resistente à dor”, isso está no imaginário popular. O profissional não sai de casa pensando que não vai oferecer um atendimento adequado à uma mulher porque ela é negra, mas ele já olha aquela mulher com toda a construção subjetiva do racismo (que determina as relações), então, ele já entende que a mulher negra suporta mais a dor e a anestesia, por exemplo, não é ofertada no parto. Em consultórios odontológicos ocorre o mesmo. A anestesia não é ofertada como uma primeira opção e isso tudo está nesse imaginário que as pessoas negras são mais resistentes à dor. Para outras pessoas, que são vistas como “mais sensíveis”, esse cuidado é ofertado mais rápido. A mulher negra fica submetida há mais tempo de sofrimento. Todo o trabalho com os municípios que temos feito é para reverter esses cenários na atenção à saúde das pessoas negras na Paraíba.

NA ESCOLA QUILOMBOLA

Pedagogia que celebra a negritude

Nas aulas, se trabalha ancestralidade, identidade e pertencimento, em um ensino voltado às raízes africanas

Taty Valéria
tatyana.valeria@gmail.com

Trabalhar a ancestralidade, identidade e pertencimento dentro de uma política pedagógica que celebra a negritude e as heranças africanas. Essa é a ideia principal do projeto “Do Chão do Quilombo para o Chão da Escola”, desenvolvido durante todo o ano pela Escola Municipal Quilombola Antônia do Socorro Silva Machado, em Paratibe, única escola quilombola de João Pessoa. Dislene Soares, pedagoga e coordenadora do projeto, explica como a ideia funciona na prática.

“Trabalhamos com as brincadeiras e as histórias da África, as histórias do quilombo. E principalmente, com as mulheres do quilombo, a questão do protagonismo negro feminino e a trajetória de Dona Antônia, uma mulher preta quilombola à frente do seu tempo, que vendo essa necessidade da comunidade em estudar, começa nesse movimento na sua própria casa, ensinando algumas crianças ali da vizinhança”, disse Dislene.

Vestidas com as roupas típicas do coco de roda, alunos entre seis e sete anos também contam um pouco da história. “Dona Antônia ensinava as crianças no quintal de sua casa. Não teve filhos, mas amava cuidar dos sobrinhos. Depois ela fez a doação de um terreno para a construção da escola”, dizem em coro, antes da apresentação do coco de roda.

Hoje as crianças se orgulham da sua negritude e de seus antepassados africanos, mas nem sempre foi assim. Dislene lembra que tudo é resultado de um processo que começou ainda em 2015. “Tivemos que parar toda a

equipe para entendermos que estávamos numa escola quilombola, atendendo uma comunidade quilombola e vieram os questionamentos: como devemos ser, que caminhos devemos percorrer e de que forma devemos abordar? Partimos então para um processo de estudo e de desconstrução, para aprendermos a lidar com as questões indenitárias”, diz a pedagoga.

“A partir dessa mudança interna de visão e de aprendizagem, começamos a conduzir esse processo pedagógico e indenitário com outro olhar, e percebemos mudanças nas crianças, que eram quilombolas, mas que não se identificavam como tal. Crianças pretas que associavam a sua cor ao pejorativo e ao ruim, até nas brincadeiras. Foi um movimento de construção de aprendizagem, tanto das crianças quanto dos professores, uma autoafirmação de sua negritude e de pertencimento ao quilombo”.

Pertencimento

Ismark Nascimento, professor de artes e maestro do coco de roda, concorda que o pertencimento é a questão mais forte dentro desse processo. “Precisamos saber quem somos, de onde nós viemos, onde queremos chegar. E você saber dessa sua parte ancestral, que lhe pertence, do território, da cultura, da localidade, eu acho que isso influencia bastante no desenvolvimento do ser humano e até mesmo na questão de caráter”, diz o professor.

A pequena Julia Andrieli conhece não só o ritmo, a música e a dança, mas toda a história e simbolismo que o coco de roda representa. “Quando as pessoas morriam ou era aniversário de alguém, quando os pescadores iam pescar, e as meninas esperavam por



“O projeto está vivo dentro dos professores, nas suas atividades pedagógicas. É um ganho que não é só do aluno, mas de todas as pessoas envolvidas. É gratificante ser um instrumento para indicar esses caminhos”

Vanessa Ferreira

eles na beira da praia, com a blusa branca e a saia bem espadada”, diz a aluna, da turma do Ensino Infantil, rememorando o que ouviu.

Diretora pedagógica da unidade de ensino, Vanessa Ferreira salienta que a abrangência desse projeto indepen-

de de espaço e que abrange não só os alunos. “Ele está vivo dentro dos professores, nas suas atividades pedagógicas. É um ganho que não é só do aluno, mas de todas as pessoas envolvidas, o quanto todos temos crescido enquanto pessoas. É gratificante ser

um instrumento para indicar esses caminhos, para que essas crianças encontrem sua própria identidade”.

Na roda de capoeira, meninas e meninos competem em igualdade de ritmos, entusiasmo e movimento, e essa ‘mistura’ também agre-

Escola Municipal Quilombola Antônia do Socorro Silva Machado, em Paratibe, é a única unidade de ensino nesse gênero, em João Pessoa. Lá é desenvolvido o projeto “Do Chão do Quilombo para o Chão da Escola”, que aborda temas como as histórias da África e o protagonismo negro feminino



Saiba Mais

A culminância do projeto “Do Chão do Quilombo para o Chão da Escola”, aconteceu no dia 17 de novembro, no Quilombo de Paratibe, com vivências e apresentações culturais da Escola Municipal Quilombola Antônia do Socorro Silva Machado.

Antiga moradora revoluciona aprendizado na comunidade

Dona Antônia do Socorro Silva Machado nasceu em três de março de 1930, em João Pessoa, e era a sexta filha do segundo casamento de seu pai, Olavo Pedro da Silva. Antônia casou, e mesmo não tendo filhos biológicos cuidou dos oito sobrinhos, depois que sua irmã faleceu.

Muito querida por todos na Comunidade Paratibe, conseguiu inverter a situação escolar das crianças, jovens e adultos da comunidade que viviam, na década de 1950, longe da escola, já que o local era muito afastado do centro de João Pessoa.

Por conta dessa dificuldade, Antônia inicia um trabalho de alfabetização local em uma escolinha particular, no quintal de sua casa, conhecida como “escola de D. Antônia”. Ainda na década de 50, ela já havia se tornado a maior proprietária de terras na localidade de Paratibe, responsável por gerenciar, também, a vida cotidiana das famílias.

No início da década de 70, Dona Antônia doa um grande terreno para a Prefeitura Muni-

cipal de João Pessoa, com o objetivo de construir a primeira escola pública em Paratibe.

Inaugurada no ano de 1972 com o nome de Grupo Escolar Municipal José Peregrino de Carvalho, a escola contava, inicialmente, com quatro salas: uma diretoria, uma cantina e mais dois cômodos para as aulas. Da inauguração, em 1972, até sua morte, em 1992, Dona Antônia foi a diretora da escola municipal, que recebeu seu nome em homenagem e reconhecimento ao trabalho de uma vida dedicada à educação de sua comunidade.



Dona Antônia foi a responsável pelo projeto pioneiro da única escola quilombola da capital



Segundo Dislene Soares (centro), as informações são transmitidas de forma lúdica



“Precisamos saber quem somos, de onde viemos, onde queremos chegar. Saber dessa sua parte ancestral, acho que influencia no desenvolvimento do ser humano”

Ismark Nascimento

DIA DA CONSCIÊNCIA NEGRA

Data exalta a força do povo negro

Momento serve para pensar a trajetória, cultura, resgate e resiliência de toda comunidade africana

Iluska Cavalcante
cavalcanteiluska@gmail.com

O dia 20 de novembro, data que marca a morte de Zumbi dos Palmares, é comemorada no Brasil como um lembrete não apenas do regime de escravidão sofrido pelas pessoas negras no país, mas principalmente o resgate da cultura, da história e da resistência dos povos africanos.

A data traz à memória “um povo lutador que não se conformou em ser tratado de forma subalterna, que traz na pele a marca da resistência, da beleza, da ancestralidade e da riqueza dos povos originários africanos”, como definiu Leonardo Silva, da Marcha da Negritude Unificada da Paraíba.

Por outro lado, o dia 20 de

novembro também lembra o que hoje é considerado crime inafiançável e imprescritível, mas que por muito tempo já foi ignorado e até mesmo tolerado no Brasil: o racismo. Segundo Leonardo Silva, o Brasil segue com um regime social racial.

“A diferença é que hoje as práticas de racismo não são apoiadas pela ciência nem pelas leis vigentes.[...] Mas se formos procurar pessoas que estão em empregos precarizados, nos guetos, nas periferias, em situação de risco e vulnerabilidade social, nas prisões, sofrendo perseguição pelas forças policiais e vítimas de violência estatal, a maioria são pessoas negras pobres e subalternizadas pelo regime de classes em que vivemos”.

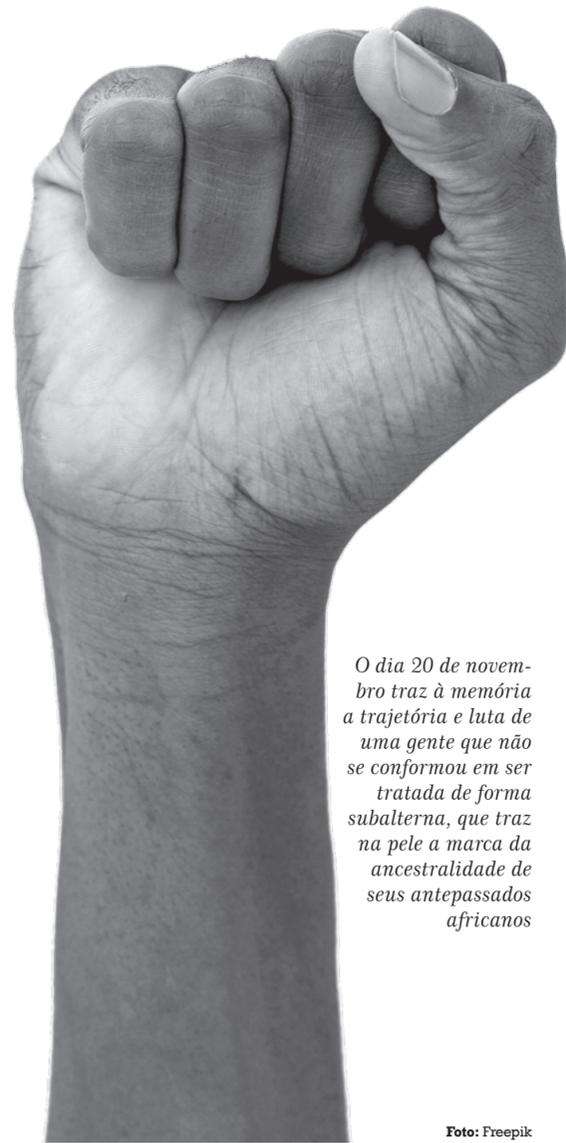
Mais da metade dos brasileiros reconhece que o país é

racista, segundo o resultado da pesquisa Percepções sobre o racismo no Brasil, realizada pelo Inteligência em Pesquisa e Consultoria Estratégica (Ipec), sob encomenda do Instituto de Referência Negra Peregum e do Projeto Seta (Sistema de Educação por uma Transformação Antirracista) e divulgado em julho deste ano.

Porém, no mesmo estudo, é constatado que 89% dos brasileiros não reconhecem ter atitudes racistas e apenas 10% afirmaram trabalhar em instituições racistas. “Dessa forma não é possível dizer que o brasileiro tem mais consciência, levando em consideração que tem muita gente que nem sabe que suas atitudes podem ser racistas por falta de letramento racial suficiente”, afir-

mou o ativista.

De acordo com a coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas Afrobrasileiros e Indígenas da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), Mojana Vargas, apesar das políticas públicas de promoção da igualdade serem adotadas desde 2003, a persistência do racismo no Brasil é evidente. “Isso fica bastante visível quando vemos as estatísticas que mostram a desigualdade entre negros e brancos no mercado de trabalho, nas condições de moradia, mas, sobretudo, nas estatísticas sobre violência, que demonstram que pretos e pardos são vitimizados em níveis muito superiores tanto pela violência policial quanto pela criminalidade, do que brancos”.



O dia 20 de novembro traz à memória a trajetória e luta de uma gente que não se conformou em ser tratada de forma subalterna, que traz na pele a marca da ancestralidade de seus antepassados africanos

Foto: Freepik

Preto e pardo são principais alvos da polícia

Um estudo recente sobre a população negra mostra que em mais de 4,2 mil casos de pessoas mortas pela polícia em 2022, mais de 2,7 mil eram negras (pretos ou pardos), ou seja, 65,7% do total. Se considerados apenas aqueles com cor/raça informada (3.171), a proporção de

negros chega a 87,4%.

Os dados são do estudo Pele Alvo: a Bala não Erra o Negro, realizado pela Rede de Observatórios da Segurança, do Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec), e divulgado na última quinta-feira (16), com base em estatísticas fornecidas pelas polícias

do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Bahia, de Pernambuco e do Ceará, Piauí, Maranhão e Pará, com base na Lei de Acesso à Informação (LAI).

Outro indicativo apontado pela professora da UFPB diz respeito aos dados de mortos na pandemia de Covid, em que a mortalidade por Covid

entre brancos ficou em torno de 38%, enquanto que entre pessoas negras ela chegava a 55%. As informações foram verificadas a partir de dois estudos realizados no primeiro ano de pandemia, através do Núcleo de Operações e Inteligência em Saúde, grupo da PUC-Rio e do Instituto Pólis.

Significado da Data

Segundo a professora Mojana Vargas, o Dia da Consciência Negra é parte importante da preservação da memória da luta e da resistência negra à escravidão – simbolizada na figura de Zumbi dos Palmares – e à violência contínua do racismo e das desigualdades produzidas por ele ao longo do tempo.

Ela ressaltou, ainda, que a data foi escolhida pelas organizações do movimento negro para demarcar que o fim da escravidão no Brasil foi resultado da “luta dos negros e negras ao longo dos 380 anos de escravismo no Brasil e não da benevolência de uma princesa”.

A comemoração foi iniciada com a Marcha Zumbi dos Palmares contra o Racismo, pela Cidadania e pela Vida, ocorrida em Brasília no dia 20 de novembro de 1995. No entanto, a data só foi reconhecida oficialmente pelo estado brasileiro como memória da luta antirracista no Brasil com a Lei 12.519/2011, que instituiu o 20 de novembro como Dia Nacional de Zumbi e da Consciência Negra.

Educação: uma arma contra o racismo

Uma das principais formas de combater o racismo é por meio da educação, na opinião de Marli Soares, coordenadora executiva da Marcha da Negritude. “Sabemos que tem muita coisa a fazer, principalmente as políticas públicas. Essa tem sido uma das nossas lutas. No dia a dia, estamos junto dos órgãos públicos, cobrando”.

A Lei 10.639/2003 coloca como obrigatório o ensino da história e da cultura africana e afro-brasileira na educação básica em todo território nacional. Este ano a lei completou 20 anos. No entanto, em um levantamento feito com mais de mil secretarias de educação de municípios brasileiros, 71% ainda não tem estruturado no ensino fundamental esse conteúdo.

Além disso, outra forma de combate é a consciência de que o racismo é crime e deve ser denunciado. “É inadmis-

sível que em um país com maioria numérica de pessoas pretas e pardas as pessoas que cometem racismo sigam impunes”, enfatizou o ativista Leonardo Silva.

Já a professora Mojana Vargas ressaltou que essa deve ser uma luta de todos, assim como o machismo, a LGBTfobia, a intolerância religiosa e outras discriminações. A melhor forma de fazer isso, mesmo não fazendo parte do grupo oprimido, é ouvindo as suas pautas. “A noção de igualdade é algo que deve tocar a todos. E todos têm a tarefa de promovê-la a partir da sua posição no contexto social. A primeira coisa é posicionar-se frontalmente contra as discriminações e, em segundo lugar, é importante ouvir as pessoas que pertencem a cada grupo oprimido, entender suas pautas e estar aberto à construção da luta antirracista.”



Dia foi iniciado com Marcha Zumbi dos Palmares

Foto: Freepik



Foto: Arquivo Pessoal

“É inadmissível que em um país com maioria numérica de pretos e pardos as pessoas que cometem prática de racismo ainda sigam impunes

Leonardo Silva



Foto: Arquivo Pessoal

“A noção de igualdade deve tocar a todos. E todos têm a tarefa de promovê-la a partir de sua posição no contexto social

Mojana Vargas

Programação estadual será realizada amanhã

O Governo do Estado da Paraíba, por meio da Secretaria de Estado da Mulher e Diversidade Humana (Semdh), vai lançar uma série de ações de promoção de Igualdade Racial em comemoração ao Dia da Consciência Negra. O evento, que faz parte da programação do Novembro Negro no Estado, ocorrerá amanhã, às 9h, no Auditório do IFPB, localizado na Av. João da Mata, 256, no bairro de Jaguaribe, em João Pessoa.

“O novembro negro traz como pauta a conscientização das consequências da escravização para a população negra. Além de conscientizar para o enfrentamento do racismo como um problema social e que deve ser combatido na coletividade”, disse a gerente de equidade racial da secretaria, Jádiele Berto.

Programação

A programação inclui o Festival de Cultura Quilombola, em parceria entre a Secult e a Semdh, que acontece no próximo sábado (25), em Catolé do Rocha, dando sequência aos Festivais Cigano e Indígena realizados neste ano; o Programa de Inclusão Através da Música e das Artes (Prima), em fase de implantação nas comunidades quilombolas do Sertão e nas aldeias da etnia indígena Potiguará da Paraíba; e a 37ª edição do Salão do Artesanato Paraibano, intitulada “Arte à Flor da Pele”, homenageará o “Artesanato dos Quilombos da Paraíba”. O evento está marcado para acontecer de 12 de janeiro a 4 de fevereiro de 2024, em João Pessoa.



Foto: Arquivo Pessoal

“O Novembro Negro traz como pauta a conscientização das consequências da escravização para a população negra. Além de conscientizar para o enfrentamento do racismo como um problema social e que deve ser combatido na coletividade

Jádiele Berto

URBANISMO

O Modernismo nas edificações de JP

Imóveis construídos entre as décadas de 1950 e 1970 representam legado, mas não têm leis que os preservem

André Resende
 andre.resende@jornalismo@gmail.com

A cidade é um lugar em disputa, onde os diferentes se sobrepõem por espaço, por visibilidade, por sobrevivência. Para além da disputa das pessoas, uma outra batalha, essa no campo imaterial, intangível, acontece de forma silenciosa: o velho versus o novo, o passado e o futuro. Em paralelo ao debate por moradia, um requisito básico de dignidade ao ser humano, existe o debate sobre a herança cultural do desenho urbano que sofre com a ação do tempo, a arquitetura que carrega um pedaço da história que vai sendo apagada por falta de preservação.

Neste caso, a capital paraibana reserva uma peculiaridade em seus traços urbanos. Conhecida nacionalmente pelas enseadas que recortam seu litoral, pelo ponto mais Oriental das Américas - a Ponta do Seixas, o valor histórico e cultural do desenho cidadão fica relegado aos olhares mais atentos dos profissionais de arquitetura. Porém, o que poucas pessoas sabem é que João Pessoa, durante os anos de 1956 e 1974, por quase duas décadas, foi cenário da criatividade de um grupo de arquitetos criados pela Escola de Belas Artes do Recife.

O pesquisador Fúlvio Pereira, em sua dissertação de mestrado defendida na Escola de Engenharia de São Carlos da Universidade de São Pau-

lo em 2008, intitulada Difusão da Arquitetura Moderna na Cidade de João Pessoa (1956-1974), detalha como os arquitetos e urbanistas formados no Recife no período ajudaram a desenhar um novo horizonte na capital paraibana influenciados pelo movimento modernista. Porém, o trabalho de vários nomes da arquitetura moderna está ruindo juntamente com suas obras.

A professora Wylinna Vidal, integrante do Laboratório de Pesquisa Projeto e Memó-

ria, do Programa de Pós-Graduação de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a falta de um distanciamento histórico em relação à arquitetura modernista, da segunda metade do século 20, é um entrave para que haja um processo de preservação desses prédios, sobretudo nos prédios particulares, uma vez que os públicos estão em utilização ou podem sofrer alguma intervenção a partir de algum projeto.

“Em via de regra, as coisas mais antigas são vistas, mais facilmente reconhecidas, como patrimônio [a ser preservado]. No entanto, a arquitetura moderna está começando a ter um distanciamento que vai dar esse espaço para essa compreensão. A pena é que esse tempo de distanciamento está se dando com a perda de muitos exemplares. A maioria dessas perdas são de casas particulares, que é o elo mais frágil nessa cadeia de preservação”, comentou.

Para entendermos a riqueza da arquitetura moderna no traço urbano da capital paraibana, é preciso discorrer sobre a forma de ocupação da urbe da cidade. Inicialmente ocupada a partir do Rio Paraíba, do bairro do Varadouro, o processo de expansão em direção ao Litoral, às praias, foi lento pelo relevo de João Pessoa, sobretudo por conta da região do atual Parque da Lagoa, antes conhecida como Lagoa dos Irerês ou Parque Solon de Lucena. Até meados de 1930,

a população não havia avançado suas moradias rumo ao mar porque o terreno alagadiço impedia a ocupação.

Essa demora, de quase 400 anos na expansão do rio para o mar, coincidiu com a efervescência do movimento modernista na arquitetura. Por esse motivo, muitas casas que foram sendo construídas na região central e em bairros que “caminhavam” rumo às praias continham desenhos modernistas em sua composição arquitetônica.



Fotos: Ortilio Antônio

Casas com arquitetura com linhas retas, formas básicas e fachadas lineares representam o charme de uma fase de desenvolvimento e da história da capital paraibana

Mapeamento identificou 30 construções modernistas

A existência de edificações modernistas, necessariamente, não torna João Pessoa uma cidade modernista, porque não foi projetada para tanto em seu traçado urbano, mas que, de certa forma, contém uma herança importante da arquitetura moderna. “É uma cidade de traços coloniais. A gente tem todos os períodos da arquitetura brasileira presentes na nossa cidade, uma das poucas. Mas dizer que é uma cidade modernista, não vejo dessa forma porque uma cidade modernista foi pensada, planejada. João Pessoa não teve esse planejamento urbano. Ela teve seu crescimento de acordo com a sua geografia e de acordo com os princípios de uma cidade colonial, que aos poucos foi

ganhando essa expansão para a praia, e que foi tendo a presença de alguns prédios modernistas”, avaliou o presidente do Conselho de Arquitetura e Urbanismo da Paraíba (CAU-PB), Eduardo Nóbrega.

Ainda de acordo com o presidente do CAU-PB, é lamentável que ainda não exista um dispositivo legal, uma preocupação por parte do poder público, que ordene a preservação do patrimônio histórico e cultural especificamente para a arquitetura modernista. “Muitas obras modernistas são destruídas porque a gente ainda não tem essa lei de preservação do modernismo como história da cidade. A partir do momento que a gente perde uma obra mo-

dernista está perdendo um pedaço da nossa história, que não é só aquela do início da colonização. O modernismo faz parte dessa história, de um avanço da nossa arquitetura”, completou.

Entre prédios públicos e particulares, a arquitetura modernista ainda resiste entre as ruas da cidade. Um trabalho feito por arquitetos e pesquisadores de João Pessoa em 2010, para apresentação, quando a capital sediou o congresso do Comitê Internacional para a Documentação e a Conservação dos Edifícios, Sítios e Bairros do Movimento Moderno (Docomo), listou em um mapa 30 obras modernistas de João Pessoa, numa espécie de *tour* em um museu aberto. A professora



Imóveis representam a inovação que arquitetos implantaram na paisagem da capital

Wylinna Vidal relata que alguns dos prédios já não existem mais.

“Dessas obras que foram listadas para essa visita guiada pela cidade, sabemos que algumas já não existem, principalmente, as que são prédios par-

ticulares. De 2010 para cá, essas casas foram derrubadas, deram lugar a edifícios comerciais ou residenciais, ou simplesmente foram reformadas a partir de uma visão contemporânea. De fato, uma perda de parte da

história da arquitetura moderna paraibana”, avaliou. O tempo que foi amigo da arquitetura modernista, atrasando o avanço da ocupação rumo ao mar de João Pessoa, é o mesmo que hoje se opõe à sua preservação.

Soluções contemporâneas para um problema antigo



Wylinna Vidal, da UFPB, diz que falta distanciamento para se enxergar a urgência de preservação

O problema dos prédios de arquitetura modernista de João Pessoa na verdade é uma situação comum a todos os outros espalhados pelas cidades do Brasil. São prédios que contêm uma herança histórica que precisa ser preservada, mas que, diante da falta de cobertura por parte do poder público, de dispositivos ou projetos que contemplem a proteção, que permitam a ação do Estado.

Giovani Barcelos, arquiteto e chefe da Divisão Técnica do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na Paraíba, explica que qualquer prédio, seja ele particular ou pú-

blico, pode ser tombado por valores históricos ou de belas artes. O primeiro critério é ligado à questão da memória, enquanto o segundo está relacionado ao valor artístico. “O Iphan legisla sobre os bens imóveis tombados como patrimônio cultural do Brasil e sobre a área de entorno deles, ou seja, se não for objeto de tombamento, o Iphan pode cooperar em ações de proteção, mas não será o protagonista. É importante destacar nesse ponto que a proteção do patrimônio cultural pode ocorrer pelos governos Federal, Estadual e Municipal, sendo uma relação horizontal, não sendo um mais

importante que o outro. A partir do momento que o bem for tombado por uma dessas esferas, já estará protegido”, detalha a atuação.

Ou seja, os órgãos públicos de proteção ao patrimônio só podem agir dentro do trâmite burocrático do Estado, respeitando processos e legislações, impedido, neste caso, de fazer algo para evitar a substituição dos prédios modernistas de João Pessoa. O problema, no entanto, não é a falta de trabalhos científicos ou catalogação dos prédios que deveriam ser preservados dentro da lógica artística do movimento modernista.

POÇO DE JOSÉ DE MOURA

Terra da cultura e da agricultura

Cidade distante 525 km da capital abriga diversas expressões artísticas e investe no turismo sustentável

Anderson Lima
Especial para A União

Localizado na microrregião de Cajazeiras, a 525 quilômetros de João Pessoa, o município de Poço de José de Moura tem o seu nome de origem da família Moura - o vaqueiro Gonçalo de Moura foi o primeiro poçomourense a pisar no município. A partir daí, deu-se início às primeiras construções residenciais e ao povoamento. O município tem a sua economia pautada no comércio local e, principalmente, na agricultura. Hoje, segundo dados do Censo 2022 do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), Poço de José de Moura tem uma população de 4.006 mil pessoas.

A cidade de Poço de José de Moura é conhecida como "Terra da Cultura" por seu potencial artístico e cultural que se manifesta de forma intensa no município e na região, desde a sua fundação através de Zé de Moura, reforçado pelo trabalho desenvolvido por organizações culturais, como a Pisada do Sertão, reconhecida

nacionalmente como Melhor Organização Não-Governamental de Cultura do Brasil, Reisado Zé de Moura com 103 anos de existência, bandas de música, grupos musicais, festivais de cultura popular, nos quais atuam em rede para fortalecer a cada dia esse título.

Os principais atrativos turísticos de Poço de José de Moura estão relacionados ao turismo cultural de base comunitária: as visitas ao Memorial Zé de Moura, o Engenho de Cana-de-açúcar da Comunidade do Silva, a Igreja São Geraldo Magella, vivências culturais na Pisada do Sertão, Roda de Prosa com mestre de cultura popular Vandervan e eventos culturais temáticos.

A Pisada do Sertão é a responsável por essa efervescência cultural, por ser uma organização da sociedade civil que atua desde 2004, promovendo projetos e ações que colocam a cultura como vetor de desenvolvimento local e capacitando artistas e empreendedores culturais, nas áreas de danças regio-

nais, música, artesanato, gastronomia e o audiovisual. São 19 anos investindo no potencial de Poço de José de Moura.

Entre os vários filhos ilustres, destaca-se Ana Neiry de Moura Alves, descendente da linhagem de Zé de Moura, que tem visão de desenvolvimento para pessoas e o

lugar, e que acredita que através da cultura, por meio do empreendedorismo, é possível transformar o Sertão com mais oportunidades. Ana Neiry é líder social, fundadora da Associação Cultural Pisada do Sertão.

Poço de José de Moura é uma das cidades do Nordes-

te onde tem vários artistas, e possui uma população atuante nas áreas da cultura popular, música, danças regionais, poesia, audiovisual, gastronomia e artesanato, ou seja, o sentimento de pertencimento do poçomourense reforçado pelo título que carrega a faz investir na economia criativa.

As principais atividades econômicas da cidade de Poço de José de Moura estão relacionadas ao funcionalismo público municipal, agropecuária, agricultura, apicultura, assim como também pequenas empresas e microempreendedores individuais na comercialização de produtos e serviços.



Poço de José de Moura possui pouco mais de quatro mil moradores e está situada na microrregião de Cajazeiras, no Sertão

Histórias, lendas, tradições e artesanato marcam o lugar



Cidade investe em eventos festivos e religiosos em que a gastronomia local ganha destaque

Poço de José de Moura é uma cidade de muitas histórias, lendas que foram contadas pelos antepassados e ainda estão guardadas na memória como: o cão do engenho, local onde sempre que acontecia moagem no engenho de cana-de-açúcar na cidade, ouviam-se barulhos do engenho, aliados a alta fumaça que saía das fornalhas, diziam existir um ser sobrenatural que aparecia nas noites de moagem. Na realidade, a história foi criada para que as pessoas não saqueassem as produções de rapadura que ficavam no engenho.

Outra lenda é do famoso porco espinho, que aparecia

à noite no espaço chamado chafariz, onde as mulheres se reuniam para lavar roupas de forma coletiva. Muitas pessoas afirmaram ter ouvido ou visto um porco gigante no local, mas, não passa de mais uma história da criatividade sertaneja como forma de proteção do lugar. A história foi criada para que as pessoas não fizessem o uso exacerbado da água à noite, para que tivesse água em abundância nas manhãs para as lavadeiras.

Além disso, outra tradição que se mantém fortemente é da Semana Santa com os caboclos, em que as pessoas saem pelas ruas da cidade pedindo esmolas, dançando

e levando multidões em cortejo. Embora tenha sofrido influências pela cultura de massa e da personalização de máscaras e vestimentas, ainda se mantém as músicas tocadas ao ritmo de xote e forró, mascarados, levando judas, e pedindo esmolas.

Além do mais, hoje em dia ainda se mantém viva a tradicional Festa de Reis, no mês de janeiro, a festa do padroeiro São Geraldo Magela; no mês de outubro, com rituais religiosos como: missas e procissão, atração cultural como o tradicional leilão de São Geraldo, quermesse e, para entretenimento das crianças e das famílias, parque e barracas.

Nome da cidade surgiu para homenagear um vaqueiro local

O Sertão Nordeste é caracterizado pelo clima semiárido, o que torna essa região muito quente, e aliado a isto, existe a escassez de chuvas, com um dos elementos que desafia o povo em uma busca incansável pela sobrevivência. Dentro deste contexto, a seca representa a maior causa da vulnerabilidade ambiental do Semiárido, destacando também uma das causas pelo baixo desenvolvimento social como consequências negativas, bem como as desigualdades sociais e o aumento dos movimentos migratórios.

Por volta do ano de 1825, houve uma grande seca que gerou muitas mortes na região nordestina. Os campos ficaram esterilizados e a fome chegou até os engenhos de cana-de-açúcar. Era uma época muito difícil, castigada pela seca, o povo era motivado a migrar em busca de melhores condições de vida, ou seja, em

busca de sobrevivência.

Nessa mesma época, no Sertão da Paraíba, em meio à seca e escassez havia esperança, e como dizia Euclides da Cunha, "o sertanejo é antes de tudo, um forte", assim, surge a história de um lugar através da esperança, coragem e determinação de um vaqueiro chamado Gonçalo de Moura, que liderado por uma fazendeira chamada Tomásia de Aquino, não hesitou ao ser desafiado a encontrar água para salvar o rebanho da fazendeira às margens direita do Rio do Peixe, cujas terras a pertenciam.

Assim, com o andamento da seca, Gonçalo de Moura seguiu a sua peregrinação em busca de água. Ele parou em uma região que chamou bastante a atenção: era um terreno seco, com capim verde, onde jorrava água. Ele estava diante de uma cacimba - semelhante a um poço. A partir daí surgiu a denomina-

ção para a localidade. Ali o vaqueiro fez abrigo para o rebanho e se estabeleceu para viver.

Segundo a Prefeitura Municipal de Poço de José de Moura, no decorrer da sua história, Poço teve diversas denominações, sendo a primeira Vila do Poço. Em seguida, a cidade foi nomeada como Antenor Navarro, que posteriormente viria a se chamar São João do Rio do Peixe, por meio da Lei Estadual nº 171, de 1959. Após isso, veio a emancipação política, promulgada através da Lei nº 5931, de 1994, quando o município passou a se chamar oficialmente Poço de José de Moura.

A palavra poço, que está ligada ao nome do local, foi mantida em alusão ao mito de origem do povoado, envolvendo o vaqueiro cearense Gonçalo de Moura e a figura do bode que escavou com as suas próprias patas um pequeno poço onde passou a jorrar água em um mo-

mento de extrema estiagem. A continuação do nome escolhido é em homenagem a José Alves de Moura, que trouxe a sua religiosidade, enquanto à época era conselheiro e rezador.

Com o passar do tempo, o vaqueiro constituiu sua família na Vila do Poço. Os seus descendentes seguem a mesma intuição de prosperidade e desenvolvimento. Entre eles, destaca-se Zé de Moura, um sertanejo visionário, que enxergava e criava oportunidades a partir dos saberes populares. Líder, curandeiro, empreendedor, conselheiro, brincante e religioso, sua atuação em prol do desenvolvimento das pessoas e do lugar o tornou popular em toda a região. Assim, a Vila passa a ser conhecida como Poço de José de Moura, como referência ao seu líder, aquele que não apenas foi o fundador, mas, aquele que promoveu a prosperidade do lugar.



Aridez da região é usada para a criatividade artística

LITERATURA

Epitácio Pessoa muito além das fronteiras

Livro aponta o político paraibano como o responsável pelo mais completo projeto de codificação do Direito Internacional Público

Joel Cavalcanti
cavalcanti.joel@gmail.com

Crimes de Guerra. Esse termo não sai das discussões políticas e nem das mais recentes reuniões diplomáticas entre os países desde que a Rússia invadiu a Ucrânia. Hoje, as violações do direito durante os conflitos armados permanecem estampando as manchetes dos jornais de todo o mundo com acusações contra o estado de Israel por cometer os mesmos delitos contra o povo palestino, infringindo regulações internacionais. Isso está provado, mas o que pouco se sabe é que um paraibano nascido em Umbuzeiro é o responsável pelo mais completo projeto de codificação do Direito Internacional Público, criado sob fortes aspirações de liberdade e justiça para todos os povos.

É o que defende a escritora, advogada e professora universitária paraibana Alanna Aléssia em *Epitácio Pessoa: O codificador do direito internacional americano* (Arraes Editores, 248 páginas, R\$ 88). Na obra, que será lançada às 18h de amanhã, na Academia Paraibana de Letras, em João Pessoa, ela remonta a história que coloca o único brasileiro a ocupar os mais elevados cargos dos três poderes da República no centro da formulação do regramento jurídico que norteia a relação entre as nações até hoje. Esse legado não se restringe apenas ao direito de guerra, mas também ao comércio internacional, às telecomunicações, aos tratados de soberania e ao direito internacional humanitário. Em um projeto complexo, Pessoa criou sozinho mais de 700 artigos que serviriam de-

pois de base para a criação da Organização dos Estados Americanos (OEA).

“Quando Epitácio Pessoa fala sobre guerra e sobre proteção humanitária, que ainda não tinha esse título, ele falou em respeito a certos limites, como não poder bombardear hospitais, edifícios consagrados aos cultos, escolas e habitações civis não defendidas. Que os ataques sejam militares e direcionados a militares, dando quatro possibilidades de negociação antes de chegar na guerra”, analisa a especialista, que produziu a pesquisa para a sua dissertação de mestrado na Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), tendo por escopo o período que vai de 1911 até a morte de Epitácio Pessoa, em 1942.

O ano de 1911 é singularmente importante porque foi quando o Barão do Rio Branco designou o paraibano, que até então era ministro do Supremo (depois de ter sido deputado e ministro da Justiça de Campos Sales) a tarefa de codificar o direito internacional. Esse era um contexto em que a América já vinha tentando se reunir em uma tentativa de se autorregular por meio de conferências em um período bem anterior à criação da ONU. Pessoa já era reconhecido nacionalmente, ascendendo rapidamente na política e no STF. No Supremo, ele chama a atenção por nunca ser voto vencido. “Toda vez que Epitácio levava uma relatoria para o STF, todo mundo o seguia por unanimidade”.

Era esse perfil negociador que seria explorado da personalidade de Epitácio a partir de então. “Ele fez o máximo possível para colocar isso de uma forma que todos os países conseguissem entrar no consenso. Epitácio Pessoa não colocou a visão brasileira no código. Ele fez um desenho de como a América estava se comportando e aí colocou isso no código dele”, explica a autora. Com o documento pronto, o código foi apresentado na Conferência Internacional de Jurisconsultos, em 1912. Mesmo com representantes de diversas potências, a exemplo dos EUA, Epitácio foi nomeado presidente

das reuniões, conduzindo os demais representantes a aprovarem o extenso texto praticamente por unanimidade. O código não entraria em vigor, porém, por causa do estouro da Primeira Guerra Mundial. Mas esse não seria o fim da influência do paraibano nesse tipo de negociação. Pelo contrário.

Com o fim da guerra, Pessoa é novamente chamado para ser o chefe da delegação brasileira, depois da recusa de Rui Barbosa, para negociar o Tratado de Versalhes assinado pelas potências europeias. O acordo foi plenamente vantajoso para o Brasil, garantindo a liberação do café nacional retido nos portos alemães e confiscando os 70 navios apreendidos pelo Brasil durante a guerra. O liberal Rui Barbosa renunciou a essa tarefa para poder se dedicar à campanha para presidente do Brasil, mas, ironicamente, foi o conservador Epitácio Pessoa quem ganhou aquela eleição com mais de 70% dos votos, sem tirar os pés de Paris. Uma prova de como o regime oligárquico da “República café com leite” possuía uma máquina bastante azeitada.

Foi no governo de Epitácio Pessoa que mudanças profundas começaram a aparecer no país. Ele elevou a imagem do Brasil no exterior depois de fazer um giro pelos EUA e a Europa, reunindo-se de igual para igual entre os líderes mundiais. Internamente, ele investiu em obras contra a seca e gastou muita verba federal para valorizar o café brasileiro. Era um período de efervescência popular, a sociedade convivia com o aumento das reivindicações dos militares, dos operários e até da classe artística, que promoveu a Semana de 22. Havia uma sensação generalizada de injustiça social que tomava as cidades e era capitalizada pelos militares, que promoveram uma tentativa de golpe com a Revolta do Forte de Copacabana. Apesar disso, o político paraibano conseguiu fazer o seu sucessor.

Fora do Palácio do Catete, Epitácio permaneceu com relevância durante a 2ª Conferência Internacional de Jurisconsultos, em 1927, que é mais uma vez conduzida por ele. Dessa vez, com os textos ligeiramente modificados em comparação ao que foi apresentado em 1912, a comissão aprova 12 projetos de tratados extraídos do código de Epitácio, que foram sendo reformulados seguidamente até ser aprovado com a OEA. O livro de Alanna Aléssia comprova que a versão final do texto

possui todas as digitais do paraibano com trechos mantidos tal qual foram escritos por ele. “Depois disso, ele foi chamado para ser juiz da Corte Internacional de Justiça, que é a Corte de Haia, como a gente chama hoje em dia. Epitácio Pessoa se torna o primeiro juiz brasileiro na maior corte mundial”, destaca.

Com tamanho prestígio, Epitácio Pessoa chegou a receber convite para presidir a Corte, mas declina. “Ele não gostava muito da Corte. Em cartas, ele chega a fazer um poema debochando da Corte porque ele não a considerava jurídica, mas uma corte política. Ele dizia: ‘Venham todos, mas tragam uma dose de rum para ver o que a mais alta corte vai falar sobre política’”, conta a autora, acrescentando também uma outra recusa de Epitácio, dessa vez para ser diplomata dos EUA, onde chegou a ser secretário de uma comissão interna estadunidense que tratava de Direito Internacional.

Com tantos serviços prestados ao Brasil e de repercussão global, uma dúvida persiste latente para a pesquisadora. Com toda a investigação de rigor científico empreendida por Alanna Aléssia em registros históricos da Biblioteca Nacional, em livros, cartas, discursos oficiais e em jornais como *A União* e *Correio Braziliense*, ela não entende o porquê de o legado de Epitácio não ser mais valorizado. Mas ela se arrisca a uma resposta:

“Epitácio não era um político de esquerda. A gente não pode nomeá-lo assim. Era sobrinho do Barão de Lucena, em uma família de nomes que se mantinham no poder, ainda que em cargos alternados. Mas isso não é justificativa para apagar o legado e a memória dele. É óbvio que a gente tem que fazer críticas aos que precisam ser criticados, mas temos também que enaltecer o que é nosso. Todos eles têm suas questões políticas, suas questões ideológicas, seus ideais e nem por isso foram apagados da história. Questões políticas fizeram com que ele fosse apagado. A gente não ia ser tão bem visto no cenário internacional. O histórico da diplomacia brasileira é incrível. Temos figuras sensacionais e Epitácio Pessoa foi uma delas”.

Epitácio Pessoa morreu em Petrópolis, no Rio de Janeiro, com um quadro de Mal de Parkinson e problemas cardíacos. Com o assassinato do sobrinho João Pessoa, ele nunca mais voltaria à Paraíba.



Imagem: Arquivo Nacional



Foto: Isaac Santos/Divulgação

Em ‘Epitácio Pessoa: O codificador do direito internacional americano’, Alanna Aléssia remonta a história que coloca o gestor paraibano no centro da formulação do regramento jurídico que norteia a relação entre as nações até hoje; obra será lançada amanhã (dia 20), a partir das 18h, na sede da Academia Paraibana de Letras (APL), localizada no Centro de João Pessoa



Imagem: Arraes Editores/Divulgação

'CIRCULADOR CULTURAL'

Edição faz alusão ao Dia da Consciência Negra

Hoje, em JP, Mamma Jazz e RecWave fazem show gratuito na Casa da Pólvora

Da Redação

A Fundação Cultural de João Pessoa (Funjope) realiza, hoje, mais uma edição do projeto *Circulador Cultural*. Desta vez, as bandas são Mamma Jazz e RecWave, que vão levar diversos estilos musicais para o público. O evento gratuito, que acontece na Casa da Pólvora, no Centro Histórico da capital, começa às 16h.

"Considero de extrema importância validar esta iniciativa, pois é um evento que registra oportunidade para todos os artistas que, de certa forma, restabelecem seus dotes no campo artístico que estavam esquecidos. Claro, é também um espaço que incentiva e valoriza nossa cultura", observa o vocalista, guitarrista e violonista da banda paraibana Mamma Jazz, Guilherme Semmedo.

No repertório desta edição, o Mamma Jazz ressignifica valores ancestrais com 12 músicas afro-brasileiras, latinas e andinas. A maioria delas de autoria de Semmedo como Didi Men e Nô Kana Disquecy, mas também vai ter canções de Dona Ivone Lara e Gilberto Gil.

Além de Semmedo, a banda é composta por Di Góes no contrabaixo e percussão; Bruno na guitarra e violão; Enndy Semmedo no vocal, bateria e percussão; Larissa Santana no vocal e dança; Clara Potiguara na voz, violão e vocal; Novinho no timbau e percussão; Ainna Synda e Semmedo no vocal, dança e ganzá. Bia faz uma participação especial.

Já a banda RecWave fará a abertura do evento com um repertório que vai da MPB ao rock, do samba ao blues, pas-



Mamma Jazz tocará músicas afro-brasileiras, latinas e andinas

seando um pouco em cada gênero, valorizando ritmos de essência brasileira como ijexá, maracatu, samba e carimbó. No *sellist*, canções de compositores como Chico César, BaianaSystem, Gilberto Gil e Lenine, dentre outros. Compositores locais também terão destaque, a

exemplo de Totonho, Escurinho e Seu Pereira e Coletivo 401, além das músicas autorais do grupo.

A banda é formada por Viton na voz e violão; Enndy Semmedo na percussão; Bruno Souza na guitarra; Rhuan Pacheco no baixo, e Clara Paim na produção.

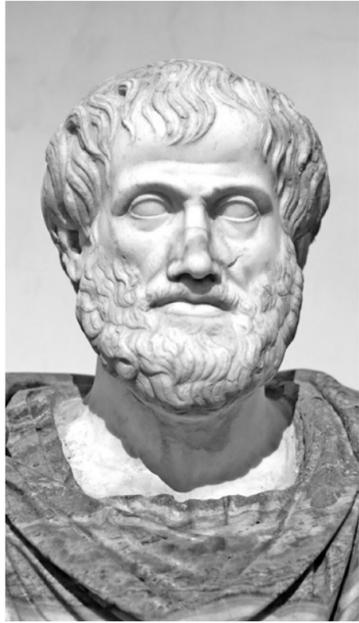
Estética e Existência

Klebber Maux Dias

klebmaux@gmail.com | colaborador

Felicidade em Aristóteles

Foto: Reprodução



Filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.)

A busca pela felicidade deve orientar todas as ações humanas, com a finalidade de alcançar o bem comum. Essa tese é apresentada pelo filósofo grego Aristóteles (384 a.C.-322 a.C.) em sua obra *Ética a Nicômaco* (300 a.C.). Segundo o pensador, o objetivo do sumo bem deve ser objeto da ciência máxima, que é a política, ou seja, a ciência do bem-estar coletivo. Nesse sentido, o estado tem o papel de assegurar a felicidade dos cidadãos, bem como de criar condições sociais que favoreçam o desenvolvimento pleno da personalidade humana. Assim, a política é responsável por construir a dignidade humana em sua sociedade. Levando em conta essa premissa, os interesses dos cidadãos que vivem em comunidade devem coincidir com o bem-estar social, uma vez que o fim de todo o grupo é o mesmo que o fim de cada indivíduo que o compõe. Portanto, é necessário promover o bem supremo da comunidade, cumprindo-o por meio das próprias virtudes, a fim de construir uma felicidade compartilhada por todos.

No livro citado, Aristóteles discute, no capítulo 10, a falta de consenso sobre o significado da felicidade. Ele entende que um bem individual não deve depender de outro bem pessoal. Geralmente, cada cidadão tem como ideal conquistar sua própria felicidade. Alguns afirmam que a felicidade está na honra, na riqueza, no prazer ou em algo simples. A busca da felicidade, às vezes, surge de um sentimento de falta indescritível ou como uma justificativa para preencher um vazio em uma determinada circunstância de existência.

Por exemplo, para alguém doente, ser feliz significa obter saúde; para alguém com fome, ser feliz significa saciar a fome; para um desempregado, ser feliz significa conquistar um emprego. Em vista dessa subjetividade, Aristóteles apresenta três princípios de felicidade. O primeiro é a vida orientada pelo prazer, em que o bem e a felicidade estão vinculados às satisfações dos impulsos irracionais. O segundo está no modo de uma vida política enganosa, onde os cidadãos buscam honras e riques-

nidade; sinceridade; pessoa espiritualosa; amabilidade; modéstia; justa indignação e justiça.

Para Aristóteles, a prática da virtude está relacionada aos meios e é uma escolha entre exercer a virtude ou vivenciar a própria alienação do vício. Considerando isso, as práticas do Bem formam o caráter e a felicidade de todos ou satisfazem as vaidades pessoais. Os vícios, que originalmente dependiam dos homens não se tornarem viciosos, tornaram-se infelicidades através de suas próprias escolhas. As virtudes são voluntárias, pois há responsabilidade pelos próprios atos ao se conhecer a si mesmo e cumprir o sumo bem diante das circunstâncias da existência, e estão nas escolhas de agir ou não agir.

Aristóteles ensina que a política é o objeto da ação humana, a partir dela, as ações belas e justas permitem diversas opiniões. O objetivo é agir pelo bem comum e existir na felicidade. Aqueles que confundem felicidade com prazer... levam uma vida baseada em prazeres vulgares. A honra é superficial e depende mais de ser reconhecido pelo outro do que do próprio sentimento de herói. A riqueza não é o bem supremo, é apenas algo útil. A finalidade do ser humano é a felicidade e deve ser vista como virtude. Ela deve ser adquirida por meio da aprendizagem e do hábito. É através da prática de atos justos que se forma o homem justo.

Sinta-se convidado à audição do 446º Domingo Sinfônico, deste dia 19, das 22h às 00h. Em João Pessoa-PB sintoniza FM 105,5 ou acesse através do aplicativo radiotabajara.pb.gov.br. Comentarei sobre a vida e as interpretações da meio-soprano letã Elina Garanca (1976). Ela iniciou na infância sua carreira como cantora e continuou seus estudos em Viena e nos Estados Unidos. Aos 23 anos, ganhou seu primeiro concurso na Finlândia e começou suas apresentações pela Europa. Essas apresentações estabeleceram essa virtuosa intérprete erudita como uma das mais renomadas da história do canto erudito. Garanca recebeu mais de 15 prêmios internacionais.

Kubitschek
Pinheiro

kubipinheiro@yahoo.com.br

Nós e os outros

Pode ou deve haver um modo que explique tantas perguntas, nessa desorganização e desassossego de cada um. A pessoa chega pra mim e diz: "Por que você não pinta seu cabelo?" Na idade que estou, com os cabelos grisalhos, ainda respondo: "Que cor?" A cor da minha predileção é azul...

Essas imagens caretas e narrativas dirigidas sem cabimento, gente que não tem outra forma de abordar e, claro, para puxar conversa precisa ter um elo, mas não, se acham no direito de fazer perguntas idiotas. Uma pessoa me perguntar todos os dias se estou chateado? Eu não tenho mais o que responder.

Voltava de uma festa e era cedo, tipo 10 horas quando sou parado numa blitz. O policial perguntou se queria fazer o bafômetro. Eu disse que não. Ele insistiu e eu disse: "Meu senhor, eu sou evangélico, não bebo nem fumo". Ele já estava com minha CH nas mãos e chamou o outro policial, cochichou e depois disse: "Desça, é melhor fazer o bafômetro". Nem precisa dizer o resultado, claro, não bebo desde a pandemia.

Como autêntica indústria da vida alheia, o tempo todo a gente está a ser indagado. Minha mulher diz: "Vai pra onde, meu amor?" Eu digo: "Pra canto nenhum". "E essa roupa?" "Comprei num brechó, vesti só para te mostrar. Gostou?"

Posso ser, não "soul" uma pessoa inquieta e começo a cantar: Se eu quiser fumar, eu fumo; se eu quiser, eu bebo; não me interessa mais ninguém.

Deve haver uma sugestão de a pessoa ficar em silêncio, porque a vida a dois parece um interrogatório. Quando eu chegar ao céu (não é possível que eu tenha que fazer conexão no inferno. Certamente São Pedro, vai dizer: "Ué, já chegou?" "Ái, eu digo: "Sou irmão do Bandeira e entro sem pedir licença".

Minha professora pergunta sempre: "Que livro você está lendo?" É uma boa pergunta: "Que livro você está lendo, amiga Jória Guerreiro?" Às vezes, eu pergunto ao Uber: "Você é daqui?" Pergunta besta, mas não consigo ficar com um cara que não conheço sem puxar um assunto, durante a travessia. "Sim, eu nasci aqui". É casado, tem filhos... aí já chega outro chamado e o término da viagem.

Eu fico tentando encontrar uma maneira de traçar uma explicação possivelmente tão mais cômoda feita à natureza da gente. É assim: a cena tende a principiar na sacudidela, levanta sacode a poeira e se manda. Eu sempre digo o óbvio a uma mulher bonita, que ela é linda. Não faço isso com as feias, juro.

Mudei o canto de estacionar meu carro nas imediações do Tribunal. Todo dia, o cara perguntava: "Vamos lavar, doutor?" Eu dizia: "Rapaz, eu ainda não concluí o doutorado".

Essas besteiras todas que nós fazemos nos velórios, nas festas, nas exposições, nos restaurantes. Sim, nós que eu digo é todo mundo, menos os afônicos, daltônicos e totonhos.

Eu pergunto: "Qual é a pergunta que não quer calar?" Boca fechada, nada, boca seca, ronco. Recordar não é viver, é inventar, cutucar com vara curta, simular elogios mentirosos e ser falso. Outro dia, uma pessoa que não posso dizer o nome, me perguntou se o rei é falso? Geralmente, a gente pergunta se Ana Bolena está gostando? Quem é Ana Bolena? Ah, Ana de Amsterdã, Ana de cinco minutos, Ana Maria, Mariana, Ana Cláudia, Ana Amélia, são tantas perguntas.

E aí, gostaram do texto de hoje? Domingo tem mais.

Kapetadas

1 - Tudo é uma questão de opinião que normalmente ninguém pediu;

2 - Por que o "N" é sempre de "Navio" e não de "Não gosto de quem fala comigo, me puxando ou pegando pelo braço, no ombro, joelho e pé". Cuspindo, nem se fala.

Foto: Pixabay



"Deve haver uma sugestão de a pessoa ficar em silêncio, porque a vida a dois parece um interrogatório"

Colunista colaborador

Alex Santos

Cineasta e professor da UFPB | colaborador

‘Toda a luz que não podemos ver’

Não sou daqueles de acompanhar seriados na televisão, em demasia. Acho a maioria deles de narrativas arastadas e cansativas. Sou mais pela síntese histórica, porém, bem construída. Mesmo que sejam sobre temas políticos e socialmente importantes, como é bem o caso de *Toda a luz que não podemos ver* (*All the Light We Can not See*), que foi lançado recentemente em *streaming* pela Netflix.

Cooptado pela esposa Lili, que gosta de assistir a seriados, notadamente aqueles que tratam de temas bem típicos da sua área de atuação jurisdicional – ela é Defensora Pública do Estado –, assisti ao *Toda a luz...* e gostei do que vi. Diria que, temas que tratam da Segunda Grande Guerra chamam sempre a minha atenção. Talvez, por ter vindo a este mundo durante o finalzinho do conflito mundial mais emblemático que se conhece até hoje.

Reverendo um pouco do passado, à época já afastado do berço, mesmo sem entender, meu pai depois me disse que falava baixinho para mim o que ouvira no rádio sobre o então conflito na Europa. Isso, muito antes dele ter ingressado no mundo do cinema. E tendo em conta a importância do rádio naquela época, imagino hoje se não foram as notícias de rádio sobre os tais conflitos, depois “travestidos” de cinema, que fizeram “Seu” Alexandre entrar para o mundo da Sétima Arte, como um dos exibidores de filmes pioneiros do nosso estado?



Na série, o ator alemão Lars Eidinger no papel do oficial nazista Reinhold von Rumpel

O rádio, imagino, terá sido o começo de tudo na vida do meu pai. Aliás, o rádio é também a base de argumento do próprio seriado que acabo de assistir. A história de *Toda a luz que não podemos ver* é ancorada justamente na gravidade do uso de rádio pela sociedade, durante a ocupação nazista em Paris e demais cidades da França. Cenários em que se desenvolve a história do romance homônimo de Anthony Doerr, agora seriado para a TV e dirigido por Shawn Levy. O livro foi premiado com o Pulitzer.

Pois bem, o deveras curioso nessa produção é uma espécie de “estudo” sobre os sentidos – visão e audição. Uma garota cega, Marie-Laure (Aria Mia Loberti), de ouvido bastante acurado, exerce um radioamadorismo proibido pelos nazistas, que a procuram o tempo

todo. Ironicamente, ela é salva no final da história por um soldado alemão, sonhador, numa sintonia perfeita de ambos pelo rádio. O personagem é vivido pelo ator alemão Louis Hofmann.

Não conhecia o romance de Anthony Doerr. Reverendo meus alfarrábios, lá encontro anotações desse autor americano famoso, que nos deu também outras obras igualmente importantes. Com relação a *Toda a luz que não podemos ver*, trata-se de um seriado atraente, contudo, um tanto prolixo.

Nota 10 ao ator alemão Lars Eidinger, protagonizando o oficial nazista Reinhold von Rumpel, em toda sua arrogância e histeria típicas dos liderados por Hitler. – Mais “Coisas de Cinema”, acesse o *blog*: www.alexantos.com.br.

Letra Lúdica

Hildeberto
 Barbosa Filho
hildebertopoesia@gmail.com

Esse cara não sou eu!

Não faz muito tempo, decidi procurar discos antigos de Roberto Carlos. Encontrei uns; outros, não.

Mas, pensando bem, não estava à procura da voz e das composições do rei. Estava era à procura de mim mesmo. Aquele cara de cabelos longos, calças boca de sino, que amava os Beatles, os Rolling Stones, mas também curti ‘Quero que vá tudo pro inferno’ e, principalmente, ‘Um astronauta’, entre outros sucessos do início de carreira dessa celebridade.

Um cara que era eu; que, ainda, suponho, seja eu, pois, como diz Carlos Drummond de Andrade, num poema maravilhoso e corrosivo “De tudo fica um pouco”.

Gosto do Roberto Carlos do começo. Depois do lugar comum da palhaçada religiosa e da prostituição mercadológica, me afastei do rei. O rei que ouço, porque ainda ouço o rei, é um outro. Não o desse ‘Cara sou eu’.

E por quê?

Porque, definitivamente, esse cara não sou eu. E não o sou, considerando, em especial, alguns dos estereótipos da letra.

Em primeiro lugar, o sono, para mim, é experiência sagrada. Portanto, não acordo ninguém no meio da noite, mesmo em se tratando da mais amada das amadas.

Penso sempre em quem amo, mas não todo dia nem em toda hora, uma vez que tenho outras coisas em que pensar. Por

exemplo: o sol, o mar, as pedras, os filhos, os mortos, os livros, Friedrich Nietzsche, Arthur Schopenhauer, Dante Alighieri, Charles Baudelaire e tantos outros sintomas que me dizem não está a poesia apenas nas roxas, úmidas e saborosas regiões do corpo da mulher amada.

Por outro lado, eu não sou o cara certo, nem mesmo para quem amo. E, como sou congenitamente infeliz, termino espalhando infelicidade por onde passo e onde piso.

(...) eu não sou o cara certo, nem mesmo para quem amo. E, como sou congenitamente infeliz, termino espalhando infelicidade por onde passo e onde piso.

Adorar, meu caro? Nem a nada nem a ninguém.

Também não sou logicamente o “herói esperado por toda mulher”. Nem sabia que toda mulher espera por um herói. Nem sou nem quero ser. Sou um pobre homem moderno: não acredito em heróis, e heróis não existem, sobretudo na insustentável leveza das tramas e mesquinhas amorosas. De outra parte, não é a unanimidade que é burra, como dizia o mestre Nelson Rodrigues. É a idolatria.

Por fim, abrir a porta do carro para a mulher que se ama é do homem usar chapéu. Houve uma época para isto. Uma circunstância histórica e social. O *ethos* mudou, o mundo mudou, as pessoas mudaram... Nem sempre para melhor, é verdade. Roberto Carlos é que, infelizmente, continua a mesmice de sempre!

Foto: Arquivo Agência Estado



Pelo retrovisor, o cantor e compositor Roberto Carlos, em 1967

APC: Resultado da eleição sairá próxima semana

A diretoria da Academia Paraibana de Cinema (APC), presidida pela atriz Zezita Mats, deve anunciar na próxima semana o resultado das inscritas de chapas, que concorrem à eleição da nova diretoria da APC, ao mandato 2024-2026.

As indicações inscritas aconteceram dentro do período regimental, e serão publicadas pelas mídias eletrônicas e imprensa, à informação dos associados, para devida votação, que deverá ser *on-line* ou presencial na sede da APC, até dia 31 de dezembro de 2023, como prevê o seu estatuto.



EM cartaz

ESTREIA

JOGOS VORAZES: A CANTIGA DOS PÁSSAROS E DAS SERPENTES (The Hunger Games: The Ballad of Songbirds and Snakes. EUA. Dir.: Francis Lawrence. Aventura. 14 anos). Anos antes de se tornar o presidente tirânico de Panem, Coriolanus Snow (Tom Blyth), de 18 anos, vê uma chance de mudar sua sorte quando se torna o mentor de Lucy Gray Baird (Rachel Zegler), o tributo feminino do Distrito 12. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 16h15 - 19h30; **CENTERPLEX MAG 3**: 17h15 (dub.) - 20h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 3** (leg.): 14h15 - 17h45 - 21h15; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h - 17h30 - 21h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 6** (dub.): 15h15 - 18h45 - 22h10; **CINÉPOLIS MANAÍRA 7** (leg.): 13h45 (sex., sáb. e dom.) - 17h15 - 20h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 9 - MacroXE**: 14h30 (dub.) - 18h (dub.) - 21h30 (leg.); **CINÉPOLIS MANAÍRA 11 - VIP** (leg.): 15h - 18h30 - 22h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 1** (dub.): 14h30 - 18h - 21h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 16h30 20h; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 5** (dub.): 14h - 17h30 - 21h; **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 16h15 - 19h15; **CINE SERCLA TAMBIA 6** (dub.): 14h25 - 17h20 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 2** (dub.): 14h25 - 17h20 - 20h15; **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 16h15 - 19h15 (seg. a qua.); **CINE SERCLA PARTAGE 5** (leg.): 20h.

CONTINUAÇÃO

ASSASSINOS DA LUA DAS FLORES (Killers of the Flower Moon. EUA. Dir.: Martin Scorsese. Drama. 16 anos). O ano é 1920, na região norte-americana de Oklahoma. Misteriosos assassinatos acontecem na tribo indígena de Osage, uma terra rica em petróleo. O caso foi investigado pelo FBI, a agência que tinha acabado de ser criada na época. Os assassinatos dados a partir de circunstâncias misteriosas na década de 1920, assolando os membros da nação Osage, acaba desencadeando uma grande investigação envolvendo o poderoso J. Edgar Hoover, considerado o primeiro diretor do FBI. **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg.): 19h30.

FIVE NIGHTS AT FREDDY'S - O PESADELO SEM FIM (Five Nights at Freddy's. EUA. Dir.: Emma Tammi. Terror. 14 anos). Em um restaurante familiar tipicamente norte-americano, um jovem (Josh Hutcherson) é contratado para trabalhar como o vigia noturno do local. Sob o comando do gerente (Matthew Lillard), o

lugar é muito famoso por seus característicos robôs animados que fazem a festa das crianças. Porém, quando chega a noite, um segredo obscuro e mortal surge: os animatrônicos se transformam em assassinos psicopatas. **CENTERPLEX MAG 4** (dub.): 14h45; **CINÉPOLIS MANAÍRA 2** (dub.): 13h50 (sex., sáb. e dom.) - 16h30 - 19h - 21h40; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 19h30 (exceto seg.) - 22h (exceto seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 16h35 - 18h40 - 20h45; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 16h35 - 18h40 - 20h45.

AS MARVELS (The Marvels. EUA. Dir.: Nia Da-Costa. Aventura. Livre). A Capitã Marvel, também conhecida como Carol Danvers (Brie Larson), está de volta para mais uma missão: agora, ela precisa lidar com consequências não intencionais que a levam a carregar o fardo de um universo desestabilizado. Porém, enquanto tenta resolver o problema, Danvers vai parar acidentalmente em um buraco de minhoca anômalo, que faz com que seus poderes acabem entrelaçados aos de outras duas heroínas: a super-herói Kamala Khan (Iman Vellani), também conhecida como Ms. Marvel, e a sobrinha afastada de Carol, a capitã Monica Rambeau (Teyonah Parris), que agora trabalha como astronauta. **CENTERPLEX MAG 4**: 17h (dub.) - 19h15 (dub.) - 21h30 (leg.); **CENTERPLEX MAG 3** (dub.): 15h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 15h45 - 18h15 - 20h30; **CINÉPOLIS MANAÍRA 10 - VIP** (leg., 3D): 14h10 - 16h45; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 3** (dub.): 15h45 (exceto seg.) - 18h15 (exceto seg.) - 20h45 (exceto seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 5** (dub.): 14h15 - 16h20 - 18h25 - 20h30; **CINE SERCLA PARTAGE 1** (dub.): 14h15 - 16h20 - 18h25 - 20h30.

MUSSUM - O FILMS (Brasil. Dir.: Sílvio Guindane. Biografia. 12 anos). A história real sobre a vida e trajetória de Antônio Carlos Bernardes Gomes, popularmente apelidado de Mussum (Ailton Graça). Tendo crescido como um garoto pobre, Mussum ficou conhecido por ter se tomado um dos maiores humoristas do Brasil por conta de Os Trapalões, além de fundar o grupo musical Os Originais do Samba. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1**: 17h40 (exceto qui. a dom.).

NÃO ABRA! (It Lives Inside. EUA. Dir.: Bishal Dutta. Terror. 14 anos). Uma adolescente de origem indiana (Suri) é moradora de um subúrbio com sua família conservadora nos EUA. Ela luta para lidar com várias inseguranças culturais, que acabam aumentando por conta de sua amiga dis-

tante (Mohana Krishnan), que sempre carrega consigo um misterioso jarro vazio. Após um desentendimento entre elas, o jarro acaba quebrado, libertando uma força demoníaca antiga e extremamente perigosa. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 20h15 (exceto qui. a dom.) - 21h45 (qui. a dom.).

NINA - A HEROÍNA DOS SETE MARES (Patte et la colère de Poséidon/Argonuts. França. Dir.: Eric Tosti, Jean-François Tosti e David Alaux. Animação. 16 anos). Ratinha aventureira sonha em se tornar uma grande heroína. **CINÉPOLIS MANAÍRA 4** (dub.): 13h30 (sex., sáb. e dom.); **CINÉPOLIS MANGABEIRA 4** (dub.): 14h15; **CINE SERCLA TAMBIA 1** (dub.): 14h30 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 5** (dub.): 14h30 (sáb. e dom.).

PATRULHA CANINA - UM FILME SUPERPODEROSO (PAW Patrol: The Mighty Movie. EUA. Dir.: Cal Brunker. Animação. Livre). Os filhotes da Patrulha Canina ganham poderes após um meteoro mágico cair na cidade. **CINE SERCLA TAMBIA 4** (dub.): 14h20 (sáb. e dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 3** (dub.): 14h20 (sáb. e dom.).

TAYLOR SWIFT - THE ERAS TOUR (EUA. Dir.: Sam Wrench. Musical. 14 anos). Um filme-concerto que documenta a *The Eras*, a turnê de 2023-2024 da cantora e compositora estadunidense Taylor Swift. **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (leg.): 18h (qui. a dom.); **CINE SERCLA PARTAGE 3** (leg.): 20h30 (qui. a dom.).

TROLLS 3 - JUNTOS NOVAMENTE (Trolls Band Together. EUA. Dir.: Walt Dohm. Animação. Livre). Branch e Poppy embarcam em uma jornada angustiante e emocionante para salvar um irmão que foi sequestrado por um par de vilões pop star. **CENTERPLEX MAG 1** (dub.): 14h; **CINÉPOLIS MANAÍRA 1** (dub.): 13h15 (sex., sáb. e dom.) - 15h30; **CINÉPOLIS MANGABEIRA 2** (dub.): 15h (exceto seg.) - 17h15 (exceto seg.); **CINE SERCLA TAMBIA 3** (dub.): 14h40; **CINE SERCLA PARTAGE 4** (dub.): 14h40.

FESTIVAL VARILUX DE CINEMA FRANCÊS

Evento acontece nas redes Cinépolis (Manaira Shopping) e Centerplex (MAG Shopping), em João Pessoa. Programação completa no site oficial do festival (variluxcinefrances.com/2023/cidade/joao-pessoa-pb/).

Serviço

• Funes [3211-6280] • Mag Shopping [3246-9200] • Shopping Tambiá [3214-4000] • Shopping Partage (83)3344.5000 • Shopping Sul [3235-5585] • Shopping Manaira (Box) [3246-3188] • Sesc - Campina Grande [3337-1942] • Sesc - João Pessoa [3208-3158] • Teatro Lima Penante [3221-5835] • Teatro Ednaldo do Egypto [3247-1449] • Teatro Severino Cabral [3341-6538] • Bar dos Artistas [3241-4148] Galeria Archidy Picado [3211-6224] • Casa do Cantador [3337-4646]

Colunista colaborador

INTEGRAÇÃO SOCIAL

HQ paraibana fala sobre inclusão

Projeto será lançado no próximo ano, focando na história de superação de um personagem cadeirante

Guilherme Cabral
guilhermecabral@epc.pb.gov.br

A necessidade da conscientização da importância da inclusão e da acessibilidade na sociedade. Eis o principal tema da inédita revista de história em quadrinhos *Natanael e o Tesouro da Inclusão*, produzida em parceria pelo quadrinista paraibano Aurélio Filho e o português Natanael Sousa, cadeirante que é funcionário no Campus do Instituto Federal da Paraíba (IFPB), na cidade de Sousa, onde está radicado há nove anos. O projeto já está concluído e despertou o interesse da editora Garoa Livros (SP), que vem, no momento, realizando o trabalho de diagramação da publicação, que terá 16 páginas coloridas. A previsão é de que o lançamento da obra ocorra no primeiro semestre de 2024, na sede da Fundação Ernane Satyro (Funes), em Patos, no Sertão do estado.

“Natanael Sousa é um amigo meu, que tem um trabalho voltado para inclusão e acessibilidade, e me convidou, há quase dois anos, para ser seu parceiro nesse projeto por ele idealizado. Aceitei a proposta não só porque gostei, mas em razão do meu trabalho também ter cunho social, pois já publiquei histórias sobre temas como racismo, aborto e problemas no trânsito”, disse Aurélio Filho.

“Nessa obra mergulhamos na história de Natanael, um garoto cheio de sonhos e imaginação, mas que também enfrenta desafios de mobilidade. Ao longo de sua jornada, ele descobre

um tesouro único, que é a amizade e compreensão, que o ajudam a superar as barreiras das diferenças. Eu, desde a infância, enfrentei desafios, desafios diários, devido à minha deficiência motora”, disse o idealizador da HQ, o português Natanael Sousa, que nasceu na cidade de Penafiel.

O quadrinista paraibano estima uma tiragem de cinco mil exemplares. “Essa história em quadrinhos é ficcional, mas o personagem principal se chama Natanael, nome do idealizador do projeto, e se baseia em situações do cotidiano, como a importância de se conscientizar as pessoas em defesa da inclusão e da acessibilidade, bem como despertar o interesse dos poderes públicos para realizar ações que contemplem essa parcela da população, como a construção de rampas de acesso em calçadas e em órgãos públicos”, explicou ele.

A princípio, o objetivo principal é fazer com que os estudantes da rede municipal de ensino de Patos assistam às palestras de Natanael Sousa sobre o tema da revista e que a publicação seja utilizada como atividade didática entre os mesmos.

Aurélio Filho antecipou já ter em mente seu próximo projeto individual: produzir uma minibiografia em quadrinhos do escritor paraibano Ariano Suassuna, incluindo trechos de poesias e obras, como *O Auto da Compadecida*, que deverá iniciar até o final deste próximo mês de dezembro, mas ainda sem previsão de lançamento.



Revista 'Natanael e o Tesouro da Inclusão' foi produzida a quatro mãos pela parceria do quadrinista paraibano Aurélio Filho com o português Natanael Sousa, cadeirante radicado em Patos, no Sertão do estado

Livraria
AUNIÃO
Casa da literatura paraibana

A casa da literatura paraibana está também online!

Entre na Livraria A União e receba os melhores textos da Paraíba a um clique!

Acesse:



www.livrariaauniao.pb.gov.br/epc_livraria/loja/



COTAS DE GÊNERO

Cassações, eleições e novas posses

Justiça Eleitoral não para de julgar processos que tentaram burlar a lei e prejudicar a participação feminina

Ingreson Derze
ingreson.jornalista@gmail.com

A igualdade sobre o direito das mulheres de participar da política é uma árdua batalha discutida e combatida entre séculos pela sociedade. O espaço das mulheres, não apenas como meras observadoras, mas com papel participativo no protagonismo da construção da democracia ainda precede da superação de gigantes obstáculos. Apesar de que nos últimos anos, as mulheres derrubaram diversas barreiras na luta pela conquista do espaço de direito. O voto feminino, por exemplo, marcou a história no cenário político.

As mulheres avançaram no campo político nas últimas décadas, não apenas pelo direito constitucional do voto, mas também pela disputa de cargos nos mais altos escalões da administração pública. Dilma Rousseff foi a primeira mulher eleita presidente do Brasil. A ex-presidente foi chegado ao cargo em 2011, em nova disputa,

conseguiu a reeleição. Apesar da participação da mulher na política, os números ainda são considerados mínimos, como explica o cientista político Raimundo França.

“No Brasil, mesmo as mulheres tendo conquistado o direito ao voto, em 1932, o que se observa de lá para cá é que os efeitos da conquista do direito de votar e ser votada não resultou na autorrepresentação das mulheres no universo da representação política institucional no Legislativo e executivo, posto que são ínfimos os casos em que as mulheres tenham logrado êxito eleitoral no Brasil”, explicou França.

■ As mulheres avançaram no campo político nas últimas décadas



Foto: Assessoria/TRE

Foto: Divulgação

Em Mãe D'Água, os eleitores foram às urnas, há uma semana, para escolher os novos vereadores do município por decisão do TRE



Jô Oliveira é uma das parlamentares na Câmara de Campina

Maioria no país, mas com pouca representação

De acordo dados do Censo de 2022, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), o país tem uma população de 203.080.756. Deste total, 104.548.325 (51,5%) são mulheres e 98.532.431 (48,5%) são homens. O que significa que existe um excedente de 6.015.894 mulheres em relação ao número de homens. A vantagem numérica feminina em todas as regiões do Brasil, não é semelhante ao número de mulheres ocupando os cargos políticos de vereadoras, deputadas, prefeitas e senadoras.

Para o cientista político Raimundo França, as mulheres ainda têm um longo caminho

quando o assunto é autorrepresentação na esfera da política institucional brasileira, pois a composição do atual Congresso Nacional, por exemplo, não alcançou sequer 20% de congressistas eleitas no pleito de 2022, mesmo as mulheres sendo a maioria da população.

“Diante disso, muitas questões se impõem para quebrar estas barreiras quanto à representatividade das mulheres nos espaços de poder/institucional como, por exemplo, a visão patriarcal da política, o machismo, as estruturas partidárias oligárquicas, o imaginário de que política não é coisa de mulher”, disse Raimundo França.

Retotalização de votos será no próximo dia 24

A Justiça Eleitoral determinou a cassação de quatro vereadores da Câmara Municipal de Campina Grande, por fraude à cota de gênero. Os parlamentares são Dinho Papa-Léguas (PSDB), Waldeny Santana (União Brasil), Rui da Ceasa (PROS) e Carol Gomes (União Brasil), eles devem ter os votos anulados pela decisão. Apesar da sentença, os vereadores seguem atuando no plenário da Casa de Felix Araújo.

Contudo, a Justiça Eleitoral comunicou ao Cartório Elei-

toral da 16ª Zona Eleitoral de Campina Grande, a decisão sobre a cassação dos vereadores por fraude à cota de gênero, diante da publicação de sentença no diário oficial da instituição, o juiz Antonio Reginaldo Nunes, responsável pela Zona Eleitoral, determinou a retotalização dos votos referentes às eleições ocorridas em 2020. O processo foi agendado para acontecer no dia 24 de novembro, a partir das 10h da manhã, no auditório do Fórum Eleitoral de Campina Grande.

Lei é ferramenta para maior participação

A lei de cota de gênero na política foi criada como ferramenta para maior participação de mulheres nos pleitos eleitorais proporcionais. A Lei das Eleições de nº 9.504 de 1997, estabelece que cada partido deve preencher um percentual mínimo de 30% de candidaturas femininas entre seus candidatos em eleições proporcionais. Con-

tudo, a legislação vem sendo constantemente burlada. A chefe de Cartório da 17ª Zona Eleitoral, Sandra Maria Farias, salientou o instrumento de lei como medida imprescindível para o processo eleitoral democrático.

“Segundo a Constituição de 1988, mulheres e homens devem ser iguais em direitos e deveres. No en-

tanto, a concretização dessa igualdade, da qual depende a consolidação do regime democrático brasileiro, pressupõe progressivos esforços pela ampliação da participação das mulheres na política. A cota de gênero para as candidaturas é um dos esforços, se constituindo em importante política afir-

mativa para aumentar a presença feminina na política. Com isso, espera-se que as pautas relacionadas aos direitos das mulheres sejam apresentadas e efetivamente apreciadas pelo Legislativo bem como consideradas nas decisões políticas do país de forma geral”, enfatizou Sandra Maria Farias.

Sete pleitos suplementares são realizados

Devido a casos de fraude à cota de gênero, o Tribunal Regional Eleitoral da Paraíba (TRE-PB), já realizou sete eleições suplementares. Todas ocasionadas em virtude de candidaturas que infringiram a legislação nas eleições ocorridas. Por conta da cassação dos vereadores pela Justiça Eleitoral. A população foi convocada em oito municípios paraibanos para escolher os novos vereadores.

A primeira eleição suplementar fora do tradi-

cional calendário de votação aconteceu em Soledade, no Agreste da Paraíba, no ano de 2013. Em seguida, novos casos de fraude foram detectados pela Justiça Eleitoral, restando a necessidade da realização de novas em Cabedelo (2019), Gado Bravo, (2021), Monte Horebe (2022), Boa Ventura (2023).

As últimas eleições suplementares foram realizadas nas cidades de Boqueirão e Mãe D'Água. Os pleitos eleitorais ocorre-

Primeira

A primeira eleição suplementar fora do tradicional calendário de votação aconteceu em Soledade, no Agreste da Paraíba

ram simultaneamente no dia 12 de novembro. Na ocasião, 20 vereadores foram cassados por fraude à cota de gênero. Em Boqueirão, as eleições de 2019, foram anuladas, por conta da fraude de oito vereadores.

Os mais de 15 mil eleitores aptos elegeram os novos 11 vereadores. Em Mãe D'Água a situação foi semelhante. A população foi às urnas eleger oito vereadores da Câmara Municipal. Participaram do pleito mais três mil eleitores.

Eleger mulheres para qualificar o debate

Foto: Rodrigo Nunes



Daniella Ribeiro é representante feminina da PB no Senado

Na Paraíba, as diferenças demonstram a atual realidade da falta de representatividade feminina na política. Nenhuma mulher foi eleita nas últimas eleições para o cargo de deputada federal. Já na Assembleia Legislativa da Paraíba (ALPB), que conta com 36 cadeiras, somente seis mulheres foram eleitas deputadas estaduais. No Senado, Daniella Ribeiro ocupa a única vaga feminina.

Na Câmara Municipal de João Pessoa, conta apenas com uma mulher no parlamento, a vereadora Eliza Virgínia. Em

Campina Grande seis mulheres conseguiram o mandato, dos 23 cargos de vereador, sendo que uma vereadora teve o mandato cassado pela Justiça Eleitoral.

“É importante garantir que a presença das mulheres na política tenha a capacidade de qualificar o debate. Qualificar o debate transformando ele mais democrático, inclusive, trazendo pautas que muitas vezes estão sob a perspectiva de um único olhar, de um olhar masculino, branco e elitizado”, destacou Jô Oliveira.

Memórias

A União

Jornalista apanhou da polícia, escreveu e fotografou até chegar a professor

Uma história que começou praticamente na alfabetização, com pedidos para a mãe dizer o que as letras do jornal velho, que servia para embrulho, significavam até a opção pela reportagem humanizada por personagens

Luiz Carlos Sousa
lulajcp@gmail.com

Josinaldo Malaquias tem uma daquelas histórias vitoriosas, de quem começou humildemente e perseguiu um objetivo até alcançá-lo. Saiu das redações dos jornais para a cátedra na Universidade, depois de uma carreira com iniciativas inéditas, como escrever e fotografar no exercício da profissão. Atrevido, como se define, fotografou a polícia batendo em torcedores e acabou apanhando também. Mas, esperto, entregou o filme sem imagens a um tenente e o que continha imagens das agressões repassou aos diretores do jornal. A matéria teve repercussão internacional. Nessa conversa com o Memórias **A União**, ele se diz esperançoso com o futuro do jornal, que sempre superou as novas tecnologias, e comparou o impresso a uma fênix, sempre renascendo.

Entrevista

■ Como começou a sua história com **A União**?

É uma longa história. Eu cheguei n'**A União**, costume dizer, pela graça de Deus, e em segundo lugar, por Frutuoso Chaves, haja vista que, no jornal O Norte, eles não me davam chances para escrever partindo do pressuposto que, se eu escrevesse, perderiam um fotógrafo. Frutuoso chegou e disse: "Você vai escrever aqui".

■ Frutuoso ocupava qual cargo?

Era o chefe de Reportagem. Vim falar com Dr. Murilo Sena, que era diretor-administrativo, a quem admirei muito e de quem sou amigo. Chegou com aquela peculiaridade de rigidez dele e perguntou: "O sr. bebe?" Eu disse: "Doutor eu bebo, eu fumo e jogo, pois como dizia Oscar White, 'o homem que não tem vícios tem poucas virtudes'". Ele não conversou: "Está contratado", disse.

■ Você já conhecia Frutuoso do exercício da profissão?

Não, eu não conhecia nada, não. Tinha ido lá casualmente falar com Antônio Davi. Frutuoso me conhecia e eu não o conhecia, por incrível que pareça, porque Frutuoso era aquele rapaz tímido, extremamente competente e tímido.

■ Como era a tua ligação com jornalismo, o que o levou para o jornalismo?

Desde pequeno, eu achava o jornal a coisa mais interessante na vida. A lembrança que eu tenho da minha cidade, Alagoa Grande, era daqueles senhores que, no final da tarde, se sentavam na calçada e pegavam o jornal. Eu era menino, ainda não estava alfabetizado, não sabia nem se estavam lendo os classificados. Eu achava bonito. E fui alfabetizado praticamente com jornal, que chegava velho. Minha mãe e meu pai tinham uma "bodegazinha" e, para embrulhar sabão, essas coisas, usavam jornal. Eu chegava perto e perguntava: "mãe, que palavra é essa?"

■ Paixão antiga?

Paixão antiga, e achava que o jornalista era aquela coisa que ia ficar rico, ficar no mínimo ali como a família Marinho.

■ Algo romantizado mesmo?

Romantizado. E quando eu cheguei aqui ainda fiquei mais romantizado ainda. Eu conheci as pessoas que eu idolatrava em Alagoa Grande: Carlos Aranha, Barreto Neto e Ana Paula. Quando conheci Carlos Aranha, tive um susto. Aranha zen, aquela pessoa, e eu o imaginava maior do que Crispim. Foi a primeira amizade que eu fiz.

■ Só admirando?

Ái diziam: "Vai estudar menino, que diabo você quer aqui em rádio, em jornal?" Quando fui para o jornal, já tinha aprendido fotografia.

■ Autodidaticamente?

Autodidata. Não tinha quem ensinasse. E fotografia era o seguinte: estava mais para a oficina do que para a redação. Eu batia a foto e me escondia no laboratório, e a foto entregava na mesa do editor.

■ Nessa sua primeira passagem pel'**A União**, você demorou quanto tempo?

De 77 a 80, quando fui para O Norte novamente. Em 81, fiz concurso para Universidade e fiquei lá de 1994 até 2015.

■ Nesse início, quando você chegou n'**A União**, já foi pra reportagem e fazia as duas coisas, fotografava e redigia?

Fazia as duas coisas. Uma semana depois, lembro que um rapaz se suicidou no viaduto na Lagoa. Ele pulou na hora que eu estava lá, e bati as fotos. **A União** esgotou. Ai Murilo Sena disse: "Mande esse rapaz trazer a carteira profissional para assinar logo". Naquele tempo, tinha o que a gente chama de copidesque. Frutuoso mesmo copidescava e lia: "Olha, você tá fazendo isso, não faça assim. E depois tinha o professor de todos nós, Barreto Neto, que ficava numa salinha escrevendo e eu atrás. Uma vez, a menina dele muito pequena, ele procurou um fotógrafo para o aniversário de um ano, eu disse: eu vou. Depois ele disse: esse camarada é tão prestativo que não tem como a gente não ensinar. "Rapaz, faça assim e assim. Eram Barreto e Frutuoso.

■ Você foi abençoado?

Dois mestres e Frutuoso era da minha escola que fazia tudo. Eu lembro

bro que fui entrevistar Celso Furtado, e não tenho vergonha de dizer, porque a ditadura fez com que a gente não conhecesse ninguém. Frutuoso: "Vem cá, tu já ouviste falar em Celso Furtado?" Eu: não. Então, falou sobre Celso Furtado criador da Sudene, um dos maiores economistas do mundo. Me deu a pauta, só que eu tinha uma coisa: decorava a pauta, não era menino de chegar lendo. Uma vez fiz com o saudoso Osias Gomes, que disse: "Me dê essa pauta aqui". Escreveu tudo e me deu. Eu achei que aquilo era uma agressão. Ai cheguei e disse: não, ele está, no mínimo, achando que eu não tenho muito traquejo, que sou menino, que não sei. Fui fazer isso com José Américo de Almeida, quando ele estava, já em 79, com seus 94 anos antes de adoeecer. Eu olhava as perguntas, pegava, decorava e fazia. E ele respondia e depois ia conversar comigo. Uma vez José Américo disse ao saudoso José Souto, que era o presidente de **A União**: "Olha, esse menino é precoce. Faz umas intervenções pertinentes e é um bom ouvinte. Só que eu não sabia o que estava perguntando e conversando, ficava só escutando.

■ Qualquer pessoa que tem uma "veleidadezinha" intelectual, diante de José Américo, ia fazer o quê?

Só que naquele tempo quando falava José Américo se batia na madeira, porque tinha essa estupidéz e não sabiam que ele foi um dos atores que contribuíram para o modernismo da literatura brasileira.

■ O regionalismo de A Bagaceira...

O regionalismo criado por ele e Zé Lins do Rego, os dois daqui e ninguém queria admitir isso. Olhavam as posições políticas de José Américo em 30, como coisa que ele não tivesse evoluído. Como coisa que ele também não fosse o que sempre foi e eternamente será.



"Achava que o jornalista era aquela coisa que ia ficar rico, ficar no mínimo como a família Marinho"



Josinaldo Malaquias revelou que, desde criança, nutria admiração pelo jornal impresso, que ajudou na sua alfabetização

■ Você começou n'**A União** pela geral?

Eu nunca quis outra coisa. Eu fazia, no fim de semana, coluna social, o glamour, com Ivonaldo Correa, que foi quem me chamou para a Redação. Mas quando cheguei na Redação eu me apaixonei pela geral.

■ Pau para toda obra?

Era aquela coisa que uma música que Alcione cantava na época dizia "O triste retrato da vida estampa no jornal O Dia, junto do riso da sorte de quem ganhou na loteria". Eu vivia isso. Para você ver uma coisa: conceito de homem, conceito e masculinidade de cara macho. Vou dizer quem foi que me disse isso. Houve um assassino na antiga Maciel Pinheiro, zona de baixo meretrício, já na decadência, no crepúsculo. O repórter policial me chama e eu vou.

■ Se lembra quem era o colega?

Marcônio Edson. Eu fui excitado, pensando que as prostitutas tocavam piano e falavam francês. O desilusão danada. Quando eu cheguei, primeiro houve uma coisa chamada evisceração, a facada foi muito grande e as vísceras saíram uns dois metros. Fotografei e entrei em choque. Entrei num dos lupanares e cheguei perto da dona, que se chamava Lourdes. Era aquela mulher gorda que quando a gente vê um filme de Fellini fica pensando que ele se inspirou na vida. Quando eu cheguei àquela mulher, com aquele cabelo que de tanta cor, não tinha mais nenhuma, era vermelho, azul, não sei que cor tinha, eu olhei para ela e disse: bota uma cana. Nunca tinha bebido na minha vida. Tomei uma. Bota outra e diz quanto é. Ela disse: "Não é nada não". E eu saí em choque e Marcônio Edson morrendo de rir: "Agora ele virou um hominho. Viu um negócio desse e tomou cana".

■ Lembra de um episódio envolvendo,

numa cobertura esportiva, que você registrou a foto e parece que a polícia não quis. Como foi essa história?

Isso foi em 1975, no dia 31 de agosto. Estava havendo uma decisão entre Botafogo e Auto Esporte. E a polícia, sem querer, começou a meter o cacete, oito soldados dando em um menor de idade. Eu, atrevido, fui em cima, fotografei e aí meteram o cacete em mim também. O detalhe: fui preso, tudo. Mas quando menos espero chega a direção de O Norte. E o fato é que fiquei uns dias internado, no antigo Hospital de Pronto-Socorro, porque foi uma coisa grave e o fato foi parar no noticiário internacional.

■ Vai ver que foi nesse episódio que você perdeu o juízo...

Nunca tive não, mas esse fato fez com que eu perdesse mais ainda.

■ Eles tomaram a câmera, quebraram o equipamento?

Quebraram e tinha um negócio ali: eu aprendi, pela vida, a andar com dois filmes. Quando chegaram na Central teve um oficial que disse: "Me dê o filme". Só posso tirar o filme no escuro. Realmente tirei o filme, só que eu entreguei um filme virgem a ele, e quando a direção do jornal chegou, entreguei o filme com as imagens. Porque eu lia muito, e me inspirava muito num rapaz que era uma estrela, nunca o conheci, chamado Domício Pinheiro e depois um outro que me ajudou muito Clodomir Bezerra, que foi até diretor dos fotógrafos da Veja.

■ Em **A União** você, na geral, fazia todo tipo de pauta?

Tudo. Da social a policial.

■ Algum personagem dessa época que você se lembra, que você curtiá?

Eu não tinha não. Eu gostava do fato em si, era repórter mesmo, porque eu era de uma geração ainda

tinha um cidadão, que na vendinha da minha mãe, deixava as coisas para trabalhar no outro dia. Aquele camelo de remédio e vendia uma coisa chamada, Catuaba Padre Cicero e o slogan era: "Levanta o homem cansado e regula uma mulher fraca". Ele fazia aquela propaganda e eu achava aquele bonito.

■ Deixava onde?

Lá em casa, na vendinha. Pegava de manhã, ficava em frente a verdinha, botava aquele alto-falante, ficava lá de paletó falando. Olha só o bordão: "Só não dá cabelo a careca, braço a cotó nem vergonha a quem não tem. Mas o homem que se abaixa faz aí, o que se levanta faz ui. Vai acender o cigarro e queima o bigode". Foi gravando isso. Um dia José Nunes chega perto de mim e diz: "Sabe quem está no Mercado Central? Apolinário". Menino, não contei história. Peguei o carro e fui voando. Cheguei perto dele, ele já estava velho, com uma barba grande, com a máquina fotográfica. Ele ficou todo desconfiado. O senhor está me conhecendo? "Não senhor", respondeu. Sou aquele menininho. Pronto, o homem criou alma nova. "Isso é um menino que apreciava minhas propagandas desde que era pequeninho. Se eu fosse um homem safado caviloso, ele tinha me pegado, levado preso". Eu fiz a matéria e saiu: "Levanta o homem cansado e regula a mulher fraca".

■ Você chegou n'**A União** na época em que o processo estava migrando do linotipo para o offset?

Não. Essa migração foi feita em 1974.

■ Chegou dois anos depois?

Três. Quando cheguei, **A União** já era referência, como o melhor parque aqui do estado da Paraíba, depois apareceram alguns concorrentes.

■ Você já começou aqui nesse prédio? Nesse prédio aqui e a Redação,

■ Você não chegou a, por exemplo, trabalhar em uma editoria mais específica cultura, educação?

Eu fazia tudo, agora gostava de Cultura, que uma vez Gonzaga Rodrigues disse: "É um desperdício", porque naquele tempo tinha que jogar nas onze posições. Ele dizia: "Uma pessoa dessa era para estar na política". Mas eu não gostava daquele ambiente.

■ De que outros fatos você se lembra que você participou aqui n'**A União**?

Não, era muita coisa, que é até difícil a gente especificar. É difícil mesmo, mas tinha muita coisa que eu fazia, porque **A União** dava "papos para manga".

■ Você quer dizer o que com isso?

Eu era livre. Ai eu fazia. Não podia, obviamente, sair da linha editorial do jornal. Então foi quando derivei para a cultura, para uma antropologia intuitiva e comecei a fazer o que se dizia reportagem de caráter humano. Uma das coisas que me marcou - não sei nem se é vivo -

no Centro na 1817, em cima do cartório Garibaldi. Depois foi para Rua João Amorim, 251, atrás do Bom-preço.

■ Você se lembra de algum repórter, colega com quem você fez parceria?

Tinha um aqui que eu gostava muito, que é meu amigo Hilton Gouveia. Virou índio agora e está morando em Baía da Traição. A última vez que eu o vi estava um dia na Praça do Três Poderes, na calçada da Assembleia. Eu fazendo sombra a ele. Quando ele olhou foi ameaçando: "Já ia dar um murro".

■ Mas você se lembra de alguma matéria com o Hilton?

Todas que a gente fez junto dava certo. E hoje quando conto uma piadinha, ele olha com aquela delicadeza. "Tu tá rico é contando essas besteiras de quando tinha 17 anos de idade.

■ Você testemunhou a revolução lá do offset, **A União** como referência como parque gráfico, e hoje você tá testemunhando a revolução tecnológica que transformou todo mundo em fotógrafo, que é o celular. Qual a leitura que você faz?

Para fazer o flagrante, o celular é perfeito, porque sempre tive aquela concepção de que, no flagrante fotográfico, só 20% de técnica são suficientes

■ O resto é só enquadrar?

É sorte, a oportunidade que não passa mais. Agora o celular nunca será igual a uma câmera fotográfica. Não tem os recursos que uma câmera fotográfica tem, lamentavelmente.

■ Além de ser um profissional que trabalhou com fotografia nesse período, você também foi professor de fotografia no curso de Comunicação, como você avalia essas mudanças tecnológicas todas e, principalmente, o fato de que hoje, muitas vezes, quem faz o flagrante e quem faz a fotografia não é jornalista?

É o seguinte. Eu não consigo formar nenhum fotógrafo, porque eu, intuitivamente, quando via que a fotografia era escanteada, não era valorizada, numa linguagem mais atual, quem é que está preocupado com câmera? Só quem é estrela da reportagem é o repórter. Então muitos viam isso e deixavam de lado a fotografia. E nem queriam ser repórter e fotógrafo ao mesmo tempo porque achavam estigmatizante andar com aquela máquina.

■ Câmara melhor, mas o peso tem os equipamentos. As vezes você precisa trocar a lente...

Eu andava com aquele negócio, com o gravadorzinho, com flash que era um bicho desse tamanho e também com a câmera, que era pesada. Eu fiquei com escoliose.

■ Vários rolos de filme?

Não o filme, andava com um ou dois porque o filme tinha 36 poses

e tinha, no jornal, aquela história de economizar, gastar três filmes por semana. E as pessoas que não precisa bater tanta foto, porque se batesse era burrice

■ Tinha essa leitura?

Tinha. O bom fotógrafo não desperdiça material, porque "quem atira com a pólvora dos outros não mede distância".

■ Você disse há pouco que em 81 passou no concurso para a Universidade. E aí encerrou a carreira?

Não encerrei nem deixei de ser jornalista, nem nada, porque "cabaça que leva leite não perde a catinça". E digo uma coisa: sou professor, tenho todos os títulos e mais alguma coisa, mas só gosto mesmo é de ser chamado de repórter.

■ Você tem essa predileção?

Tenho essa predileção de ser repórter. Quando eu era muito criança, menino iniciando no jornalista, o saudoso Carlos Romero me chamava carinhosamente de repórter quando ainda não era. Era fotógrafo e eu ficava tão feliz. Ele não sabia o quanto me deixava feliz me chamar de repórter. E hoje é a única coisa que eu digo: se fosse obrigado a exibir eu exiria: me chame de repórter. Nem jornalista. Repórter.

■ Você também teve outra passagem pel'**A União** agora, mais recentemente com matérias especiais?

Tive, mas estive muito doente, fiquei um pouco deprimido tudo mas estou suscetível a voltar. Não é perdendo emprego.

■ Nem precisa...E nessa segunda fase você fazia o quê?

Uma página por semana, reportagem mesmo de caráter humano. Porque tem coisas que a pessoa não olha, mas digamos o faro. Ali de frente à Igreja da Misericórdia tem um rapaz chamado Beto Brega, que antigamente era representante da RGE, algo assim, uma dessas gravadoras e só trazia disco brega. E aí ficou Beto Brega. Ele ficou vendendo CDs em frente à Igreja da Misericórdia e conversando com ele descobri que ele simplesmente foi casado com a irmã de Chacrinha. Fiz uma matéria aqui e botei tudo. Dirigi o circo. Então, são essas coisas que só a rua é que vai despertando. O que eu noto hoje e digo é que o pessoal é muito elitizado. Tem dificuldade em chegar perto das pessoas e se comunicar.

■ De contar histórias?

Sabe do que me chamam? Repórter das antigas.

■ Como é que você avalia essa época que estamos vivendo em relação a informação, que se transformou em algo muito muito veloz, às vezes sem apuração alguma?

Já me perguntaram uma vez, se eu acho que é a falta de informação ou o excesso que causa alie-

nação? Eu digo os dois, porque há um bombardeio muito grande de informação. E as pessoas que não estão preparadas, que é a grande massa, não têm tempo para filtrar e saber o que é essencial. É quando me lembro do livro de Platão *A República*. No sexto livro tem a alegoria da caverna, aquela questão dos escravos que confundiam a sombra com a realidade. Será que deixamos de confundir as sombras com a realidade? Obviamente, não. A sombra hoje está muito bem definida numa televisão e no WhatsApp.

■ Mas a sua primeira escola foi o jornal impresso?

Sou jornalista. Pego o jornal e dou um cheiro, eu não fico sossegado. Mas hoje tem muita concorrência, é difícil.

■ Você acha que ainda há espaço para o jornal impresso?

Há. Porque o jornal é como uma fênix, vai sempre renascendo, não me pergunte como, porque vão aparecendo as oportunidades e ele vai absorvendo novas tecnologias.

■ Foi o jornal e depois o cinema, o rádio, e sempre se dizendo que um iria acabar e nunca acabou. Tem um ex-editor do *Le Mond* que diz que os meios de comunicação não competem, se complementam...Mesmo com a velocidade de hoje?

Eu acho que vai durar, porque hoje já tem uma das propostas que que é esse jornalismo *on-line*, que já é uma prova inequívoca que a gente não pode viver sem o jornal tradicional. E depois, tudo que existe é sempre na esteira do jornalismo impresso.

■ Como é que você avalia a importância de uma instituição como **A União**? Qual a leitura em relação ao patrimônio que isso representa, por exemplo, para a História da Paraíba?

Especificamente em relação **A União**, que a gente chama de nossa mãe, porque é nossa escola maior ainda hoje, tanto que está aqui dando luzes e luzes para todos que estão chegando agora para ver como é que vou continuar a ver a tradição do jornal.

■ Algo que passou em branco, que não perguntei, algum fato que você gostaria de registrar e a gente não tocou aqui nessa conversa?

Eu acho que já falei demais para o meu tamanho e agradeço aqui a oportunidade de estar me expressando.



Aponte a câmera do celular e veja a entrevista na íntegra



ESTABILIDADE

Como se tornar um concurseiro

Aprovação exige foco, disciplina e renúncias. Garantir a vaga em cargo público é o sonho de muitas pessoas

Alinne Simões
 alinnesimoesjp@gmail.com

Melhor qualidade de vida, carga horária fixa, crescimento profissional e, especialmente, estabilidade financeira são os principais motivos pelos quais milhares de pessoas decidem entrar no universo dos concursos. Todavia, conseguir uma vaga no serviço público exige muita dedicação, estudos e até mesmo renúncia. Cada dia mais concorridos, os candidatos estão se preparando como se fossem competir uma corrida de 100 metros, onde quem chega primeiro ganha a medalha de “ouro”, ou seja, a tão sonhada vaga.

Mas o que uma pessoa que vai fazer o primeiro concurso da sua vida precisa saber para se preparar bem? A especialista em concursos, Paula Miguel, aponta que a primeira coisa a se saber é qual área você quer seguir profissionalmente. Após isso, iniciar a busca por editais os quais deseja se inscrever.

“Eu sempre digo que a Bíblia do concurseiro é o edital. Se não tem o edital atual, lê o passado. Se não tem o passado, começa a se atualizar com os meios de comunicação em geral, porque a gente precisa ter um norte. Identificar qual é a área que quer atuar, se eu tenho um perfil mais administrativo, operacional, de rua, comercial, para poder atingir o cargo que você quer”.

Ela comenta que muitas vezes, as pessoas acabam se inscrevendo em concursos que não têm o seu perfil e quando são aprovados acabam desistindo porque não era aquilo que estavam esperando. Por isso, é muito importante ter esse conhecimento pessoal do que realmente deseja seguir no futuro. “Já aconteceu de alunos passarem em concursos e pedir exoneração porque não se identificou com o cargo. Isso acontece muito na área policial”. Ela destaca que as pessoas não devem pensar só no financeiro, mas também na sua “saúde mental”.

“Não é só a questão financeira. O financeiro inclusive quando se passa por essas etapas é secundário. Porque obviamente as pessoas tentam linkar o financeiro com felicidade, só que quando se trata de um cargo que você não se identifica e o dinheiro que recebe, você se torna um ser humano infeliz. Então, o ideal é você se identificar na área primeiramente para começar a estudar. Até porque quando a gente começa em busca de algo por sonho o engajamento, a motivação, o combustível é outro”.

“Não existe receita de bolo”

O professor Ronie Gleison, que leciona disciplinas relacionadas ao direito, como administrativo, constitucional, penal, legislação extravagante e leis específicas de carreira, frisa que para quem está começando a estudar a primeira coisa é “encontrar o seu jeito”. Em outros termos, cada pessoa tem um perfil diferente, tem quem estuda em casa, quem precisa fazer um cursinho, o que se adapta a aulas gravadas.

“Tem gente que aprende muito em casa, com aulas remotas, aulas gravadas e consegue absorver o conteúdo, praticar em casa e se desenvolve bem. Tem as que não consegue”.



“**Eu sempre digo que a Bíblia do concurseiro é o edital. Se não tem o edital atual, lê o passado. Se não tem o passado, começa a se atualizar... precisa ter um norte**”

Paula Miguel



“**Minha maior dificuldade é manter o equilíbrio para estudar de forma qualitativa, devido a correria, aos compromissos para resolver**”

João Rufino



“**O papel do cursinho, além fazer com que o aluno entenda todo conteúdo, é fazer o mapeamento das bancas, das questões, trabalhar de forma bem objetiva**”

Ronie Gleison



“**Alguns órgãos possuem melhorias de cargo, carreira e salário, e isso dá um pouco mais de segurança e motivação para trabalhar e buscar evolução**”

Vanessa Oliveira

Vale manter a disciplina e o ritmo do estudo

“A primeira coisa para manter a disciplina é focando no seu objetivo. A pessoa quer ser policial, então sempre colocar na sua visão, na sua vida diária aquele desejo de ser policial. Quando ela foca no que ela quer alcançar, seja um professor concursado, alguém de tribunais, carreira administra-

tiva”, frisa o professor Ronie. Ele esclarece que é preciso focar no seu objetivo, pensando no processo necessário para chegar lá. Manter uma rotina de estudos, saber dividir os horários de estudos e para quem estuda e trabalha, não negociar de jeito nenhum os horários de estudos.

“A principal dificuldade dos alunos é manter foco, porque hoje em dia nesse mundo de internet, vida interativa de múltiplas opções, a gente acaba vivendo em multiplataformas e acaba, às vezes, dificultando quem quer estudar, porque para estudar tem que ter uma renúncia, tanto de atividades

pessoais como de atenção mesmo. E o aluno concurseiro tem dificuldade para focar”.

Para quem tem dificuldade em estudar sozinho e manter a disciplina, Paula Miguel indica os cursinhos preparatórios porque eles encurtam alguns processos. “O papel do cursi-

nho, além de ensinar e fazer com que o aluno entenda todo conteúdo, é fazer o mapeamento das bancas, das questões, trabalhar de forma bem objetiva nos conteúdos que caem em concurso”, aponta. “Dá para estudar em casa, mas sozinho eu não indicaria”, ressalta o professor Ronie.

Candidatos buscam empregos estáveis

A administradora e concurseira, Vanessa Oliveira, começou a estudar para concursos há um ano e meio e estuda para carreiras policiais. Ela conta que estuda mais de oito horas por dia, de domingo a domingo. E que a maior dificuldade dela é em relação a concentração. “Pois qualquer barulho consegue me tirar o foco”.

Ela comenta que o motivo que a levou a estudar para concurso foi a busca da tão sonhada estabilidade. “Alguns órgãos possuem melhorias de cargo, carreira e salário, e isso dá um pouco mais de segurança e motivação para trabalhar e buscar sempre uma evolução. Acredito fielmente que se você exercer sua função de forma honesta, eficiente e proativa, terá bons frutos”.

Ela ressalta que durante anos buscou isto nos lugares onde trabalhou e não obteve êxito, por isso decidiu se dedicar aos concursos. “Quero entrar em alguma instituição onde eu possa ser reconhecida pelo meu trabalho”.

O concurseiro João Rufino trabalha como segurança e fala da di-

ficuldade em conciliar os trabalhos com estudos. Ele conta que tenta conciliar os horários de estudo com os que está de “plantão”. E que aproveita as folgas para focar no seu objetivo. “Minha maior dificuldade é manter o equilíbrio para estudar de forma qualitativa, devido a correria, o dia a dia, os compromissos para resolver, as responsabilidades”. Ele conta que há pouco mais de um ano perdeu o seu pai que era funcionário público e uma grande inspiração, mas que apesar da perda ele está conseguindo manter esse equilíbrio e continuar sua trajetória buscando o tão sonhado cargo público.

A assistente social, Evaneide Santos, afirma que conciliar trabalhos e estudos também é sua maior dificuldade. “Sou formada e trabalhar e conciliar estudos se torna bem puxado.

É difícil focar quando você tem tantas atribuições cotidianas. São vários fatores que envolvem esse momento e tentar manter o equilíbrio da saúde física e mental são importantíssimos para atingir a aprovação”.

Memórias

A UNIÃO

Neste domingo (19/11) as grandes histórias do jornalismo paraibano, pelo olhar de **Josinaldo Malaquias**.

Acesse nosso canal no YouTube

uniaogovpb

Selic

Fixado em 1º de novembro de 2023

12,25%

Salário mínimo

R\$ 1.320

Dólar \$ Comercial

+0,74%

R\$ 5,347

Euro € Comercial

+1,14%

R\$ 5,347

Libra £ Esterlina

+1,11%

R\$ 6,109

Inflação

IPCA do IBGE (em %)

Outubro/2023	0,24
Setembro/2023	0,26
Agosto/2023	0,23
Julho/2023	0,12
Junho/2023	-0,08

Ibovespa



CONSUMO CONSCIENTE

Clientes devem ter atenção a descontos e promoções

Especialistas orientam a calcular os gastos para evitar o endividamento

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

Resistir a descontos e a promoções do tipo “leve três e pague dois” nem sempre é fácil para os consumidores. No entanto, especialistas orientam que é preciso ter cuidado com o consumo para não comprometer o orçamento e cair na armadilha do endividamento. Análise feita pelo Serasa Experian apontou uma taxa de inadimplência de 38,3% entre os consumidores paraibanos no mês de setembro.

Nenhuma despesa foge ao controle da microempresária e engenheira civil Vanessa de Moraes. As receitas e despesas são inseridas em uma planilha do Excel, com a data dos pagamentos, o que possibilita um melhor monitoramento mês a mês. Ela aprendeu a controlar os gastos na infância, com a sua mãe, e ainda pequena anotava todas as suas compras em um bloquinho.

“Eu peguei esse hábito de anotar os meus gastos com minha mãe, ela faz isso até hoje. E, como todo mundo da família usa o meu cartão de crédito, eu precisei organizar tudo. A primeira coisa que eu procuro fazer é só comprar coisas que eu realmente preciso. Claro que, como toda mulher, às vezes eu que-

Foto: Arquivo pessoal



Foto: Arquivo pessoal

Carol Alcântara (esq.) é uma consumidora que não resiste a promoções, enquanto Vanessa de Moraes anota todos os gastos em uma planilha para evitar o endividamento

ro mudar o visual ou comprar uma roupa que tá em alta, mas isso é um evento isolado e eu só compro se eu verificar na minha planilha que tenho dinheiro sobrando”, explicou.

O professor Tamison Ribeiro já fez compras por impulso, mas modificou os hábitos e busca agora comprar apenas o necessário. Na Black Friday deste ano ele planeja adquirir apenas copos e canecas térmicas, mas só pretende comprar se o desconto for realmente atrativo. A estratégia adotada por ele é acompanhar o histó-

rico de preços através de buscadores que marcam o preço dos produtos ao longo ano.

“Eu pesquisei pra descobrir se de fato aquele preço está mais baixo. Já comprei por impulso e me arrependi. Felizmente, a lei garante o direito de arrependimento e pode devolver o que me arrependi de ter comprado. Eu comprei um fone de ouvido e acabei encontrando um preço menor ainda. Então, acionei a devolução dele e comprei outro”, afirmou.

Já a nutricionista Carol Al-

cântara não resiste a uma promoção e acumula algumas compras por impulso. Ela contou que tenta ter controle de gastos, mas nem sempre consegue. Com as despesas elevadas, atualmente ela tem dívida com uma operadora de cartão de crédito e não pretende fazer compras na Black Friday.

“Comprei uma cama para a minha filha, pois foi uma necessidade. Mas, grande parte dos gastos ocorreu por eu ter saído de uma mudança de endereço e estar um pouco endividada”, justificou.

Consumidor precisa listar gastos prioritários

O economista Cássio Bessaria avaliou que a Black Friday acaba sendo um momento que gera oportunidades e desafios. Segundo ele, as oportunidades estão atreladas aos itens que têm seus preços reduzidos para este período. Ele orienta que o consumidor elabore uma lista de prioridades de aquisição e acompanhe os preços até o período da Black Friday para constatar se houve redução de valor.

“Os desafios são justamente para aquelas famílias que não costumam ter um hábito de fazer um planejamento orçamentário e nesse

caso, muitas vezes, caminha-se para um processo de endividamento e inadimplência. Esse não é um caminho desejável tendo em vista que o Brasil está entre aqueles países com maiores taxas de juros do mundo e algumas modalidades, como o crédito rotativo, tem taxas de juros superiores a 100% para o período recente”, preveniu o economista.

Ele reforçou a importância da lista de prioridades para evitar endividamento com compra de itens supérfluos que nem sempre são necessários. O economista ainda pontuou que, o fato de a Black Friday ocorrer em uma data

estratégica, próximo ao pagamento do 13º salário e das festividades de final de ano, pode ser também uma oportunidade para adquirir produtos mais baratos e antecipar as compras.

O alerta do economista pode ser exemplificado pelo resultado do indicador realizado pela Confederação Nacional de Dirigentes Lojistas (CNDL) e pelo Serviço de Proteção ao Crédito (SPC Brasil), que apontou que quatro em cada 10 brasileiros adultos (40,49%) estavam negativados em outubro deste ano, quando o volume de consumidores com contas atrasadas cresceu

4,14% em relação ao mesmo período de 2022. Segundo a pesquisa, 66,24 milhões de brasileiros estavam inadimplentes no período analisado.

Em outubro de 2023, cada consumidor negativado devia, em média, R\$ 4.322,39 na soma de todas as dívidas. Além disso, cada inadimplente devia, em média, para 2,10 empresas credoras, considerando todas essas dívidas. Os dados ainda mostram que cerca de três em cada 10 consumidores (30,44%) tinham dívidas de até R\$ 500, percentual que chega a 44,30% quando se fala de dívidas de até R\$ 1.000.

Campanhas estimulam vendas no fim de ano

O comércio se mantém positivo e com expectativa de boas vendas na Black Friday. A Câmara de Dirigentes Lojistas de João Pessoa (CDL-JP) projeta um aumento de 8% no volume de vendas entre os meses de novembro e dezembro. Já no segmento de itens natalinos a alta deve ser de 15%.

“Os lojistas estão todos preparados com estoques

para manter novidades em produtos para os clientes e garantir boas vendas. Nós temos orientado os lojistas em relação às promoções da Black Friday e sobre as leis que serão fiscalizadas no período, com punição que prevê multas elevadas em caso de descumprimento. Ao consumidor nós alertamos que estejam atentos à promoções para que nesse sentido sejam

bem atendidos e aproveitem as compras”, disse Nivaldo Vilar, presidente da CDL-JP.

Uma pesquisa da OLX sobre o comportamento do consumidor em relação a esta data aponta que 90% dos entrevistados costumam aproveitar preços promocionais e demais ofertas, que tradicionalmente ocorrem em novembro. As pessoas também estão olhando cada vez

mais para produtos de segunda mão: 61% afirmaram que comprariam produtos usados na Black Friday.

A maioria (42%) afirmou que gostaria de comprar eletrônico/celular durante o período promocional de 2023. As roupas aparecem em sequência, sendo preferidas por 23%, seguidas por eletrodomésticos (16%) e itens para casa (9%).

Economia em Desenvolvimento

João Bosco Ferraz de Oliveira
joaboferraz3@gmail.com | Colaborador

Inteligência Artificial e o fim das profissões

A emergência da Inteligência Artificial (IA) está redefinindo a estrutura do mercado de trabalho e as naturezas das profissões globais. A evolução das capacidades da IA, especialmente no aprendizado de máquina, levanta questões sobre a durabilidade dos empregos atuais e a necessidade de novas habilidades. Figuras proeminentes, como Elon Musk, têm vocalizado preocupações acerca da substituição de trabalhadores humanos por sistemas automatizados, uma vez que a IA já está presente em setores como a manufatura, o serviço ao cliente e a análise de grandes dados.

A automação, alimentada pela IA, não é um fenômeno uniforme. Alguns trabalhos, especialmente aqueles que envolvem tarefas rotineiras, como operações de caixa, montagem em linhas de produção e processamento de transações financeiras, enfrentam uma ameaça imediata de obsolescência. A IA oferece a possibilidade de realizar essas funções de forma mais eficiente, eliminando erros humanos e aumentando a produtividade.

No entanto, empregos que dependem de qualidades humanas distintas, como criatividade, empatia, pensamento crítico e capacidade de julgamento ético, são considerados mais resilientes à onda de automação. Essas habilidades são intrinsecamente humanas e ainda estão além do alcance da IA atual. Profissões que abraçam esses atributos, incluindo artistas, terapeutas e líderes empresariais, não apenas permanecerão relevantes, mas também poderão ser aprimoradas com o auxílio da IA.

Ademais, há o potencial para a IA catalisar a criação de novas categorias de emprego, assim como aconteceu com a revolução da computação. Profissões relacionadas ao desenvolvimento, manutenção e governança da IA estão surgindo, o que inclui especialistas em ética de IA, analistas de dados de máquinas de aprendizado e engenheiros de sistemas de IA. Esses campos representam uma fronteira nova e inexplorada, cheia de oportunidades para os trabalhadores que se adaptarem às demandas emergentes.

A transição para esse novo paradigma laboral exige que os trabalhadores busquem requalificação e educação contínua. O papel dos governos, das instituições educacionais e das corporações será decisivo na facilitação dessa mudança, oferecendo treinamentos e recursos apropriados. Isso inclui a reformulação de currículos educacionais para incluir habilidades relevantes para a era da IA, como programação, análise de dados e design de sistemas inteligentes.

Além da requalificação, as políticas públicas precisam abordar os impactos sociais da automação. Estratégias podem englobar a implementação de uma renda básica universal para amparar aqueles deslocados pela automação, subsídios para requalificação profissional e programas de compartilhamento de trabalho para gerenciar melhor a distribuição das horas de trabalho.

A implementação ética da IA também é um aspecto central. A inovação deve ser direcionada não apenas por imperativos de mercado, mas também pelos valores sociais, assegurando que a IA beneficie a sociedade em conjunto. A colaboração entre setores públicos e privados é crucial para desenvolver uma governança de IA que respeite a dignidade e os direitos dos indivíduos.

Em síntese, enquanto a IA oferece o potencial de deslocar alguns empregos, ela também abre avenidas para novas ocupações e pode elevar a produtividade e o crescimento econômico. A transição para um mercado de trabalho dominado pela IA será desafiadora, mas com uma abordagem colaborativa e proativa, pode-se assegurar um futuro em que os benefícios da automação são compartilhados e o suporte é fornecido para aqueles impactados. O sucesso nesta nova era dependerá de um equilíbrio entre aproveitar as vantagens da automação e salvaguardar oportunidades de emprego. Isso requer uma união entre governos, negócios e a força de trabalho para moldar um futuro ético e sustentável de forma que a IA e a humanidade possam prosperar conjuntamente.

EMPREENDEDORISMO NEGRO

Negócios superam o preconceito

Valorização e defesa da cultura preta estão na essência de empresas que resgatam a identidade afro na Paraíba

Michelle Farias
michellesfarias@gmail.com

O salão Kilombo nasceu do sonho aliado à necessidade de empreender do casal Nina Pontes e Felipe Alves, que ficaram desempregados em 2020, início da pandemia da Covid-19. Os dois viram no mercado afro a oportunidade de criarem o próprio negócio, além de valorizar a cultura negra, trabalhando a identidade dos clientes a partir dos cabelos.

Nina já tinha experiência como trancista, mas Felipe precisou passar por cursos, já que atuava no setor de eventos. Em janeiro de 2021 eles abriram as portas do próprio salão, no bairro de Mangabeira, em João Pessoa. Apesar dos quase três anos do negócio, os desafios são diários e, para Nina, o principal deles é ser multitarefas. Ela e o companheiro são os responsáveis por agendamentos, atender, administrar, fazer a manutenção e limpeza do espaço.

A população negra adulta é a que mais sonha em ser dona do próprio negócio, segundo a pesquisa Glo-

bal Entrepreneurship Monitor (GEM) 2020, realizada no Brasil pelo Sebrae em parceria com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBPQ). O estudo mostrou ainda que os empreendedores negros possuem menor nível de rendimento mensal; estão menos formalizados e são os que têm maior dificuldade de acessar crédito. Em média, o rendimento médio mensal dos empreendedores negros é 34% inferior ao dos brancos.

“Basicamente é fazendo o trabalho hoje para continuar construindo o sonho. Desde o princípio, o nosso empreendimento foi pensado para ser um espaço de acolhimento, principalmente, para pessoas pretas. A gente viu, a partir da nossa necessidade de encontrar profissionais capacitados para lidar com o nosso próprio tipo de cabelo. Hoje, mais de 95% do nosso público é formado por preto de cabelo cacheado ou crespo”, explicou Nina.

Nina e Felipe buscam garantir aos clientes um atendimento tranquilo e humanizado, sobretudo pelo fato de muitos deles chegarem ao Ki-

lombo traumatizados após experiências negativas em outros espaços. Nina revelou que muitas pessoas passam por transição capilar, processo descrito por ela como difícil, doloroso e demorado.

A empresária avalia que o mercado afro está em uma curva ascendente, com novas possibilidades e profissionais capacitados. “A gente tem muitas trancistas novas surgindo e interessadas em se profissionalizar, os barbeiros afro realmente assumindo essa postura de barbeiro afro, que lida com cabelo crespo. A gente percebe o interesse em atender a esse público e fica muito feliz com isso”, arrematou.

A confeitaria Vanessa Lima de Almeida, da cidade de Santa Rita, é outro exemplo de uma trajetória de sucesso nos negócios. Em suas redes sociais ela conta que foi professora durante toda a vida e não sabia fazer outra coisa. Então, a confeitaria chegou. “De início era apenas um *hobby*, só para a família. Aos poucos isso foi crescendo, encomendas chegando e por fim me vi totalmente imersa no mundo da

“

Desde o princípio, o nosso empreendimento foi pensado para ser um espaço de acolhimento, principalmente, para pessoas pretas

Nina Pontes

confeitaria. Amo o que faço e sei que um dia essa será minha única opção de vida”, postou.

A empreendedora é proprietária do “Bolos da Nêssa” e foi vencedora da etapa regional da 6ª edição do Prêmio Academia Assaí, do Instituto Assaí.



Nina e Felipe oferecem atendimento acolhedor aos clientes

Foto: Ortílio Antônio

Turismo especializado e economia circular

Bárbara Tenório já sabia como funcionava uma empresa devido à sua atuação na área corporativa do estado de São Paulo. Ao chegar a João Pessoa para cursar Turismo na UFPB o desejo de empreender aumentou. No Trabalho de Conclusão do Curso ela pesquisou sobre valorização do legado da população negra dentro do turismo. O estudo deu início à Sankrota, empresa especializada em afroturismo que tem roteiros específicos por pontos da capital que guardam o legado cultural da população negra escravizada.

Entre os passeios estão o Jampa Negra e Vivência da Jurema Sagrada. Bárbara explicou que busca consolidar o

projeto como uma *startup*, por ser uma ideia inovadora. “O objetivo é visitar esses lugares históricos na Paraíba que tenham uma relação com a cultura com a história da população negra e que são invisibilizados, não são falados. Trabalho tanto com os pontos turísticos como aqueles que não são turísticos, mas que são importantes para essa memória”, explicou.

A empreendedora acrescentou que o projeto é um grande desafio, que busca desconstruções e quebrar barreiras do preconceito e racismo. “A gente tem trabalhado com história pública, com educação anti-racista, com o turismo mais pedagógico. Porque a gente preci-

sa de certa forma trazer essa consciência e esse letramento racial para as pessoas”, frisou Bárbara.

Natural do Rio de Janeiro, Jacira Rodrigues também escolheu João Pessoa para abrir o seu primeiro negócio. Ela é engenheira civil por formação e possui uma trajetória bem-sucedida no mundo corporativo. Apesar disso, ao completar 50 anos ela repensou a carreira e decidiu que precisava fazer algo que impactasse o mundo de forma positiva. Em 2022 ela começou a estudar o que iria fazer, surgiu então a ideia de criar a Ciclo.

A empresa de Jacira atua na moda de forma colaborativa com artesãs ou artesãos do Brasil que trabalhem com

a economia circular, ou seja, com reaproveitamento. O foco são produtos que sejam a base sustentável, a exemplo do reaproveitamento dos retalhos de grandes indústrias.

“Comecei a fazer cursos, não foi assim de uma hora para outra. Comecei a entender melhor o que eu queria e aí busquei o Sebrae, que me ajudou enormemente nesse sentido de abrir a minha mente para aquilo que eu queria fazer. Aí eu escolhi o meu negócio: a Ciclo. O nome nasceu da circularidade daquilo que a minha vida estava. Se tornando um novo ciclo uma nova fase e entender que realmente tudo que a gente faz hoje retorna para você no futuro”, lembrou.



Bárbara busca quebrar o preconceito com o afroturismo

Foto: Arquivo pessoal

Cooperativismo e cultura no Mercado Preto

Com a proposta de estimular o empreendedorismo entre pessoas pretas e uma economia colaborativa, em março de 2022 foi criado o Mercado Preto, que já conta com 10 edições e a participação de mais de 30 mercados. O movimento foi idealizado para reunir mercadores em um único espaço com feira de economia cooperativa, atrações musicais, performance, cinema, artes visuais, danças, oficinas e rodas de conversa.

Polly Omi, uma das organi-

zadoras, diz que o Mercado Preto não é simplesmente uma feira, mas um movimento de organização autônoma de pessoas negras/indígenas que tem como proposta reunir artistas, artesãos e empreendedores de forma cooperativa. O Mercado utiliza moeda própria, a “kwanza” e uma dela equivale a R\$ 10.

“Há uma dificuldade para quem está começando, tendo em vista o contexto econômico geral, porque muitos iniciam seus projetos sem um capital de giro e o pouco que vendem tem que retornar para dentro do próprio negócio. Mas, o diferencial do Mercado Preto é justamente alavancar e estimular esses pequenos negócios. Todos nós precisamos uns dos outros pra crescer juntos, esse é o propósito”, afirmou Polly Omi.

O Mercado Preto conta ainda com o “Espaço erê” destinado às crianças com uma programação infantil que busca, além do entretenimento, a educação afrorreferenciada e pedagogia africana, como forma de acolher as

famílias. A próxima edição do Mercado Preto deve ocorrer no dia 24 deste mês.

Desafio da validação

Entre os já conhecidos desafios para manter em funcionamento suas empresas, os empreendedores pretos ainda precisam superar a validação dos seus trabalhos, dificuldades financeiras e a regularização, principalmente, quando os responsáveis pelo negócio são pessoas pretas periféricas e de comunidades tradicionais. O consultor de negócios, multiartistas, afrotivista e empreendedor negro Adin Adinkra frisou, porém, que a mais impactante é a questão financeira.

“No Brasil a gente fala sobre o ‘empregado’ que é esse empregado que está numa condição precária. Esse empregado, majoritariamente, é negro. Quando a gente fala que 95% das empresas no Brasil fecham nos seus primeiros dois anos, e o Sebrae dá número sobre isso e outras instituições também, a maioria

são negros, pardos ou indígenas, que muitas vezes caem nesse grupo”, explicou Adin Adinkra.

O microempresário Leonaldo Silva de Brito, da Zero Grau Refrigeração, enfrentou inúmeros desafios ao decidir abrir a sua própria empresa há um ano, após atuar por um extenso período como funcionário do segmento. Ter acesso ao crédito é uma das principais dificuldades para o empreendedor, que é quilombola da Comunidade Parati-be. Outro problema é a valorização do serviço prestado. “Uma barreira dura de enfrentar para quem está no início. Para o meu negócio eu busco ter reconhecimento das grandes empresas da Paraíba na área de refrigeração. A minoria dos empresários ainda enxerga a pessoa negra como mão de obra barata e não quer pagar o valor cobrado pelos serviços. Esse é o grande problema”, disse Leonaldo.

Adinkra salientou ainda a necessidade de maior acesso a recursos para pessoas negras investirem em suas empresas.



Adinkra lembrou os desafios do empreendedorismo preto

Foto: Arquivo pessoal

Entre as lutas das pessoas negras para manterem os negócios ativos, estão a validação do trabalho e as dificuldades financeiras

SEPARAÇÃO DE RESÍDUOS POLUENTES

UFCG realiza estudo com membranas

Tecnologia limpa, com gasto reduzido de produtos químicos, é projeto financiado em conjunto pela Fapesq-PB e a Fapesp

Helda Suene
Assessora Fapesq-PB

Pesquisadores da Universidade Federal de Campina Grande (UFCG) produziram membranas em diferentes formas a partir de materiais poliméricos (que são partículas utilizadas na fabricação da maioria dos plásticos) para possível aplicação em tratamento de efluentes – resíduos poluidores tanto da indústria petrolífera, quanto da indústria têxtil e para a separação de gases. O projeto é executado em parceria com pesquisadores da Universidade Federal de São Carlos (UFSCar), com apoio por meio de edital da Fundação de Apoio à Pesquisa do Estado da Paraíba (Fapesq-PB) com a Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp), com recursos de R\$ 200 mil. Um dos executores do projeto, Luiz Antonio Pessan, da UFSCar, estará em Campina Grande na próxima quarta-feira para uma mesa de discussão com a equipe, sobre os resultados do projeto. Atualmente, a pesquisa envolve mais de 10 pesquisadores.

Estas membranas sintéticas são utilizadas em processos de separação e purificação de substâncias líquidas e gasosas, funcionando como uma barreira seletiva. E a demanda desse uso aumenta ano a ano. Pesquisas estudam a aplicação de membra-

nas em energias alternativas, sensores, biologia, catálise e medicina. Há a necessidade de se desenvolver novas membranas, com materiais que apresentem uma alta produtividade e seletividade.

Os fenômenos envolvidos membranas têm sido estudados há mais de um século, mas suas aplicações em processos industriais são relativamente recentes. A partir do início da década de 1970, a inclusão de processos de separação utilizando membranas poliméricas aos clássicos, como a centrifugação e a filtração, marca o início da evolução destes materiais em termos de propriedades, o que tornou o processo mais competitivo no mercado.

“Os processos de separação por membranas têm sido cada vez mais estudados e empregados em áreas diversas e com variadas finalidades. Vêm se destacando como uma alternativa para tratamento de efluentes em todo o mundo, como também em outras aplicações industriais”, observou a coordenadora da pesquisa na UFCG, Edcleide Maria Araújo.

A crescente utilização das membranas em diversos processos industriais vem trazendo avanços no que diz respeito ao desenvolvimento e o estudo sobre a ciência de membranas.



Foto: Arquivo Pessoal

Edcleide Maria Araújo é coordenadora da pesquisa na Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

São utilizadas na execução de processos de separação e purificação em meios líquidos e gasosos. Ao mesmo tempo, têm-se pesquisas no campo de aplicação de membranas em energias alternativas, sensores, biologia, catálise e medicina. Assim, a demanda na sua utilização vem aumentando a cada ano. Com esse avanço,

tem-se a necessidade de se desenvolver novas membranas, com materiais que apresentem uma alta produtividade e seletividade.

Os processos de separação por membranas (PSM) têm uma enorme potencialidade, em particular, para contribuir para a solução de algumas questões mundiais mais cruciais, tais como pro-

blemas energéticos e no tratamento de efluentes industriais. As membranas são tecnologias limpas e a separação é feita fisicamente, com gasto reduzido de produtos químicos. Os processos são compactos e apresentam facilidade na ampliação da capacidade de produção.

No setor de saneamento, as aplicações mais comuns

estão o tratamento de água para fins industriais, o tratamento de efluentes e o pré-tratamento de sistemas de dessalinização de água do mar. Outros setores também utilizam as membranas, tais como farmácia, indústria de alimentos e bebidas, biotecnologia, purificação de ar, hemodiálise e indústria automobilística.

Material usado pode separar todas as misturas gasosas

Os principais avanços nessa área estão relacionados à evolução dos materiais usados no preparo da membrana, ao projeto dos módulos de permeação, à qualidade do pré-tratamento, à redução do consumo e/ou à recuperação de energia. As membranas são utilizadas também para a separação de quase todas as misturas gasosas imagináveis como, por exemplo, dos gases que compõem o ar, separações de hidrogênio em refinarias e petroquímicas e separação de misturas para o gás natural.

Em relação aos gases, as

membranas possuem elevada capacidade de separação, alta capacidade de permeação (ou seja: a capacidade de penetração através de um sólido), estabilidade térmica, resistência química e resistência mecânica. A permeação de gases em materiais não-porosos, como os polímeros, tem sido extensivamente estudada devido à sua importância tecnológica em aplicações industriais, tanto na área de revestimentos quanto na de separação de gases por membranas. É um processo de alta eficiência, operação simples e baixo custo.



Foto: Divulgação

Em relação aos gases, as membranas possuem elevada capacidade de separação, alta capacidade de permeação, estabilidade térmica, resistência química e resistência mecânica

Resultados da pesquisa estão sendo bastante promissores

Técnicas

Diversas técnicas foram desenvolvidas a fim de obter membranas com boas propriedades: o estiramento, a sinterização, a gravação e a inversão de fases

As membranas poliméricas geralmente são obtidas pelo método de inversão de fases, podendo ser na forma plana ou fibra oca. A geometria e o tipo da membrana influenciam diretamente suas propriedades, bem como, a produção dos seus módulos. Com o controle desses fatores, as membranas tendem a obter melhores propriedades em relação à hidrofiliabilidade (interação que resulta da aderência da água a estruturas polares), porosidade, distribuição e tamanho de poros. Assim, é possível obter mem-

branas específicas para determinadas aplicações.

Diversas técnicas foram desenvolvidas a fim de obter membranas com boas propriedades: o estiramento, a sinterização, a gravação e a inversão de fases. A seleção do material para obtenção de membranas é uma das etapas mais importantes. Em uma membrana polimérica densa, o volume livre é um dos fatores fundamentais na determinação das propriedades de transporte de gases na membrana.

Nesses espaços livres, lacunas transitórias são forma-

das podendo acomodar moléculas de gás no processo de difusão, de uma face a outra da membrana. Uma maneira de escolher um material a ser utilizado como membrana é se baseando nas propriedades químicas e cristalinidade dos polímeros. As interações químicas entre o polímero e o gás é um dos fatores que determinam a eficiência da membrana.

Para obter membranas poliméricas com boas propriedades se utilizam uma variedade de polímeros, tais como: acetato de celulose, poliéster-

res, entre outros. As membranas poliméricas produzidas a partir de alguns polímeros com morfologias bem definidas formam novas estruturas de barreira que permitem uma maior seletividade em comparação a matriz não modificada. Porém, mesmo com essas excelentes propriedades, em muitas aplicações ainda se faz necessário a melhoria da hidrofiliabilidade e das propriedades de barreira das membranas poliméricas.

De acordo com Edcleide, os resultados da pesquisa têm se apresentado bastan-

te promissores. “A partir da aprovação do projeto foram adquiridos equipamentos que favoreceram um maior desenvolvimento para as pesquisas do grupo. Além disso, o projeto favoreceu a troca de experiência, permitindo assim que alunos da UFCG visitassem e utilizassem a infraestrutura laboratorial da UFSCar, enriquecendo os seus conhecimentos”, conta. Os benefícios que as membranas oferecem são soluções eficazes e economicamente viáveis para uma variedade de desafios.



As pessoas não têm consciência de que o solo, ar e água estão interligados pelo ciclo hidrológico

Susana Cristina Batista

ALERTA

Ondas de calor impactam natureza

Além do desconforto das temperaturas, várias espécies podem ser extintas devido ao aumento da sensação térmica

Lusângela Azevêdo
lusangela013@gmail.com

O Instituto Nacional de Meteorologia (Inmet) divulgou, no começo desta semana, um aviso de onda de calor. O alerta destaca os riscos para a saúde humana, mas também é importante considerar os impactos negativos que o fenômeno pode causar ao meio ambiente.

Diversos animais e plantas, tanto espécies terrestres quanto aquáticas, são diretamente afetados pelas mudanças climáticas, que causam modificações em seu *habitat*. Isso gerará a extinção de uma grande quantidade de espécies, diminuindo-se, assim, a biodiversidade. Um estudo publicado na revista *Ecology and Evolution* concluiu que o aquecimento global poderá levar 10% das espécies de sapos, rãs e pererecas endêmicas da Mata Atlântica à extinção em cerca de 50 anos.

Além disso, a estiagem, a baixa umidade do ar e a condição de tempo extremamente seco que as cidades do Sertão do estado paraibano já enfrentam, naturalmente, no segundo bimestre do ano também acarretam vários danos e desafios para os animais e vegetação.

“Por estar posicionada numa região de clima semiárido, o Sertão paraibano tem historicamente um ambiente de escassez de água e isso se deve, principalmente, aos baixos índices pluviométricos, as estiagens e as secas (que são cíclicas), bem como a alta taxa de perdas de água por evaporação. É nesse cenário que a manutenção da disponibilidade de recursos naturais e hídricos se fazem necessários, tanto para a população, quanto para as plantas e os animais”, enfatizou a secretária de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade, Rafaela Camaraense.

Também é no Sertão paraibano onde se concentram os maiores índices de queimadas e desmatamentos

ilegais, conforme a secretária. Segundo ela, as intervenções do homem, o uso inadequado do solo e das próprias condições naturais levam o ambiente a um *status* de desertificação no bioma Caatinga.

“O bioma Caatinga é naturalmente brasileiro, efetivamente nordestino e precisamos de mais ações para que ele possa ser resguardado. Ações que visam à proteção e conservação do bioma, por exemplo, a implantação de novas unidades de conservação de proteção integral da Caatinga”, disse Rafaela Camaraense.

Essa combinação quando amplificada e interconectada pode desencadear a conversão de terras produtivas para improdutivas e, conseqüentemente, o empobrecimento das comunidades locais, através da insegurança alimentar.

“As pessoas ainda não têm essa conscientização de que solo, ar e água estão interligados através do ciclo hidrológico. Então, por exemplo, se coloca fogo em vegetação que está seca pra limpar o terreno, a fumaça polui a atmosfera, as cinzas se espalham, nesse caso, polui totalmente o ambiente causando doenças respiratórias, dentre outras coisas. Além disso, cada vez que se coloca fogo para limpar o terreno, seja pela ação do homem ou decorrente das altas temperaturas, vai empobrecendo o solo, porque ele vai perdendo os nutrientes e tornando-se cada vez mais infértil”, explicou a mestre em engenharia civil e ambiental, Susana Cristina Batista Lucena.

A especialista esclareceu ainda que, nas cidades com lixões a céu aberto, a situação pode ser pior. “Nesse caso quando eventualmente quando chover, ou pela água da chuva ou pelo chorume essas substâncias poluidoras vão infiltrar no solo podendo atingir o lençol freático o que poderá poluir a água distribuída para a população”.

Foto: Lusângela Azevêdo



Estudo aponta que diversos animais devem sofrer o impacto do excesso de calor nas próximas décadas

Foto: Ortilo Antônio



Sertão paraibano tem historicamente um ambiente de escassez de água que afeta também os animais

Como amenizar os efeitos das altas temperaturas

Há como prevenir e amenizar os efeitos das altas temperaturas. Para isso, o Governo do Estado vem realizando ações que buscam enfrentar e minimizar os efeitos causados pela desertificação no bioma Caatinga.

Entre os projetos, podemos destacar o Programa PB Rural Sustentável, que implantou cinco mil cisternas entre os anos de 2021 e 2022, com investimento de R\$ 52 milhões. O programa Água Doce, que teve início

em 2019, e atende às famílias ribeirinhas do Rio São Francisco, oferecendo assistência técnica, capacitações e oficinas para famílias ribeirinhas.

O projeto de Desenvolvimento Sustentável do Cariri, Seridó e Curimataú (PROCASE), beneficiou 291 famílias com a instalação de poço com catavento, caixa d'água, kit de irrigação por gotejamento e campos irrigados de palma forrageira, além da instalação de dois

sistemas fotovoltaicos e 61 dessalinizadores. Beneficiou mais de 7.500 famílias com assistência técnica, concedeu 225 bolsas para jovens estudantes residentes da zona rural, e realizou distribuição de 7.000 mil mudas frutíferas para ração animal em 37 municípios.

A Paraíba foi contemplada com a criação do Parque Nacional Serra de Teixeira, compreendendo a preservação de uma área de 61.000 hectares, equivalente a 1% do

território paraibano. Sendo esse, o primeiro parque nacional do estado.

Segunda a secretária de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade Rafaela Camaraense, a partir de 2024, toda a região semiárida paraibana, e em especial, o Sertão, terá ações do Projeto Sertão Vivo.

“Estaremos realizando ações para implantação e recuperação de áreas degradadas com a criação de corredores ecológicos no entorno

das unidades de conservação, recuperando as áreas com a implantação de sistemas agroflorestais, ampliando as áreas em recuperação, aumentando o sequestro de carbono e a conservação da biodiversidade. Além da implantação de tecnologias sociais, produção de alimentos e promoção da sustentabilidade para mais de 37 mil famílias beneficiadas”, disse a secretária de Estado do Meio Ambiente e Sustentabilidade Rafaela Camaraense.



Fotos: Arquivo Pessoal

Romel já narrou corridas em sete estados do Nordeste, no Rio de Janeiro e é o único da região a narrar corridas fora do Brasil

ROMEL RIBEIRO

De locutor de supermercado a maior narrador de corridas

Com mais de 1.300 narrações na rua, Romel já fez história até no Deserto de Atacama

João Thiago
joaothiagocintha@gmail.com

Depois de dez quilômetros correndo sob o sol escaldante de João Pessoa você vê, lá na frente, a linha de chegada. Pensa até ser uma miragem. Não tem mais forças para seguir. Falta o ar no pulmão, as pernas não respondem direito, você está queimado, encharcado de suor e profundamente arrependido de ter tentado a loucura de, ao invés de correr cinco quilômetros, correr dez. A linha está lá, ainda a mais ou menos meio quilômetro e tudo o que você quer é parar, desistir. É quando você ouve uma voz potente puxando o público para gritar seu nome. A energia desta voz se multiplica em centenas de pessoas te chamando, aplaudindo, comemorando sua chegada. Sua vitória não é mais só sua, ela também é de toda a galera gritando em volta.

“Vai, João, tá faltando pouco, pouquinho pra você chegar. Ele vai cruzar a linha de chegada, a galera vibra gritando o seu nome. Você é um vencedor! João... João... João... do Brasil!”

A multidão delira, grita junto, comemora sua chegada. Seu último fôlego você gasta sentindo que uma energia extra surgiu. O peso de antes, as pernas há várias horas, com mais de 1.300 disputas narradas *in loco*, com um diferencial: Na chegada, cada corredor que está para cruzar a linha, ouve o narrador empurrando o público para torcer por ele até cruzar

a linha de chegada. Essa energia fez dele o maior narrador de corridas de rua do Brasil, com mais de 1300 eventos no portfólio.

São duas funções: apresentador e narrador. Começo apresentando a corrida, fazendo aquela parte de protocolo e depois vou para a largada fazer a narração. A gente vai esquentando o pessoal para eles já saírem no gás. No final, a mesma coisa. Quando os corredores estão chegando eu vou narrando a chegada, falo o nome, “é fulano, do Brasil!” e a gente faz uma festa”, conta o ex-locutor de supermercado que, para ajudar um amigo em uma emergência, descobriu uma nova forma de usar a voz e a emoção.

Eu trabalhava como locutor de supermercado no Recife. Falava o preço das coisas, e sempre botava umas piadinhas, dava uma energia. O povo adorava. Um belo dia um amigo chegou desesperado dizendo que tinha organizado uma corrida e que não tinha quem narrasse. Eu sempre disse que na minha profissão eu nunca rejeitaria um trabalho. Apresentei a corrida inspirado nos grandes narradores do Brasil. Nunca tinha feito aquilo. A minha ideia era usar a emoção pra trazer o público e os corredores. Deu certo. Já se vão dez anos fazendo isso”, lembra.

Preparo de atleta

Cada corrida exige de Romel uma energia tão grande quanto a de muitos dos corredores que chegam ao final do evento. “Eu preciso sempre estar em forma. São, no mínimo, duas horas de narração em uma corrida, desde o protocolo no início até o final, no pódio. Já cheguei a narrar uma corrida de oito horas. É o recorde mundial de narração ininterrupta”, brinca.

Essa corrida de oito horas foi o maior desafio de sua vida não só pelo tempo, mas também pelas condições. O evento aconteceu no deserto do Atacama, no Chile. “O lugar mais árido do mundo. Imagina usar a voz, que precisa estar hidratada o tempo todo, em condições tão extremas. Cada corrida é um novo desafio, e eu não posso ficar pelo caminho. Nunca”, diz.

Drama de Marcelo Avelar

Não pode ficar pelo caminho e luta para não deixar ninguém também. Uma de suas narrações mais conhecidas viralizou na internet. Marcelo Avelar, tricampeão da Meia-Maratona Disney e campeão da Meia-Maratona de João Pessoa voltava para a capital paraibana para tentar correr a mesma prova que lhe consagrara. No final da corrida o cansaço, o calor, a desidratação, tudo pesou para o atleta, que, nos últimos cem metros se arrastava na direção da linha de chegada.

No vídeo que pode ser encontrado no YouTube, o corredor arrasta os pés, cambaleando, cercado por fiscais de prova, enquanto Romel grita ao seu lado, incentivando-o. “Vai, Marcelo. Você vai chegar, p... Vai Marcelo... do Brasil!” O corredor se joga nos braços dos médicos e cai, desfalecido, na conclusão do drama da vitória.

“É a narração que ficou mais conhecida. O Marcelo Avellar não ia conseguir chegar e eu fui até ele e comecei a narrar aquele final dramático, dando apoio pra que ele continuasse. Soltei até um palavrão. Vim correndo do lado dele, que estava muito mal. Os comissários em volta e eu gritando ‘Você vai chegar, Marcelo!’. Eu sou o pioneiro de narrar do lado dos corredores. A gente acaba motivando o público e também os corredores”, conta.

Romel já narrou corridas em sete estados do Nordeste, no Rio de Janeiro e é o único nordestino a narrar corridas fora do Brasil. “Eu acabei me tornando uma atração a parte. Tem que ser daquele jeito, senão o povo não contrata mais”, explica.

O fato de fazer parte da Confederação Brasileira de Atletismo também ajuda, pois ele se torna a voz oficial de muitos eventos, especialmente no Nordeste. “E eu sou confederado. Único do Nordeste que tem autorização da Confederação Brasileira de Atletismo. Sou especializado em narração de eventos esportivos, radialista. Tenho um preparo especial e técnico para narrar corridas”, diz.

Com um calendário anual de mais de 320 corridas de rua, o Brasil é um dos países onde a prática é mais disseminada. Estima-se que entre 5 milhões e 11 milhões de brasileiros corram pelas ruas de nossas cidades em um mercado que movimenta bilhões, e que, cada vez mais, quer atrair mais gente. A concorrência é muito grande, com corridas, muitas vezes, muito próximas umas das outras, encavalando o calendário. Cada evento tenta, como pode, atrair mais público.

“Hoje, me contratando, divulgando que sou eu narrando, o organizador tem entre 400 e 500 atletas inscritos em até 48 horas. Um resultado muito bom pra corrida. A galera se inscreve mesmo, pois sabe que vai contar com aquela voz puxando pra frente. Hoje tem muita corrida, então o público acaba diminuindo. deixam de ir em uma para ir em outra. Amo fazer esse trabalho e sei que trago resultados muito positivos para as corridas das quais eu participo”, conclui.



DIREITOS HUMANOS

Fifa e Catar não cumprem acordos

Apoio da entidade e do país a trabalhadores imigrantes é colocado em dúvida um ano depois da Copa do Mundo

Agência Estado

As questões de violações dos direitos humanos levantadas antes e durante a realização da Copa do Mundo do Catar, no ano passado, não saíram do debate público e, um ano depois do torneio, ainda geram cobranças de grupos como a Anistia Internacional, que, na última quinta-feira, pressionou o governo catariano e a Fifa. A entidade pede o cumprimento das ações de apoio aos imigrantes que trabalharam nas obras de infraestrutura do Mundial.

Desde que o Catar foi escolhido para sediar o evento, há 13 anos, muitas críticas foram feitas à Fifa, justamente por causa da reputação do país em oferecer condições ruins de trabalho aos imigrantes, além de outras questões, como preconceito de gênero e com a comunidade LGBTQIA+. A Fifa e governo se esforçaram para mostrar avanços, mas, na avaliação da Anistia, o progresso foi deixado de lado após o fim da Copa.

"O Catar e a Fifa devem agir urgentemente para garantir que o direito das vítimas à reparação e à compensação não seja negado ou adiado por mais tempo", afirmou a entidade, em comunicado. A própria Fifa, em conjunto com a Organização Internacional do Trabalho, reconhece que é necessário fazer mais para que reformas legislativas sejam aprovadas no Catar.

Os direitos trabalhistas continuam sendo um problema sério na nação árabe, que gastou cerca de US\$ 200 bilhões em um enorme projeto de construções para poder se-



Representantes do Catar e o presidente da Fifa, Gianni Infantino - acima, em solenidade de abertura da Copa do Mundo -, seguem sendo cobrados pela Anistia Internacional

diar o maior evento de futebol do mundo. Foram construídos estádios, estradas, linhas de metrô e hotéis. A infraestrutura será aproveitada em janeiro de 2024, quando o país irá sediar a Copa da Ásia.

"Os abusos relacionados com a Copa do Mundo de 2022 devem servir para lembrar aos organismos desportivos que os direitos humanos devem estar sempre no centro das decisões", Seve Cockburn, responsável pela justiça social econômica da Anistia Internacional, que também des-

tacou a necessidade de que a Fifa "aprenda com seus erros".

De acordo com a Anistia, o Catar ainda carrega problemas como a limitação da liberdade dos trabalhadores para mudar de emprego e o congelamento do salário mínimo ao nível de 2021. "O contínuo fracasso do Catar em aplicar ou reforçar adequadamente as suas reformas laborais anteriores à Copa coloca qualquer legado potencial para os trabalhadores em sério perigo", afirmou a entidade.

O governo catariano, por sua vez, disse que "sempre teve a intenção de continuar" com seu compromisso referente aos direitos trabalhistas. "O Catar agora é um líder da região quando o assunto é direitos dos trabalhadores e reformas trabalhistas, estabelecendo um exemplo para outros países sobre como um sistema pode ser reformulado com sucesso", afirmou o gabinete de comunicação social do governo.

Uma das principais pautas levantadas pelos grupos de direitos humanos e até por federações membros da Fifa é a indenização às famílias dos trabalhadores que morreram ou se feriram durante as obras para a Copa do Mundo. Antes da Copa, a Fifa se disse aberta a criar um fundo de compensação. Até o momento, a federação se limitou a criar um subcomitê de Direitos Humanos e Responsabilidade Social que estuda quais são as suas obrigações legais

e o que pode ser feito a favor dos trabalhadores.

"É inegável que ocorreram progressos significativos, e é igualmente claro que a aplicação de tais reformas transformadoras leva tempo e que são necessários esforços acrescidos para garantir que as reformas beneficiem todos os trabalhadores do país", disse a Fifa. Já Organização Internacional do Trabalho, agência da Organização das Nações Unidas, reconhece que "desafios indubitavelmente significativos" continuam em curso no Catar.

RAFAEL NADAL

Tenista espanhol evita apontar data para o retorno às quadras

Agência Estado

O tenista espanhol Rafael Nadal afirmou, esta semana, que vem progredindo bem da lesão que o afastou das quadras e que agora tem a certeza de que "voltará a jogar tênis". A declaração foi dada durante um evento em uma clínica de tênis em Barcelona. Na entrevista, no entanto, o ex-número um do mundo não quis estabelecer um prazo para o seu retorno.

"Quando eu souber quando voltarei a jogar, podem ter a certeza de que serei o primeiro a dizer", afirmou o tenista que deixou no ar a possibilidade de reaparecer na disputa do próximo Aberto da Austrália.

O torneio australiano, aliás, marcou a última participação de Nadal nas quadras. Sua partida derradeira foi no dia 18 de janeiro, quando acabou derrotado pelo americano Mackenzie McDonald. Desde então, ele vem realizando tratamento para se recuperar de uma lesão na perna esquerda.

"Estou bem, treinando e feliz. Estou em um bom período da minha vida. Eu não sabia se voltaria a jogar tênis um dia e, agora, sinceramente acredito que sim,

voltarei a jogar um dia", acrescentou.

Aos 37 anos, Nadal possui um currículo de respeito ao ostentar 22 torneios de Grand Slam. Nesta fase de recuperação, onde busca retornar às quadras, ele disse que terá de continuar a brincar com a dor.

"Dentro da evolução que eu tive, acho que dei um passo em frente sem qualquer dúvida, e para mim isso é muito", frisou. Nesta nova fase, ele descartou a possibilidade de tentar ultrapassar o sérvio Novak Djokovic (dono de 24 Majors) para voltar a ser o melhor tenista da história.

"Não vou superá-lo, não creio que estejamos nessa situação. Quero é manter o entusiasmo para fazer isso de novo (jogar tênis em bom nível)", disse ele. Apesar de não projetar uma luta direta pelo posto de melhor tenista de todos os tempos, o espanhol mandou um recado para seus fãs e concorrentes.

"Se não tivesse a ilusão de ser competitivo, não teria feito tudo o que fiz nos últimos meses. O esforço que isso implica para me recuperar na idade que tenho é a prova que vou continuar buscando as vitórias", afirmou.



Aos 37 anos, Nadal possui um currículo de respeito ao ostentar 22 torneios de Grand Slam, mas não pensa em superar o recorde estabelecido pelo sérvio Novak Djokovic, que tem 24 conquistas

Foto: Reprodução/Instagram

EXPULSÃO TEMPORÁRIA

Ifab testa nova mudança no futebol

Entidade que regulamenta as regras desse esporte já vem estudando a norma com objetivo de reduzir reclamações

Agência Estado

A International Football Association Board (Ifab, na sigla em inglês), entidade responsável por regulamentar as regras do futebol, estuda aplicar nova norma de "expulsões temporárias" para promover a redução de reclamações com árbitros durante as partidas ao redor do mundo. Além disso, apenas os capitães seriam autorizados a discutir com os juizes no decorrer dos jogos.

De acordo com o jornal britânico The Times, a iniciativa, que ainda está em debate, visa preservar os juizes de ofensas e agressões, além de facilitar a tomada de decisão em lances que requerem mais cautela e precisão. No caso da expulsão temporária, cabe ao juiz decidir se determinado jogador fica 10 minutos fora da partida por reclamações mais exaltadas.

"Os jogadores podem não se preocupar tanto em receber um cartão amarelo por dizerem algo inapropriado ao árbitro, mas pode fazer uma grande diferença se eles souberem que isso significa parte do jogo fora de campo", explicou Lukas Brud, CEO da Ifab. Caso seja confirmada, a nova regra passa a ser um novo recurso disciplinar aos árbitros que já têm à disposição hoje os cartões amarelo e vermelho.

A ideia de expulsão temporária tem sido testada em categorias de base do futebol da Inglaterra e os resultados são positivos, animando a Ifab. Outra possibilidade em questão é somente autorizar que capitães dos times falem com os árbitros, evitando aglomerações desnecessárias. Este tipo de regra é usada no rúgbi, por exemplo.

A prioridade da Ifab é proteger a função de árbitros de futebol, a ponto de continuar motivando as próximas gerações a seguir nesta carreira, sem terem de se preocupar com agressões físicas ou outras questões emocionais ao se apitar uma partida de futebol.

"Há um grande problema em reter árbitros ou motivar as pessoas a começarem a arbitrar", declarou Brud. "Eles veem o que está acontecendo em campo, sentem os abusos e têm medo de agressões. Começa no topo. O que os ídolos de futebol fazem em uma partida, crianças e adultos no futebol amador irão copiar no dia seguinte", concluiu o dirigente.



Foto: Reprodução/SouGrêmio

No caso da expulsão temporária, cabe ao árbitro decidir se determinado jogador fica 10 minutos fora da partida por reclamações mais exaltadas

FUTEBOL FEMININO

Emma Hayes, a técnica mais bem paga do mundo

Agência Estado

A seleção feminina dos Estados Unidos está de técnica nova. A britânica Emma Hayes, de 47 anos, comandante do Chelsea, vai assumir também a equipe americana com um contrato válido até 2027. Os valores combinados entre as partes é o maior da história do futebol para uma treinadora.

O anúncio de que Hayes será a técnica mais bem paga do mundo no futebol feminino foi feito pela própria seleção dos EUA. Segundo a ESPN americana, o salário será "perto, senão igual" ao de Gregg Berhalter, treinador da equipe masculina. Ele ganha cerca de US\$ 1,6 milhão por temporada (cerca de R\$ 7,78 milhões). Os dois treinadores têm bônus por rendimento em competições.

Ainda de acordo com a ESPN, estes valores refletem a dificuldade em tirá-la do Chelsea, não necessariamente pensando em igualdade de gênero. No clube londrino, Hayes conquistou a Superliga feminina da Inglaterra seis vezes, cinco troféus da Copa da Inglaterra e duas edições Copas da Liga Inglesa.

Seu contrato com o Chelsea se encerra em maio de 2024, quando começa seu trabalho com a

seleção dos EUA. Hayes terá quatro partidas, duas em junho e duas em julho, para preparar sua equipe para os Jogos Olímpicos de Paris-2024.

Neste período, Twila Kilgore continuará no comando do time nacional interinamente. Depois, será assistente da comissão técnica de Hayes. Kilgore assumiu o posto provisório no fim da Copa do Mundo feminina deste ano, em que os EUA tiveram sua pior campanha na história, sendo eliminadas pela Suécia nas oitavas de final.

Masculino

Para efeitos de comparação, uma vez que Emma Hayes será a técnica mais bem paga do mundo, no futebol masculino, o posto pertence a Diego Simeone, do Atlético de Madrid. O argentino tem rendimentos em cerca de R\$ 187 milhões por temporada. O segundo lugar pertence a Pep Guardiola, do Manchester City, que ganha aproximadamente R\$ 123 milhões.

Jürgen Klopp, do Liverpool, fecha o pódio com R\$ 97,9 milhões. Depois dele, Massimiliano Allegri, da Juventus, fatura cerca de R\$ 74,3 milhões, enquanto Carlo Ancelotti, do Real Madrid, tem fatuamento perto dos R\$ 70,4 milhões.



Foto: Reprodução/Instagram

Emma tem contrato com o Chelsea, onde já conquistou seis vezes a Superliga Feminina

Em teste

A ideia de expulsão temporária tem sido testada em categorias de base do futebol da Inglaterra e os resultados são positivos, deixando animada a entidade

SILVANA FERNANDES

Promessa de ouro no parataekwondo

Paraibana lidera o ranking mundial e é um dos grandes destaques da delegação brasileira no Parapan de Santiago

João Thiago
joathiangocunha@gmail.com

“

É a segunda vez que participo dos jogos. Estou bastante motivada para lutar. A preparação foi bem forte, visando um bom desempenho na competição. Eu vou dar o meu melhor a cada segundo, como sempre

Silvana Fernandes

Os chutes voadores de Silvana Fernandes a levaram para muito além de São Bento das redes. A atleta do parataekwondo brasileiro é, hoje, a melhor lutadora da modalidade no mundo, tendo sido, até aqui, absoluta neste ano.

Todas as competições que disputou, venceu. Só no segundo semestre ela venceu os Grand Prix de Paris, na França e de Veracruz, no México, onde aconteceu, alguns dias depois, o Mundial, que ela venceu também. Hoje ela é pentacampeã nos Grand Prix internacionais, bicampeã mundial e primeira no ranking mundial até 57 quilos.

Agora, em Santiago para o Parapan Americano, se prepara para coroar um ano que poderia ser resumido em uma palavra: hegemonia.

“É a segunda vez que participo dos jogos. Estou bastante motivada para lutar. A preparação foi bem forte, visando um bom desempenho na competição. Eu vou dar o meu melhor a cada segundo, como sempre”, afirma a lutadora que vai competir no próximo dia 23.

Apesar de ter vencido tudo neste ano, Silvana ainda não está no seu melhor momento. Segundo seu treinador, Adriano de Lucena, a atleta ainda tem muito gás para dar até chegar às Paralimpíadas de Paris no ano que vem.

“Temos oito meses de treinamento pela frente e eu sei que ela ainda tem um potencial não explorado que podemos fazer surgir. Silvana não é a melhor do mundo à toa. Desde o começo do ano estamos treinando focados em busca do melhoramento técnico e tático, estudando os adversários de cada categoria”, explica o treinador.

Alvo

As competições deste ano trouxeram conhecimentos novos para a atleta. Após enfrentar e vencer todas as adversárias da sua categoria ela chegou ao topo. Ser a melhor do mundo colocou nas costas de Silvana um alvo para o qual todas as atletas da sua categoria apontam. Lidar com esta pressão não é fácil, mas Silvana faz o seu melhor.

“Eu vejo isso como uma motivação. Cada competição eu uso para aprender mais. Aprender com meus acertos, sim, mas principalmente com meus erros. A gente luta para corrigir e voltar ainda melhor para a próxima competição”, explica.

“Todo atleta que chega no topo é alvo dos atletas que estão chegando. A gente tem consciência disso. Estamos treinando para não cometer erros. O objetivo é não dar brechas para que estes atletas consigam chegar na Silvana. A estratégia é manter a vantagem de pontos sempre alta, para que ela avance cada vez mais”, diz Adriano, que ainda explica que a pressão é enfrentada com apoio psicológico.

“A gente conta com uma equipe multidisciplinar que orienta a atleta. Temos a psicóloga Shimena Crisanto que

dá o apoio e a prepara para enfrentar esses desafios. Só neste ano já tivemos uma competição maior que o Parapan, que foi o Mundial, que Silvana venceu”, conta.

Silvana sabe aonde está botando os pés, e sabe que pode voar longe. “Estamos bem tranquilos, com os pés no chão, sabendo do potencial e do que precisamos fazer para vencer”, diz.

Maior delegação do parataekwondo da história do Brasil promete muitas medalhas

São vinte atletas representando o Brasil no taekwondo nos Jogos Parapan-Americanos de Santiago. O nível da seleção é alto, o que pode resultar em diversas medalhas para o país. “Temos tudo



A paraibana Silvana Fernandes, de São Bento, com o técnico Adriano de Lucena após uma de suas grandes conquistas

para ganhar a competição por equipes neste ano. É uma delegação grande e forte, e devemos conquistar o maior número de medalhas. Estamos na expectativa para alcançarmos este feito”, explica Silvana.

Da Paraíba, além de Silvana, sai, também, Joel Gomes da Silva. O lutador de Pilões começou a praticar o taekwondo há apenas dois anos, depois de, por cinco anos, participar de provas de atletismo. Só neste ano já foi ouro no Pan Am Series e bronze no Mundial que aconteceu no México, em setembro. Para o treinador, Joel é uma grande promessa.

“O Joel tem muito o que oferecer ainda para o espor-

te. Tem um grande futuro pela frente. Está se formando. É fruto desse trabalho que temos conduzido com Silvana”, explica.

A Paraíba não tem apenas lutadores para oferecer. A base para o fortalecimento de um atleta de alto rendimento é seu treinamento, e o estado conta com uma equipe multidisciplinar oferecendo estofo para o desenvolvimento de novos nomes, e, também, para a recuperação daqueles que já têm uma história, como a paulista Débora Bezerra de Menezes.

Débora tem uma história longa no parataekwondo. Foi a primeira brasileira campeã mundial, em 2009, na Turquia. Luta na categoria aci-

ma de 65 quilos e vinha enfrentando um problema sério: uma lesão poderia tirá-la das competições neste ano. A atleta buscou, em todo o Brasil, uma equipe que pudesse prepará-la para voltar ao tatame, e foi na Paraíba que ela encontrou esse apoio.

Enfrentando a lesão ela foi vencendo e se recuperando. Encarou diversas competições e venceu, e segue forte para o Parapan.

“A Débora veio de Curitiba tratar uma lesão com a nossa equipe. Já recuperou bastante e tá evoluindo bem. Posso dizer que hoje ela está em 80% do potencial dela, e isso mostra que ela evoluiu bastante. Tivemos várias competições ao longo do ano e ela sempre

melhorando. Perdeu bastante peso, recuperou condicionamento e vai chegar forte neste ano”, confia Adriano.

Para a atleta, este tem sido um momento de reconstrução e reencontro com a vitória. “Estou feliz e grata com os processos. Foram inúmeros desafios, mostrando que estou no caminho certo e o quanto devemos batalhar por nossos sonhos. Estou pronta para ir em busca da medalha e fazer história novamente para o Brasil”, diz.

Ela ainda destaca que a gratidão tem sido o sentimento que a conduz neste processo. “Nenhum desafio pode parar uma pessoa que é grata, que tem vontade de vencer. Essa é minha palavra”, conclui.



Silvana Fernandes faturou a medalha de bronze nos Jogos Paralímpicos de Tóquio, disputados em 2021, e segue reinando no parataekwondo

A “canibal” de Pombal

Fome provocada pela seca de 1877, que flagelou a população nordestina, levou uma mulher na Paraíba a matar uma menina retirante para depois comê-la

Hilton Gouvêa
araujogouvea74@gmail.com

Em 2 de abril de 1877, a então Vila de Pombal, na “porta de entrada” para o Alto Sertão paraibano, distante a 397 quilômetros de João Pessoa, viveu um crime hediondo: uma prática de canibalismo. A vítima era uma menina de cinco anos, retirante da seca, provavelmente abandonada pela família na área, por falta de recursos para sustentá-la. Donária dos Anjos foi a algar, que depois foi condenada a uma “pena simbólica” de prisão. Tudo indica que os jurados a tenham reconhecido como “uma psicopata vítima da fome que assolava há quase um ano o Nordeste brasileiro naquele tempo”.

O canibalismo é um termo usado para definir a prática de indivíduos que se alimentam de outros indivíduos da mesma espécie. Ele pode ser praticado por seres humanos, embora seja frequentemente associado com a antropofagia. Já a antropofagia se refere ao consumo de carne humana dentro de um ritual religioso.

Para abrir o processo contra Donária, a Justiça denominou a vítima de Maria, por não haver parentes que a reconhecessem, nem alguém que soubesse a sua procedência. Seu desaparecimento foi notado na área do mercado de Pombal, onde pedia esmolas vestindo roupas esfarrapadas, por comerciantes já acostumados com a presença da garota. Um deles, no processo, relatou que Donária, “uma mendiga vinda das bandas de Piancó”, tinha sido vista em companhia da menina, três dias antes de partes do corpo da garota serem descobertas às margens de um riacho, embaixo de uma oitica.

Quem primeiro fez a descoberta macabra do cadáver foram os cães da região e vizinhos chamaram a polícia. Presa, Donária não negou o crime e confessou o fato com riqueza de detalhes, conforme diz o pesquisador Wilson Seixas. Ele descobriu detalhes desse caso em autos arquivados no Cartório de Primeiro Ofício de Pombal.

A Pesquisa de Seixas despertou a curiosidade do historiador Verneck Abrantes, que esmiuçou os autos e transformou seu conteúdo em livro. Já Tatiana Ribeiro de Lima, para concluir seu curso universitário, elaborou a tese ‘Antropofagia: Sagrado Crime ou Pecado?’, enfocando o canibalismo ocorrido em Pombal entre os assuntos de um trabalho apresentado ao Departamento de Ciências da Religião da Universidade Federal da Paraíba (UFPB).

■ A menina Maria desapareceu na área do mercado público de Pombal, onde pedia esmolas para matar a fome



Ilustração: Tônio

Pés, mãos e cabeça enterrados e o restante foi cozido

O jornal paraibano O Publicador exibiu a manchete do crime na primeira página, com letras propositalmente grandes, em 24 de abril de 1877, 24 dias após o crime. Segundo o noticiário, Donária avistou a menina sozinha e a atraiu para sua casa, prometendo-lhe abrigo e alimentação. A casa da “mendiga” ficava a quase dois quilômetros do Centro de Pombal, ao lado de um cemitério, um riacho e uma oitica. Ela fez a menina entrar para o casebre, asfixiou-a e lhe retalhou o corpo.

Os pés, as mãos e a cabeça da menina foram conservados e enterrados, “porque tinham o sabor amargo”, segundo teria relatado Donária. As outras partes, ela cozinhou uma porção e comeu. As partes enterradas embaixo da oitica foram as que atraíram a atenção dos cães e depois os vizinhos e a polícia. Hoje, a oitica não existe mais e o riacho foi transformado em valeta de esgoto. A cabeça, desenterrada pela polícia, foi a peça estratégica do corpo para a identifica-

ção da vítima.

O Publicador discorreu sobre a paisagem sertaneja do setor do crime, citando que era comum na época da seca – principalmente a que surgiu no catastrófico ano de 1877 – as famílias abandonarem crianças nos centros dos povoados, para não morrerem de fome. E Maria era um exemplo tético dessa afirmação. As mulheres caminhavam quase nuas por não terem o que vestir. E a visão mais banal era a de crianças e adultos esqueléticos que teimavam em ficar na zona rural.

Foi num desses cenários de mórbida natureza que Donária sentou no banco dos réus e nada negou sobre o crime. As testemunhas notavam, sem muito esforço, que a fome tinha amolecido os miolos “da mendiga”, embora ela tenha deixado transparecer arrependimento. Foi condenada, mas não se sabe quantos anos cumpriu na prisão. Depois, sumiu misteriosamente.

A população local, numa tarde quente de 1879, dois anos após o crime, saíram em procissão

“Paladar”

Donária dos Anjos teria confessado que não comeu os pés, as mãos e a cabeça da menina porque “tinham o sabor amargo” e por isso ela enterrou essas partes, que foram descobertas por cães

para o lugar da morte da criança, usando uma cruz, velas e candelas. Ao anoitecer, sentaram em volta da oitica e rezaram pela alma dela, invocando chuva. Outras pessoas também imploravam água e comida às almas bondosas. Um coral improvisado suplicava chuva, cantando benditos e ladainhas.

Um vento forte surgiu do

nada, quando os fiéis se ajoelharam diante da cruz que fizeram para a menina. Depois teria vindo uma chuva torrencial seguida de relâmpagos e trovões. Os fiéis continuaram rezando e a chuva persistiu por grande parte da noite. Aquilo foi atribuído a um milagre da menina-mártir, que teria dado a vida para salvar o povo da fome. O inverno revelou-se bom no ano de 1880, tendo a menina Maria como autora do milagre, sendo ela nomeada santa pela crença popular.

Verneck Abrantes é autor de mais de 10 livros, todos considerados de grande teor histórico sobre Pombal. Entre seus trabalhos estão ‘A trajetória política de Pombal’, ‘Um olhar sobre Pombal antiga’, ‘A Cadeia Velha de Pombal’ e ‘Manifesto em Defesa do Patrimônio Histórico’, em parceria com José Tavares Neto e Belarmino de França. E ainda, com Irani Medeiros, ‘O Trovador do Sertão’. Também participou da revisão do livro ‘O Velho Arriai do Sertão’, escrito por Jerdian Nóbrega de Araújo.

Rui Carneiro

Político e advogado que começou a vida profissional como jornalista

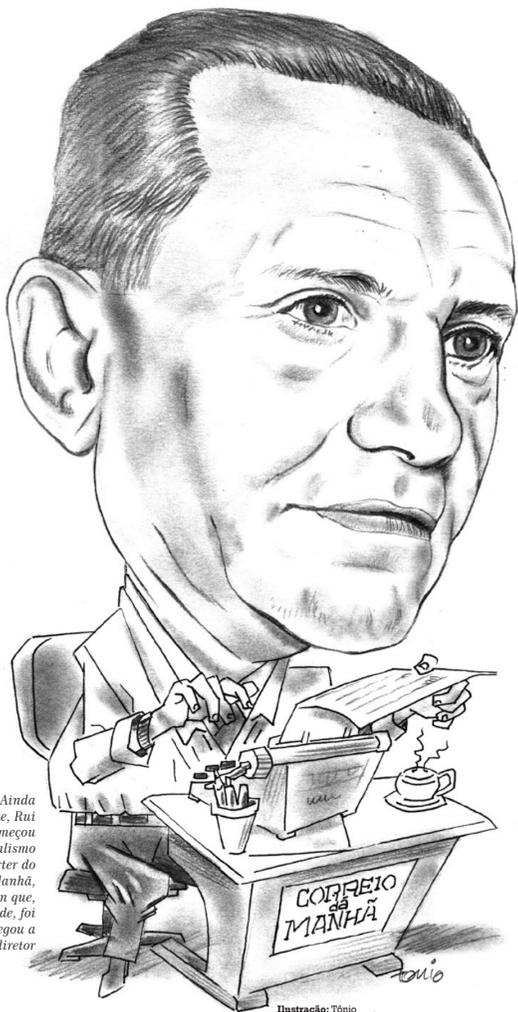


Ilustração: Tônio

Ainda estudante, Rui Carneiro começou no jornalismo como repórter do Correio da Manhã, veículo em que, mais tarde, foi redator e chegou a diretor

Da Redação

Ele entrou para a história da Paraíba como político e advogado. Todavia, Rui Carneiro iniciou a vida como jornalista. Ainda estudante, começou no jornalismo como repórter (depois redator) do Correio da Manhã, um jornal paraibano de propriedade de seu cunhado, Rafael Correia de Oliveira, veículo de comunicação que anteriormente havia pertencido ao pai de Rafael.

Rui Carneiro nasceu em Pombal, “porta de entrada” do Sertão paraibano, no dia 20 de agosto de 1906. Era filho de João Vieira Carneiro, um advogado e pequeno proprietário de terras, e de Maria Carvalho Carneiro. Seu tio Daniel Vieira Carneiro foi deputado federal pelo Ceará, de 1921 a 1923, e pela Paraíba, de 1927 a 1929; seu irmão José Janduí Carneiro foi deputado federal pela Paraíba, de 1946 a 1975; já seu primo Aleides Vieira Carneiro, deputado federal pela Paraíba, de 1951 a 1955, além de ministro do Superior Tribunal Militar (STM), de 1966 a 1976.

Após fazer os estudos primários nas cidades paraibanas de Pombal, Cajazeiras e Campina Grande, Rui Carneiro ingressou no Liceu Paraibano, hoje Instituto de Educação, na capital do estado, aí concluindo o curso secundário, em 1920, segundo registra Sílvia Pantoja, no Centro de Pesquisa e Documentação de História Contemporânea do Brasil (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Bacharelou-se pela Faculdade de Direito de Recife, em 1927, retornando à Paraíba no ano seguinte, quando assumiu o cargo de diretor do Correio da Manhã. Ligou-se nessa época, aponta Sílvia Pantoja, ao grupo de intelectuais paraibanos liderado pelo advogado João da Mata Correia. Por meio do Correio da Manhã, Rui Carneiro fez a campanha da Aliança Liberal, defendendo as candidaturas de Getúlio Vargas e de João Pessoa, presidentes, respectivamente, do Rio Grande do Sul e da Paraíba, à Presidência e à vice-presidência da Repúbli-

ca nas eleições de março de 1930.

Apoiou igualmente João Pessoa no episódio da Revolta de Princesa, movimento de oposição ao governo estadual deflagrado em fevereiro de 1930 em Princesa, atual Princesa Isabel, no Sertão paraibano, sob a liderança de José Pereira, que contava com o apoio do Governo Federal. Com a derrota da chapa aliancionista nas eleições e com o assassinato de João Pessoa, em 26 de julho de 1930, intensificaram-se as articulações para um movimento armado destinado a afastar o presidente Washington Luís do poder.

Sob a orientação de José Américo de Almeida, então secretário da Segurança da Paraíba, Rui Carneiro engajou-se no movimento revolucionário, tornando-se ajudante de ordens do capitão Juarez Távora, o chefe militar das forças revolucionárias do Nordeste, e mais tarde do tenente Juraci Magalhães. Sob o comando desse último, na madrugada de 4 de outubro de 1930, Rui Carneiro participou do levante do 22º Batalhão de Caçadores, sediado na capital paraibana.

Estando a situação controlada, marchou com Juraci Magalhães em direção ao Sul, chegando até a Bahia, onde a resistência era maior. Após a deposição de Washington Luís em 24 de outubro, Rui Carneiro regressou à Paraíba, onde reassumiu a direção do Correio da Manhã, permanecendo no jornal até o ano seguinte, quando foi nomeado oficial de gabinete de José Américo de Almeida, por sua vez designado ministro da Viação e Obras Públicas.

O paraibano de Pombal então transferiu-se para o Rio de Janeiro, na época Distrito Federal. Manteve o cargo no ministério mesmo após a exoneração de José Américo, em 25 de julho de 1934, e sua substituição por João Marques dos Reis. Nas eleições de 14 de outubro de 1934 para a Câmara dos Deputados, Rui Carneiro elegeu-se primeiro suplente para Paraíba na legenda do Partido Progressista, fundado no ano anterior sob a orientação de José Américo.

Deputado federal, advogado e interventor da Paraíba

Com a renúncia do deputado Isidoro Gomes, Rui Carneiro assumiu uma cadeira na Câmara, em 3 de maio de 1935, afastando-se do Ministério da Viação e Obras Públicas. Seu mandato foi encerrado em 10 de novembro de 1937, com o golpe do Estado Novo. Com a nomeação de João Marques dos Reis para a presidência do Banco do Brasil ainda em 1937, Rui Carneiro aceitou o convite para ser seu secretário. Nomeado advogado do banco algum tempo depois, dele se afastou provisoriamente em 16 de agosto de 1940, quando, por sua estreita ligação com Getúlio Vargas, foi nomeado interventor na Paraíba.

Seu antecessor, Argemiro de Figueiredo, fora demitido do cargo em decorrência da forte oposição desencadeada por Epitácio Pessoa Cavalcanti de Albuquerque, filho de João Pessoa e figura de grande prestígio junto ao poder central.

Durante a administração de Rui Carneiro, foi inaugurada a estrada de rodagem ligando a cidade de João Pessoa ao Porto de Cabedelo, através da qual seriam escoados os produtos do interior. Entre outras realizações, o interventor construiu o Manicômio Judiciário Heitor Coutinho, a

Maternidade Cândida Vargas, a Penitenciária Modelo de Mangabeira e o Centro de Reabilitação Social da Mulher.

Em 15 de setembro de 1945, já no final do Estado Novo, Rui Carneiro exonerou-se e foi substituído pelo até então secretário do Interior e de Segurança Pública do Estado, Samuel Vital Duarte. Assumiu nesse momento a presidência da seção paraibana do Partido Social Democrático (PSD), que ajudara a organizar naquele ano, e retornou às suas atividades no Banco do Brasil.

Em 1946, Rui Carneiro solicitou nova li-

cença ao banco para concorrer às eleições de janeiro de 1947 para a Assembleia Legislativa. Após ter sido diplomado, renunciou ao mandato para assumir o cargo de superintendente da Organização Henrique Laje, à qual, após a morte de seu fundador, fora transferida para o Governo Federal. A organização era proprietária da Companhia de Navegação Costeira, que abrangia, entre outras empresas, o Lóide Nacional e o estaleiro da Ilha de Viana (RJ). Rui Carneiro permaneceu na organização até 1948, quando assumiu a diretoria do Banco Lar Brasileiro.

Candidaturas e mandatos de senador pelo estado

Em 1950, Rui Carneiro deixou o Banco Lar Brasileiro para concorrer ao Senado pela Paraíba nas eleições de outubro, contando com o apoio de uma coligação formada pelo PSD, o Partido Libertador (PL) e o Partido Socialista Brasileiro (PSB). Conseguindo eleger-se, iniciou em fevereiro de 1951 um mandato que se encerraria em janeiro de 1959.

Participou no Senado das comissões de Constituição e Justiça, de Serviço Público Civil, de Legislação Social, de Consolidação das Leis do Trabalho e de Estudo da Lei do Inquilinato. Integrou ainda as comissões especiais de Estudo dos Problemas das Secas do Nordeste e de Estudo dos Projetos de Reforma Constitucional.

Nas eleições de outubro de 1958, reelegeu-se senador na legenda do PSD para um mandato que se estenderia de fevereiro de 1959 a janeiro de 1967. Em 1961, como membro da Comissão do Polígono das Secas, integrou a delegação que, a

convite do governo norte-americano, visitou o oeste dos Estados Unidos. Em setembro desse mesmo ano, integrou a delegação brasileira à XVI Assembleia Geral das Nações Unidas.

Fez parte ainda das comissões permanentes de Legislação Social, de Educação e Cultura, de Segurança Nacional e Relações Exteriores, e de várias comissões especiais de Estudo dos Projetos de Emenda à Constituição. Em 1964, foi eleito presidente da Comissão do Polígono das Secas, posto para o qual seria sucessivamente reeleito até o ano de 1970.

Em 3 de outubro de 1965, Rui Carneiro concorreu às eleições para o governo da Paraíba apoiado pelo PSD, PSB e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Foi derrotado por João Agripino, candidato da coligação formada pelo Partido Democrata Cristão (PDC) e a União Democrática Nacional (UDN).

Com a extinção dos partidos políticos

pelo Ato Institucional Nº 2 (27/10/1965) e a posterior instauração do bipartidarismo, filiou-se ao partido de oposição, o Movimento Democrático Brasileiro (MDB), após consultar o ex-líder do PSD Filinto Müller. Ainda em 1965, foi eleito presidente da seção paraibana do MDB, posto que ocuparia até 1973.

Nas eleições de novembro de 1966, foi pela terceira vez eleito senador pela Paraíba na legenda de seu novo partido. Iniciando o mandato em fevereiro de 1967, ainda nesse ano tornou-se membro da Comissão de Legislação Social. No ano seguinte, integrou as Comissões de Estudos para Alienação e Concessão de Terras Públicas e Povoamento, e do Serviço Público Civil. Em 1971, foi eleito segundo vice-presidente do Senado, posto que ocuparia até fins de 1974. Foi membro ainda da Comissão de Assuntos Regionais, da Comissão de Finanças e da Comissão do Distrito Federal, da qual foi eleito vi-

ce-presidente em 1973.

Reeleito senador pela quarta vez em novembro de 1974, iniciou o que seria seu último mandato em fevereiro de 1975 como suplente do primeiro-secretário do Senado. Ainda nesse ano, foi eleito titular da Comissão de Finanças e suplente da Comissão de Legislação Social e Saúde. Durante sua permanência no Senado, caracterizou-se como getulista, tendo pronunciado discursos anuais em memória do ex-presidente.

Rui Carneiro morreu em Brasília, no dia 20 de julho de 1977, um mês antes de completar 71 anos. Sua vaga no Senado foi preenchida por Evandro Cunha Lima. Rui foi casado com Alice de Almeida Carneiro, que durante longo tempo presidiu a seção paraibana da Legião Brasileira de Assistência (LBA). Como interventor, Rui Carneiro foi o 21º governador da Paraíba, no período de 16 de agosto de 1940 a 15 de julho de 1945.

Angélica Lúcio

Da arte de ouvir o outro e pensar em pautas

Nesta semana passada, precisei ir à Casa da Cidadania para solicitar a segunda via da minha carteira de identidade. Enquanto esperava o shopping abrir, fiquei observando um moço de bermuda e sem camisa que chamava a atenção das pessoas que ali se encontravam. O rapaz andava e falava alto, quase gritando:

“Foram prender minha mãe agora! Jesus que não deixou! O Sol, o Sol está me seguindo! Explica, irmão”, o moço exclamava, enquanto olhava para as pessoas amontoadas em frente ao shopping. “Queriam prender minha mãe na covardia! Cada vez piora, irmão! Deus está ou não está do nosso lado? Olha aí”, ele falava ao mesmo tempo que apontava para o céu: “Vocês são uns incrédulos! Veem um milagre e não acreditam!”

Eu observava atenta o rapaz e fiquei intrigada quando o ouvi falar “incrédulo”. Pensei na hora: é alguém que estudou, que gosta de ler, pois tem um bom vocabulário. Por que será que está na rua? Será que é usuário de drogas? Será que a polícia foi mesmo à procura para o céu: “Vocês são uns incrédulos! Veem um milagre e não acreditam!”

Eu observava atenta o rapaz e fiquei intrigada quando o ouvi falar “incrédulo”. Pensei na hora: é alguém que estudou, que gosta de ler, pois tem um bom vocabulário. Por que será que está na rua? Será que é usuário de drogas? Será que a polícia foi mesmo à procura para o céu: “Vocês são uns incrédulos! Veem um milagre e não acreditam!”

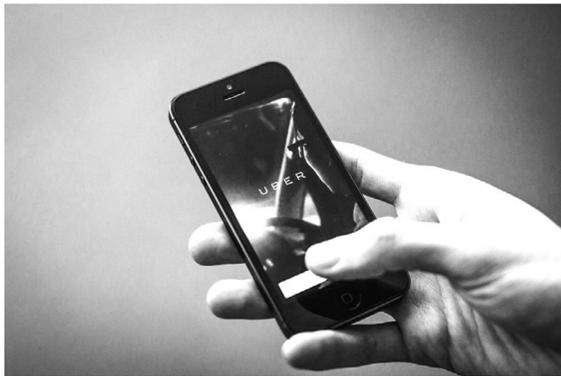


Foto: Pixabay

casa. Mal entro no carro, o motorista fala: “Tem cada doido, né?”, e aponta para fora do veículo. Lá estava o rapaz que eu vi mais cedo, ainda gritando porque estava sendo seguido pelo Sol.

E o motorista do Uber acrescentou: “Mas talvez esse não seja doido de verdade, não. Tem outros mais doidos”, disse. Fiquei curiosa e dei corda: “É mesmo? Como assim?”. E ele falou: “Agorinha mesmo, na minha primeira corrida do dia, uma médica esqueceu no meu carro uma bolsa. Mas eu só vi na segun-

da corrida quando um passageiro disse que tinha uma bolsa no banco”. “Era bem pequena, né?”, comentei. “Que nada, olha aqui o tamanho!”. No banco da frente, havia uma bolsa grande, de marca, coberta por algo que imaginei ser uma fralda.

E o motorista prosseguiu. “Tem muito doido mesmo, muito passageiro doido, tudo esquecido ou ligado no celular. Acredita que outro dia uma moça esqueceu um bebê no meu carro?”. “Náoooo”, eu falei espantada. “Vocês perceberam quando ele chorou?”, perguntei. “Não,

eu nunca olho para trás. Foi uma passageira da viagem seguinte”, disse.

E continuou a me contar a história: após ver o mené, dormindo em um bebê conforto, ele ficou assustado e decidiu dar umas voltas no bairro onde estava, para ver se encontrava o endereço onde havia deixado a mãe do bebê. Lá, além da passageira, encontrou o marido dela, uma viatura da polícia e a sogra da pobre mulher, a exclamar que havia avisado ao filho para não casar com aquela moça...

Até eu chegar em casa, numa viagem que durou cerca de 20 minutos, ouvi histórias de gente que esqueceu de tudo no “uber”: mochila; comida; ventilador novinho (ainda na caixa); bolsa grande, bolsa pequena; e mais uma infinidade de coisas. Também ouvi do motorista que, um dia, uma mulher quis fazer uma corrida levando um bode junto: “Um bode grande, grande e fedido!”. Mas ele se negou.

Cheguei à minha casa morrendo de rir das peripécias do motorista e pensando como isso daria ótimas matérias. A propósito: a empresa Uber divulgou este ano quais itens os passageiros mais esqueceram nos veículos em 2022. Dentre eles, cinco se destacam dado o volume de ocorrências: mochilas; roupas; carteiras ou bolsas; celulares e/ou câmeras fotográficas; fones de ouvido e/ou caixinhas de som. Em tempo: eu tinha ido ao shopping para fazer a segunda via do meu RG, eu perdi dentro de uma bolsinha (junto com o cartão do banco) em um “uber”.

Tocando em Frente



O lado “b” da Jovem Guarda – Parte II

Já lhes falei, aqui na coluna, a respeito de Paulo Sérgio, mas volto ao mesmo personagem, em função da pertinência do tema lado “b” da Jovem Guarda.

Paulo Sérgio (de Macedo), como Roberto Carlos, era capixaba (Alegre-ES, 10 de março de 1944 – São Paulo, 29 de julho de 1980). Ele surgiu mais participativo no universo musical em 1968, já quase no final das apresentações do programa ‘Jovem Guarda’. Menos adepto do rock, enveredou pelo estilo baladista, cujas letras de músicas que compunham o seu repertório faziam com que ele fosse até rotulado como adepto de um estilo considerado brega-romântico.

Quando se trata de repertório musical, uma referência que se faz a Roberto Carlos tem tudo a ver com a semelhança vocálica entre os dois, o que levou alguns periódicos da época a considerá-lo apenas um imitador do contrérâneo. Tanto é assim que – acreditava-se – não foi fora de propósito que Roberto Carlos, em 1968, lançou o seu álbum ‘O Inimitável... Ou teria sido “mera coincidência”? O fato é que o grande sucesso de Paulo Sérgio foi ‘A Última Canção’, também de 1968, uma criação de um Carlos Roberto, bem ao estilo do que os fãs daquele gostavam de ouvir. A própria imprensa fazia questão de considerá-lo um substituto ideal de Roberto Carlos. Em entrevista da época, Paulo Sérgio, interrogado sobre essas controvérsias jornalísticas, colocou “panos frios” no assunto, quando declarou ser Roberto Carlos um “fenômeno” e ser “seu grande ídolo”...



Foto: Reprodução

Tudo em torno da carreira de Paulo Sérgio faz com que ele ainda seja considerado um “lado b” no universo musical consagrado como Jovem Guarda.

Já enveredando pelos caminhos musicais interpretativos, desde a primeira infância, após participar com sucesso de concursos radiofônicos musicais, costumava se apresentar em festas e ambientes domésticos e escolares. Em meados dos anos de 1950, a família mudou-se para o Rio de Janeiro. Quando aos 15 anos ele concluiu o Curso Ginásial no Colégio Pedro II e conseguiu um emprego em uma loja de discos (Casas Rei da Voz), começou a aperfeiçoar seus dotes violonísticos. No início da década de 1960, faz sua primeira apresentação pública em programas televisivos, como o ‘Hoje é dia de rock’, do conhecido apresentador Jair de Taumaturgo e no ‘Clube

do Rock’, de Rossini Pinto. Somente em 1966, aos 22 anos, é que se aventurou a buscar um espaço maior no ambiente musical, almejando se tornar, nos seus dizeres, “um novo rei do jê-jê-jê brasileiro”. Obviamente, dentro do clima de louvação que se fazia a Roberto Carlos, tal declaração certamente acirrou os ânimos dos “súditos” do rei RC.

Um empresário, olheiro da pequena gravadora Beverly, ouvindo-o, interessou-se por fazer dele um astro da música, com uma condição: deixasse de ser apenas um imitador do contrérâneo RC. A reação dele foi imediata: “Queriam que eu cantasse com voz diferente e me faziam gravar a mesma música mais de cinquenta vezes. Admito que a minha voz, realmente, se parecia com a de Roberto... Mas, fazer o quê? Então eu me enfezei e desisti daquela gravadora...”

Experts do mundo musical acreditavam, então, que, como o sucesso musical de Roberto Carlos estava arrefecendo, estava no momento de investir em um seu “possível sucessor”. Uma verdadeira engenharia foi armada para se alcançar o objetivo desejado. A estratégia vinha dando certo: o álbum (LP) ‘Paulo Sérgio – Vol. 1’ venderia 150 mil cópias, número bastante convincente para a época. Apesar dos pesares, revistas e disc-jockeys continuavam a tratá-lo como um imitador. Criava-se, assim, uma polêmica que apenas alimentava as colunas especializadas. Mas, aos poucos, Paulo Sérgio foi se libertando desse estigma e tornou-se um dos grandes ídolos da música jovem.

Ainda no final da década de 1960, moços de 22 anos, é que se aventurou a buscar um espaço maior no ambiente musical, almejando se tornar, nos seus dizeres, “um novo rei do jê-jê-jê brasileiro”. Obviamente, dentro do clima de louvação que se fazia a Roberto Carlos, tal declaração certamente acirrou os ânimos dos “súditos” do rei RC.

Um empresário, olheiro da pequena gravadora Beverly, ouvindo-o, interessou-se por fazer dele um astro da música, com uma condição: deixasse de ser apenas um imitador do contrérâneo RC. A reação dele foi imediata: “Queriam que eu cantasse com voz diferente e me faziam gravar a mesma música mais de cinquenta vezes. Admito que a minha voz, realmente, se parecia com a de Roberto... Mas, fazer o quê? Então eu me enfezei e desisti daquela gravadora...”

Experts do mundo musical acreditavam, então, que, como o sucesso musical de Roberto Carlos estava arrefecendo, estava no momento de investir em um seu “possível sucessor”. Uma verdadeira engenharia foi armada para se alcançar o objetivo desejado. A estratégia vinha dando certo: o álbum (LP) ‘Paulo Sérgio – Vol. 1’ venderia 150 mil cópias, número bastante convincente para a época. Apesar dos pesares, revistas e disc-jockeys continuavam a tratá-lo como um imitador. Criava-se, assim, uma polêmica que apenas alimentava as colunas especializadas. Mas, aos poucos, Paulo Sérgio foi se libertando desse estigma e tornou-se um dos grandes ídolos da música jovem.

A lamentável circunstância em que se deu o seu desenlace, aos 36 anos, faz com que o nome dele ainda seja celebrado por devotos fãs. Um enfarte fulminante, acontecido durante uma sua apresentação em um circo, em Itapeperica da Serra, interior paulista, fazia terminar uma carreira que ainda prometia voos maiores, mas que se findou antes do tempo.

Professor Francelino Soares
francelino-soares@bol.com.br

angelicalucio@gmail.com



GINOFOBIA

Homem se isola há 55 anos com medo das mulheres

Virgem aos 71 anos, ele construiu uma cerca de quase cinco metros em torno de sua casa

Da Redação

Ainda virgem aos 71 anos, Callixte Nzamwita ainda se sente “muito assustado” na presença de uma pessoa do sexo feminino. Ele se trancou em casa aos 16 anos para não conviver com mulheres por causa de uma fobia. Mesmo assim, apesar do medo à presença feminina, sua vida ainda depende de mulheres.



Callixte Nzamwita se trancou em casa aos 16 anos

Em torno da sua residência, em Ruanda, um país da África Oriental, ele construiu uma cerca de quase cinco metros de altura para garantir que nenhuma mulher entrasse. Uma forma de aviso para o sexo feminino de que não é bem-vindo à sua casa. Cerca de 55 anos se passaram e Callixte Nzamwita continua entrincheirado, sozinho. Sempre que vê uma mulher por perto, ele corre para dentro de casa e se tranca, aterrorizado.

Tomás Guimarães, no Site Zap, registra a confissão sem escrúpulos de Callixte: “Tranquei-me e tenho uma cerca na minha casa porque quero certificar-me que as mulheres não se aproximem de mim”. De acordo com o jornal The Mirror, que compartilhou a história do ruandês, pessoas do sexo feminino fazem o homem se sentir “muito assustado”.

Por mais contraditório que pareça, a vida de Callixte depende de mulheres, mais especificamente as suas vizinhas da aldeia onde mora, em Ruanda. “Estranhamente, apesar de temer mulheres, somos nós que lhe levamos comida e coisas que ele precisa. Quando o tentamos ajudar,

ele não quer que cheguemos perto dele ou que falemos com ele”, diz uma das “amigas inimigas” do homem, que confessa que quase nunca o viu sair de casa desde que era criança, tudo por causa do pavor que guarda pelas mulheres em geral.

“Atiramos as coisas para dentro de casa e ele vem e apanha. Não nos deixa chegar perto, mas aceita o que lhe damos, à distância”, afirma a vizinha. Mas Callixte não está apenas preso em sua casa. Está também preso a uma condição psicológica extrema conhecida como ginofobia, medo irracional de mulheres. O medo intenso, irracional, persistente e patológico de mulheres, conhecido como ginofobia, não é oficialmente reconhecido como um distúrbio mental, mas é aceito como uma fobia.

Essa condição psicológica pode ser desencadeada por experiências passadas, traumas ou até pela socialização e cultura. No caso de Callixte, a origem não é conhecida. Pessoas com ginofobia podem experimentar

sintomas típicos de ansiedade, como suor excessivo, taquicardia, falta de ar, náuseas ou ataques de pânico. Para chegar a esse ponto, em casos mais extremos, basta pensar na figura feminina.

É importante destacar que a ginofobia é uma condição totalmente diferente da misoginia, a aversão ou ódio por mulheres. O tratamento para a condição geralmente envolve terapia, nomeadamente cognitivo-comportamental, que ajuda a pessoa a identificar e alterar padrões de pensamento e comportamento negativos.

Em alguns casos, podem ser utilizados medicamentos para tratar os sintomas avassaladores de ansiedade. A exposição gradual e controlada à fonte do medo, sob orientação profissional, também pode ser eficaz, mas o tratamento varia, como qualquer condição psicológica, de caso para caso.

Apesar das limitações diárias, o ruandês se diz satisfeito com a vida que leva e não tem planos de mudança. “A maneira como vivo me é suficiente. Não tive qualquer ideia de ter uma mulher e estou satisfeito com isso”, afirma, de acordo com outro jornal, o DailyMail.



Aponte o celular para o QR Code e conheça um pouco mais da história do ruandês que sofre de ginofobia



Charada

Francelino Soares:
 francelino-soares@bol.com.br

Resposta da semana anterior: capital europeia (2) = Roma + achava graça (2) = ria. **Solução:** romaria (4). **Charada de hoje:** quando está em atividade (4), a corrente fluvial (2) beneficia o servidor (6).

Tiras

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com

O Conde



Zé Meiota



Eita!!!

Bilhões de dólares na economia

Black Friday movimentou bilhões de dólares na economia global e se tornou um tradicional evento de vendas anual. Este ano, o evento de vendas acontecerá oficialmente na próxima sexta-feira (24). Celebrado no Brasil desde 2010, a data vem ganhando cada vez mais popularidade e se tornou referência de ofertas especiais em diversas categorias, como eletrônicos, produtos de beleza e itens para casa.

Crise financeira e trânsito

Há algumas controversas em relação à origem do nome. A primeira e famosa teoria afirma que o termo surgiu em 1869, após uma crise financeira ligada diretamente ao mercado de ouro nos Estados Unidos. Outra sugestão aponta que a expressão teria nascido nos anos de 1960, na cidade norte-americana da Filadélfia, pois toda sexta-feira, após o Dia de Ação de Graças, era de grande movimento em lojas, causando diversos congestionamentos no trânsito local. Assim, os policiais batizaram o dia como Black Friday.

Impacto ambiental e poluição

O Black Friday também tem um impacto ambiental significativo, por gerar mais consumo de bens e serviços, o que, automaticamente, resulta em mais resíduos e poluição. Algumas empresas têm adotado medidas para minimizar os impactos da data no setor ambiental. Uma das ações é oferecer descontos super atrativos para clientes levarem suas próprias sacolas e embalagens.

Eletrônicos encabeçam lista

A categoria de eletrônicos encabeça a lista dos mais vendidos durante o evento de consumo. No ano passado, representou 44% das vendas na Black Friday no Brasil. Além disso, roupas e acessórios, produtos de beleza e perfumaria vêm em seguida, entregando 19% e 9% de vendas, respectivamente.

Maior dia de compras

Considerado o maior dia de compras nos Estados Unidos, tendo movimentado mais de 10,9 bilhões de dólares no país em 2022, a Black Friday também é destaque de vendas no Brasil e movimentou a economia brasileira de forma impressionante. No ano passado, houve um aumento de 30,8% em relação a 2021, o que resultou em mais de R\$ 10,4 bilhões.

9 erros

Antonio Sá (Tônio): ocondesa@hotmail.com



Solução

1 - cavanhague; 2 - baba; 3 - rôtilo; 4 - haste dos óculos; 5 - dente; 6 - chapéu; 7 - pedra; 8 - rabo do rato; 9 - haste dos óculos.

SENTIMENTOS

Empatia: um por todos e todos por um

Solidariedade e suas várias formas em meio a uma sociedade cada vez mais materialista e individualista

Sara Gomes
sara.gomesreporteruniaio@gmail.com

Solidariedade é um substantivo feminino que indica a qualidade de solidário através de um sentimento de empatia em relação ao sofrimento do outro. As pessoas costumam reconhecer ações solidárias em datas simbólicas ou quando se deparam com acontecimentos que necessitem de ajuda humanitária, a exemplo de campanhas de doações, desastres ambientais e a pandemia de Covid-19. No entanto, o conceito de solidariedade social foi elaborado pelo sociólogo Émile Durkheim na obra da divisão do trabalho social, em que Durkheim argumentou que a solidariedade é a coesão que mantém uma sociedade unida.

Ao se debruçar sobre o estudo da sociedade industrial do século 19, Durkheim percebeu a importância de se compreender os fatores que explicariam a organização social. A professora de Sociologia Anna Kristyna Barbosa, do Instituto Federal do Rio Grande do Norte Zona Norte (IFRN), explica que Durkheim identificou dois tipos principais de solidariedade: a mecânica e a orgânica. “A mecânica se baseia na semelhança e na conformidade nas sociedades tradicionais, a orgânica surge em sociedades mais complexas (industrial). A solidariedade mecânica é mantida pela semelhança, enquanto a orgânica é mantida pela divisão do trabalho e a interdependência”, diferencia.

De acordo com Anna Kristyna, a solidariedade pode ser percebida de várias formas: no cotidiano, quando as pessoas ajudam umas às outras em momentos de necessidade, demonstrando empatia e apoio; o que move as ações voluntárias é o espírito de solidariedade, a exemplo do trabalho em organizações sem fins lucrativos, já que as pessoas se dedicam a causas comunitárias sem esperar nada em troca; na sociedade, a solidariedade está presente em instituições sociais, como sistemas de segurança social, que buscam garantir o bem-estar de todos os membros da comunidade.

A socióloga enfatiza que a solidariedade é um princípio fundamental para o funcionamento saudável de qualquer sociedade. “Ela promove a coesão social, o bem-estar comum e a capacidade de enfrentar desafios coletivos. A empatia, a responsabilidade social e a participação cidadã desempenham papéis cruciais na construção da solidariedade e na busca por um mundo mais justo e equitativo”, diz.

Princípios

Solidariedade promove a coesão, o bem-estar comum e a capacidade de enfrentar desafios coletivos; são papéis cruciais a empatia, a responsabilidade social e a participação cidadã



Foto: Pixabay

Solidariedade, em geral, pode ser percebida no cotidiano, quando as pessoas ajudam umas às outras dando apoio em momentos de necessidade

O que leva uma pessoa a ser solidária?

Não há uma motivação específica para a solidariedade. Muitas vezes, a iniciativa surge a partir de um sentimento de inquietação diante de uma realidade tão diferente do cotidiano da pessoa ou pelo convite desprezioso de um amigo para uma ação social, despertando a necessidade de servir ao próximo.

Para a psicóloga Danielle Azevedo, o sentimento de solidariedade pode surgir por diversas razões; seja porque a boa ação preenche a si mesmo, mas também pela compreensão que aquela atitude pode amenizar o sofrimento do outro, por exem-

plo. “Todas as nossas ações passam pelo processo de empatia, pois envolvem a compaixão e a compreensão do sentimento para com o outro. A forma como você lida com a solidariedade diz muito sobre a sua construção social, valores e até mesmo do seu caráter”, analisa.

O sentimento de solidariedade aflorou na pandemia do novo coronavírus, que provoca a Covid-19. Grupos sociais se mobilizaram para arrecadar alimentos e doativos para pessoas em situação de vulnerabilidade, vizinhos se ofereceram para fazer a feira de idosos e o número de doações para a causa animal duplicou. No entanto, a psicóloga lembra que escolher utilizar máscara foi uma ação solidária que controlou a disseminação da Covid-19.

“As pessoas estavam sendo solidárias com pessoas que nem conheciam, porém, que dividiam do mesmo sentimento quanto ao cenário. Na maioria dos casos, a mesma angústia, dor e preocupação. Mesmo se tratando de uma medida sanitária, podemos fazer uma analogia desse ato com a solidariedade. Quando o indivíduo toma iniciativa de agir dessa maneira, ele cuida da sua saúde e da dos outros. Por outro lado, as pessoas que não se vacinaram no tempo determinado ou que não usaram máscaras foram julgadas pelas suas decisões desprovidas de solidariedade ou, até mesmo, nem se sentiam culpadas, devido serem munidas de um egocentrismo patológico ao ponto de desmerecer a vida do outro”, avalia a psicóloga.

A Psicologia compreende as relações humanas a partir de como cada indivíduo percebe o mundo e as pessoas ao seu redor, reflete diretamente nas suas atitudes. “Pessoas que só vivem a sua própria realidade, provavelmente, não serão conscientes do que acontece ao seu redor e, sim, egoístas. Dificilmente, essa pessoa assumirá um papel empático e solidário se não estiver disposta a compreender o outro”, aponta.

No entanto, Danielle Azevedo esclarece que pessoas pouco empáticas podem apresentar característica de algum tipo de transtorno de conduta ou personalidade. “Se não existe amparo afetivo, posso estar fazendo referência a um paciente narcisista ou com traços de psicopatia. Afinal, essa esfera comportamental enaltecendo a empatia fica muito fora de cogitação na vida das pessoas que possuem transtornos de personalidade vinculados ao egocentrismo. Ou seja, a falta de atitudes solidárias pode estar associada a queixas de natureza patológica”, alerta a profissional.



Foto: Arquivo Pessoal



À empatia, a responsabilidade social e a participação cidadã desempenham papéis cruciais na construção da solidariedade e na busca por um mundo mais justo e equitativo

Anna Kristyna Barbosa



Foto: Alex Chico



A forma como você lida com a solidariedade diz muito sobre a sua construção social, valores e até mesmo do seu caráter

Danielle Azevedo

Motivação

Muitas vezes, a solidariedade surge a partir de um sentimento de inquietação diante de uma realidade tão diferente do cotidiano da pessoa ou pelo convite para uma ação social

ESPONTANEIDADE

Semelhança à compaixão e à caridade

Para professor, ser solidário é ajudar alguém de todo o coração, sem interesse e independente de religião

Sara Gomes
saragomesreporteruniaio@gmail.com

A solidariedade é um sentimento espontâneo, que se assemelha à compaixão, amor ao próximo e caridade. Na perspectiva de Severino Celestino, professor aposentado de Ciências das Religiões da

Universidade Federal da Paraíba (UFPB), isso corrobora com o ensinamento que Jesus Cristo deixou à humanidade: “Amai-vos uns aos outros, como eu vos amei (João 13:34). Jesus é o nosso maior exemplo de caridade, amor ao próximo e serviço sem esperar nada em troca. Ser so-

lidário é ajudar alguém de todo o coração, independente de religião. Outro exemplo na Bíblia é a Parábola do Bom Samaritano (Lucas 10:25-37), em que apenas o terceiro homem ajudou uma pessoa ferida na estrada”, contextualiza Celestino.

Na Doutrina Espírita,

doar uma cesta básica ou um enxoval de bebê a uma mãe, por exemplo, não significa que o praticante está buscando a salvação através da caridade. Severino Celestino explica que o propósito do Espiritismo é a evolução espiritual, a caridade é um princípio da doutrina. “Entende-

mos isso como um gesto de solidariedade. É uma forma de dizer a quem precisa que não somos indiferentes ao seu sofrimento”, revela.

Todo ser humano é capaz de sentir solidariedade pelo próximo, mas o indivíduo também aprende pelo exemplo. Segundo Celestino, a fa-

mília é responsável pela educação, moral e ética. “A escola fornece o conhecimento e a cidadania, já a sociedade remete à cultura de um povo. Se os pais ensinarem a criança pelo exemplo, o sentimento de solidariedade e amor ao próximo vai aflorar nela”, ensina o professor.

Solidariedade na perspectiva da Filosofia

Fundamentando-se na lógica dialética, a Filosofia diz que todos os indivíduos são iguais, no entanto, o escritor e professor de Filosofia José Flávio da Silva explica que a diferença no possuir forma a antítese, indicando a síntese humana do “eu e tu”. Na Filosofia, esse momento é citado por Martin Buber: “Os homens se ligam entre si e se reúnem, sob a égide de laços mútuos. Na qualidade de pessoas ao mesmo tempo dependentes e independentes entre si”.

“Esse autor aponta características de humanidade e de identidade. Cada ser humano é diferente do outro, mas também apresenta características semelhantes, pois, no seu íntimo, existe uma essência comum a todos. O amor, por exemplo, é comum a todos, mas cada indivíduo pode ter entendimentos divergentes sobre o amor”, explica José Flávio.

No interior da Filosofia solidária observa-se outros tipos de solidariedade, divulgados nos meios de comunicação, a exemplo da caridade. “Há compaixão humana ao solidarizar-se com alguém que necessita de uma cadeira de rodas, de uma cesta básica, cuja solidariedade está no eu e tu filosófico”, exemplifica Flávio.

Na ordem econômica mundial, a solidariedade pode ser observada por meio da criação de uma cooperativa. Segundo o professor de Filosofia, isso representa uma saída ao domínio capitalista. “Na dominação capitalista, o lucro é essencial. O dinheiro por si só não protagoniza o lucro. Alguém o manipula até chegar ao lucro, essa é a ideia dominante na sociedade. A cooperativa ameniza essa ideia de lucro, levando os sócios a serem solidários entre si, pois o lucro é repartido

a todos os membros da cooperativa”, explica.

O professor José Flávio cita Fernando Bastos de Ávila, em seu livro ‘Neoliberalismo, socialismo solidarismo’, para explicar o solidarismo cristão. “Esse conceito se baseia em fundamentos éticos, morais e religiosos. Existem valores morais absolutos de lealdade, de verdade, de justiça, de amor, que são válidos sempre e em toda parte, sobre os quais se fundamenta a vida social. Não são valores relativos a uma

época, válidos apenas numa determinada conjuntura histórica, e dos quais se possa abrir mão para obter um determinado fim econômico, social ou político”, declara.

Por último, o professor de Filosofia cita a Solidariedade Tupi, dos povos indígenas Potiguara e Tabajara. “Os indígenas Tupi

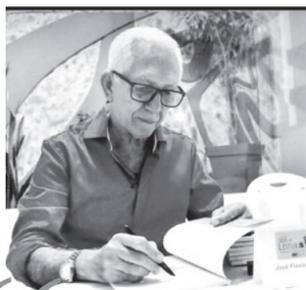
têm mostrado atos de solidariedade desde o descobrimento do Brasil. Foram solidários com quem lhe prestou solidariedade, franceses e holandeses. Foram hostis com os portugueses, pois esses queriam torná-los escravos, principalmente os potiguaras”, relembra.



“

A escola fornece o conhecimento e a cidadania, já a sociedade remete à cultura de um povo. Se os pais ensinarem a criança pelo exemplo, o sentimento de solidariedade e amor ao próximo vai aflorar nela

Severino Celestino



“

Cada ser humano é diferente do outro, mas também apresenta características semelhantes, pois, no seu íntimo, existe uma essência comum a todos

José Flávio da Silva



Foto: Pinabay

Foto: Pixabay

Foto: Arquivo Pessoal



“

Existe algo de artificial no gesto de apontar a base da solidariedade. O uso moderno do termo ‘solidariedade’ designa algo que se perdeu e que, portanto, precisa ser reconstruído

Gabriel Rezende

PRÁTICA

Equilíbrio

entre o dever e a necessidade

Movimento comportamental dos indivíduos é atravessado pela necessidade de desempenhar uma função no mundo

André Resende
 andre.resende.jornalismo@gmail.com

A sociedade contemporânea é regida por uma dinâmica que é consequência do arranjo entre a história e dos avanços tecnológicos. Todo movimento comportamental dos indivíduos nos dias atuais é atravessado pela necessidade de desempenhar uma função no mundo e de se relacionar com o outro, uma possibilidade estreitada a partir da tecnologia. É a partir da ideia do que se faz para sobreviver e de como a pessoa se relaciona com ela mesma e com os outros indivíduos, que os valores referenciais da sociedade vão sendo determinados.

O tensionamento entre o eu e o outro, o indivíduo e o coletivo, promove entendimentos que norteiam as éticas e o trato social. A percepção de que todos são seres sociais dependentes, pois a noção de sociedade pressupõe a necessidade de outros indi-

víduos para manutenção da existência, insere as pessoas em um paradoxo chamado solidariedade, uma força em que a compaixão e a cooperação são, ao mesmo tempo, um dever e uma necessidade.

O professor de Filosofia Política Gabriel Rezende, da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), explica que a definição de solidariedade é desafiadora, pois houve várias compreensões ao longo da humanidade, e traduções também variadas a partir da arte romântica, o movimento constitucionalista, os reformadores da igreja, o regresso etnonacionalista e o socialismo. Para ele, todos eles preferiram estabelecer uma religião cívica adequada aos tempos modernos, onde cada um ofereceu uma resposta diferente à pergunta pela forma e pela base da solidariedade.

“Enquanto uns apelarão para mecanismos de identificação anteriores à vida política (pertencimento a uma família, a uma etnia, a uma

nação etc.), outros privilegiarão a autonomia, o código do direito, à identidade de classe ou a dimensão mítica do fazer artístico como seu fundamento. Mesmo nos enfoques mais naturalistas e organicistas, nota-se que existe algo de artificial no gesto de apontar a base da solidariedade. O uso moderno do termo ‘solidariedade’ designa algo que se perdeu e que, portanto, precisa ser reconstruído”, avalia.

O entendimento da solidariedade, sobretudo na contemporaneidade, passa também pela forma como as pessoas assimilam outros conceitos que serviram de base compreensiva. O professor da UFPB lembra o conceito de fraternidade, um dos pilares da Revolução Francesa, um evento determinante para a forma como o Ocidente se organizaria posteriormente. A ideia de fraternidade, ou da relação entre irmãos, pressupõe uma não vigência de hierarquias, a existência de uma igualdade pura, sangui-

nea, natural.

A partir dessa igualdade em gênese, ainda que, à época não houvesse uma problematização da questão de gênero (uma vez que a fraternidade era uma menção restrita ao masculino, excluindo em sua etimologia as “sorores” que se referenciam às irmãs), é possível estabelecer a compreensão de que algo, para além das origens ou condições, ligam os indivíduos. Quase como um dever, uma responsabilidade enquanto espécie, numa perspectiva mais naturalista.

“Fala-se em solidariedade quando um responde por todos e todos respondem por um. Por um lado, a obrigação solidária é fundamentalmente artificial, só podendo ser baseada em lei ou na vontade das partes. Com isso, rompe-se com o modelo da comunidade ética natural. O cimento social precisa ser criado, inventado. Por outro lado, a solidariedade não é uma simples ligação ou identificação. É solidário aquele que responde

pelo outro, que se responsabiliza pelas ações do outro em sua totalidade”, explica Gabriel Rezende.

O ideário de solidariedade passa, necessariamente, por uma ideia de conexão harmônica, portanto por um princípio de comunhão, muito embora não deva ser confundida como doutrina, como um dogma religioso, mesmo que haja pontos de intersecção com a ética que existe em diversas religiões. A prática da solidariedade, antes de ser ação conduzida pela crença, precisa ser pela razão. Gabriel Rezende comenta que a ideia de solidariedade é mais radical do que simplesmente uma descrição dos mecanismos de coesão social.

Ele explica que o manuseio da solidariedade vem da necessidade de recompor o cimento que liga os indivíduos numa sociedade, porém não se limita a ser um vínculo ou uma identidade. “Somos desde sempre lançados a viver em sociedade, somos so-

lidários quanto às obrigações assumidas por nossos antepassados, nossos contemporâneos e nossos sucessores. Temos um destino comum unificado não por nossas identidades, mas por nossa dívida. A isso se referia Léon Bourgeois, o pai do solidarismo, quando dizia que o ‘homem é devedor ou credor de nascença’”, acrescenta.

Dessa forma, pensar a solidariedade é pensar também formas de melhorar a contemporaneidade a partir de uma responsabilidade imaterial de ser correto consigo mesmo e com os outros. “Ela representa, assim, um dever de ajuda e de apoio aos povos em luta, isto é, às populações que se levantam contra uma dominação de tipo colonial ou imperialista. É inegável que existe, aqui, uma teologia-política bastante específica a animar um ideal de ajuda e coesão. O desafio da solidariedade é pensar a imbricação dessas duas ideias”, conclui o professor da UFPB.

Solidariedade difere da ideia de caridade

A solidariedade é, portanto, um dever de ajuda dentro de uma coesão e, como dever, é uma faculdade. Não existe uma obrigação para além da própria consciência. O professor de Filosofia Política acrescenta que a prática da solidariedade também é um dilema. Porque, ao mesmo tempo em que se apresenta uma responsabilidade infinita, e em certa medida impraticável diante da finitude de tudo, inclusive dos recursos materiais, ela precisa ser instituída em práxis para se provar possível.

“Ao se comprometer a responder por outrem, o eu obriga-se a solver um débito para o qual talvez em nada tenha contribuído e cujo limite não pode ser traçado de antemão. Se sou solidário, posso ser cobrado pela integralidade da

ação do outro. Mas, ao mesmo tempo, a solidariedade precisa ser instituída, precisa tomar a forma institucional e, com isso, ser regulada.

Enquanto tal, ela já não pode ser infinita, uma vez que nossas capacidades institucionais são sempre limitadas”, explica.

O professor, entretanto, propõe ao dilema uma perspectiva a partir do pensamento do filósofo Emmanuel Lévinas, em que a solidarie-

dade envolve também a relação com um terceiro, que seria o outro do outro. “Eis a dificuldade que se apresenta nestes dois imperativos: devemos nos comprometer infinitamente, mas não podemos responder infinitamente”, comenta Gabriel Rezende, acrescentando a ideia de justiça de Lévinas, que pressupõe a organização, hierarquização e distribuição de maneira corretas dos recursos finitos.

“Toda solidariedade é infinita e limitada. A solidariedade só se exerce, nos termos aqui propostos, com algum mecanismo de seleção que, por assim dizer, contradiz nosso dever infinito. É por isso que precisamos ter clareza sobre os critérios e princípios que governam a limitação do agir solidário”, arremata.



Imagem: Pixabay

SOLIDARIEDADE

Sem esperar nada em troca

Praticar o bem, mesmo sem ser visto, pode transformar o meio coletivo e promover uma recompensa individual

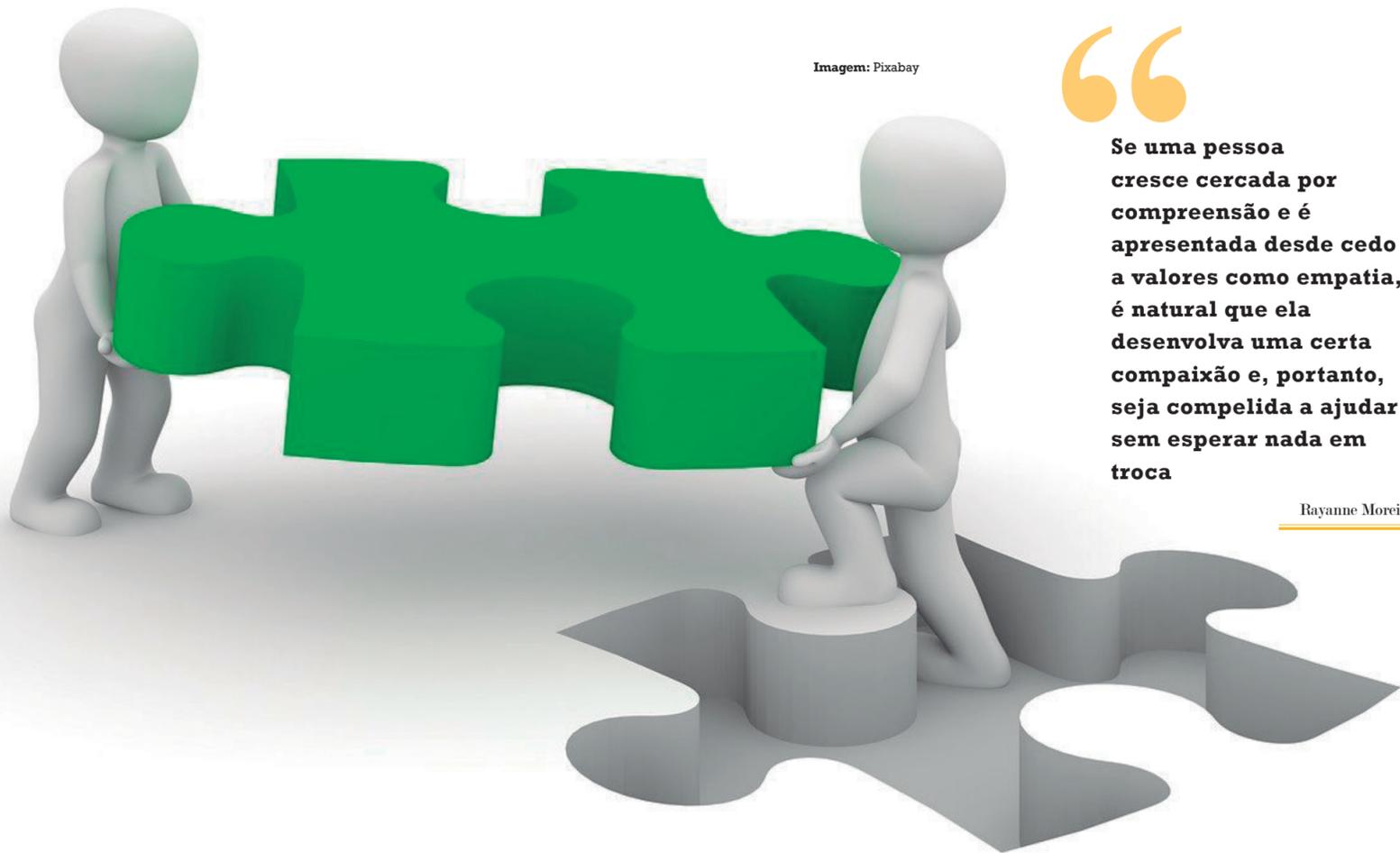


Imagem: Pixabay

“

Se uma pessoa cresce cercada por compreensão e é apresentada desde cedo a valores como empatia, é natural que ela desenvolva uma certa compaixão e, portanto, seja compelida a ajudar sem esperar nada em troca

Rayanne Moreira

André Resende
andresendejornalismo@gmail.com

Se convencionou na sabedoria popular de que o que é certo precisa ser feito mesmo que ninguém esteja vendo. A lógica por trás dessa premissa é de que o bem, quando é feito, deve ser feito sem que se espere nada em troca. Porém, é possível analisar a questão por uma outra perspectiva, em que o correto, o bom, também promove uma recompensa individual, venha ela em forma de gratidão pela pessoa que é beneficiada, seja pela simples sensação de bem-estar em ter condição de ajudar uma outra pessoa.

Dessa forma, não seria sem sentido afirmar que o bem precisa ser feito mesmo que todo o mundo esteja vendo. Existe, a partir dessa perspectiva, a ideia de que o promotor da solidariedade é consciente dos benefícios de fazer o bem, seja por compreender que a práxis também promove uma reciprocidade em sua subjetividade, mas principalmente porque o agir solidário tem a potência de desencadear uma reação em outras pessoas.

A psicóloga cognitivo-comportamental Rayanne Moreira explica que, na Psicologia, a ideia de solidariedade pode partir da ideia de alimento de vaidade, ou satisfação do ego, onde o benfeitor faz para receber elogios, ou ainda para se adequar a alguma convenção. Entretanto, se o agen-

te da solidariedade pauta sua ação pela ideia de compreensão, proveniente da forma em que sua personalidade foi desenvolvida, é uma forma solidária melhor desenvolvida.

“Se uma pessoa cresce cercada por compreensão e é apresentada desde cedo a valores como empatia, é natural que ela desenvolva uma certa compaixão e, portanto, seja compelida a ajudar sem esperar nada em troca. Acredito, ainda, que podemos agir de maneira solidária simplesmente porque sabemos que, naquele momento, aquela atitude é a melhor a ser tomada”, resalta a psicóloga.

O professor Marcelo Bispo, do curso de Ciências Sociais da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), acrescenta à discussão sobre a solidariedade o conceito de Marcel Mauss, que é sobrinho do filósofo Durkheim, de dádiva. Ele detalha que essa premissa tem a ver com o sentimento de reciprocidade.

“A ideia de dádiva tem a ver com reciprocidade. Então, o que acontece: se você der um sorriso para alguém, em geral, esse sorriso é retribuído. A outra pessoa se sente na necessidade de retribuir esse sorriso. Outro exemplo são os aniversários. Se alguém te leva um presente, no aniversário da pessoa, você sente a necessidade de retribuir. Isso é a dádiva de Mauss, que também é uma forma de soli-



Foto: Edson Matos

A ideia de dádiva tem a ver com reciprocidade. Então, o que acontece: se você der um sorriso para alguém, em geral, esse sorriso é retribuído

Marcelo Bispo

dariedade. Essa percepção de reciprocidade que a gente tem nas relações humanas, de forma que, quando a gente se relaciona, “é dando que se recebe”, comenta o professor.

Ainda segundo Marcelo Bispo, na perspectiva de Mauss, a dádiva não seria algo divino, mas uma satisfação em perceber reciprocidade, em estabelecer uma relação com o outro a partir de um gesto gentil. Porém, o professor discute ainda que a ideia de fazer sem esperar algo em troca pode ser incompleta, uma vez que, para a Sociologia, existe a questão

de se realmente não existe nada em troca.

“Na Sociologia, os autores vão dizer que sempre tem que ter uma troca. Nem que você faça para ganhar um pedacinho no céu, por exemplo. A gente pensa muito em solidariedade humana para com humanos, mas existe também essa possibilidade de solidariedade com não-humanos. Mas, se a gente for pensar, esse tipo de solidariedade com os gatos não é só com os gatos. Ela alcança, também, toda a sociedade. Se os gatos são tratados, são menos doenças que são proliferadas. Tem pessoas

que estão recebendo essa solidariedade sem nem perceber, e por vezes até criticam o trabalho de cuidado com esses gatos, que também é um trabalho de cuidado com as pessoas”, explica.

Agir solidariamente, portanto, também pode ser entendido como uma forma de criar vínculos, conexões, um ciclo virtuoso. Rayanne Moreira avalia que o bem como práxis, além de melhorar a vida de uma outra pessoa, reforça a ideia de pertencimento, de integração a um grupo, a uma comunidade, ou, ainda, a uma espécie.

“À medida que vamos agindo de forma solidária, vamos nos integrando mais e mais à sociedade. Isso ajuda a reduzir a sensação de isolamento, mas precisamos ser cuidadosos. A solidariedade é uma coisa boa, seja como virtude, seja como coesão social, seja como um instrumento para manter o convívio humano funcionando. Entretanto, é importante conhecer nossos limites. Cuidar do outro é bonito. Saber se doar é bonito. Mas dar mais do que pode é perigoso. Só podemos dar o que temos para dar, lembrando sempre de que também precisamos cuidar de nós mesmos”, alerta a psicóloga cognitivo-comportamental.

Ainda segundo Rayanne Moreira, é preciso que o gesto de solidariedade seja espontâneo, como uma extensão natural do comportamento, sob uma consciência do agir. É importante que o

agente da solidariedade entenda que, por trás do seu ato, pode haver outros atos, do outro e do terceiro, para que a ajuda e a coesão não sejam transformadas numa cadeia de exploração da bondade alheia.

“Digo isso porque já vi pessoas confundirem o agir de forma solidária com permitir uma espécie de exploração, ficar mal para garantir o que era melhor para o outro. Isso não é solidariedade. Dentro da solidariedade, existem apenas benefícios”, acrescenta a psicóloga.

Dessa forma, pode-se concluir que a solidariedade é uma condição humana em que é preciso que haja reciprocidade, que pressuponha uma ideia de troca, mas que não seja uma compulsão, algo como obrigação. Marcelo Bispo retoma a ideia de que a solidariedade também é cumprir seu dever social, compreender que o seu ato, por menor que seja, dentro da sociedade, desde que vise um bem comum, é uma forma de solidariedade. Não se precisa de muito para fazer o certo e o justo.

“Eu preciso de alguém que dirija o ônibus, alguém que seja enfermeiro e alguém que seja professor. Essas múltiplas necessidades, e as pessoas que exercem essas funções, fazem com que a gente viva em sociedade e se conecte enquanto sociedade. A gente apenas exercer nossas funções dentro da sociedade também é solidariedade”, conclui.

